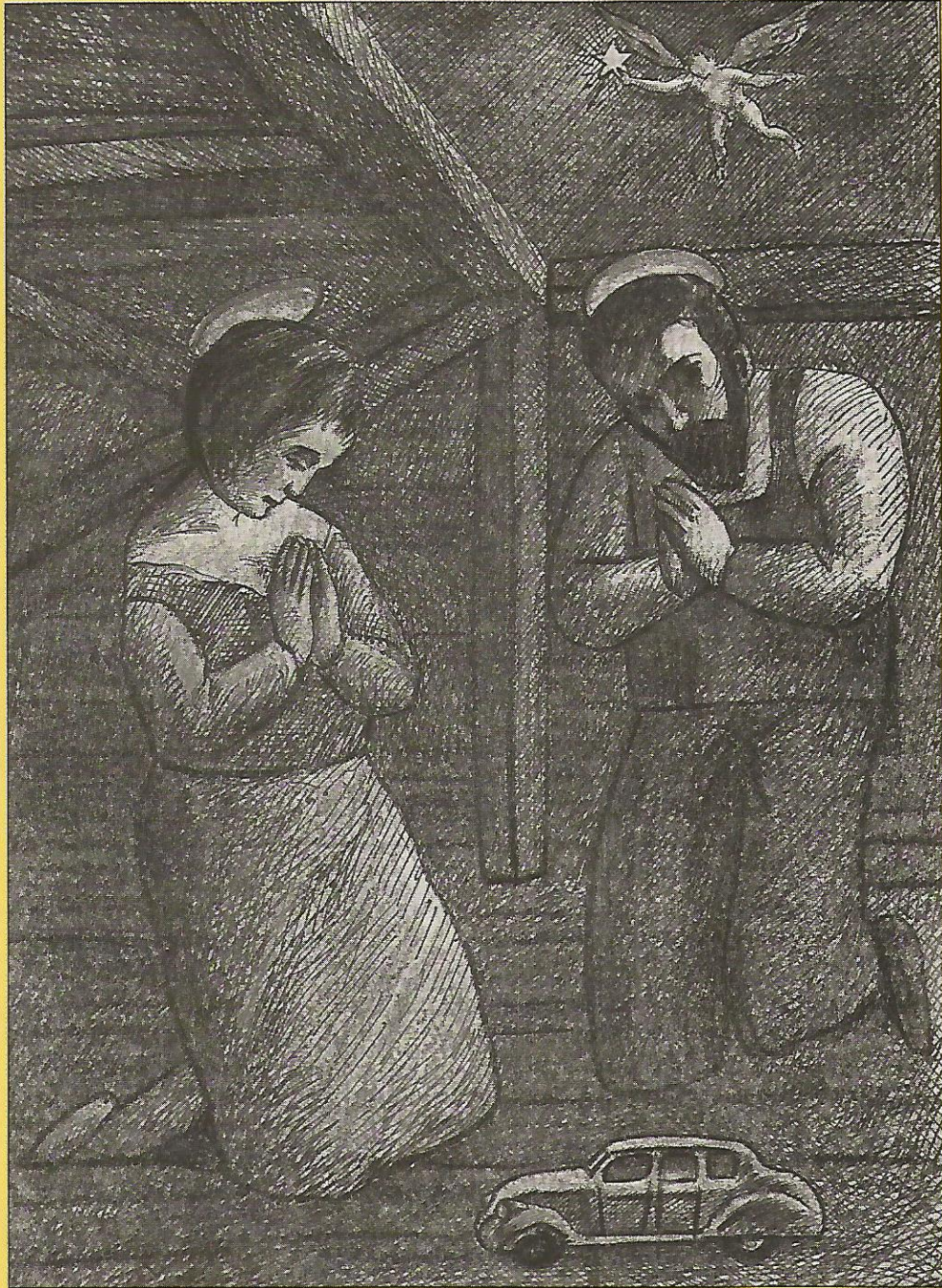


UTOPIA



N° 10/1999



E NASCEU O DEUS MENINO...

UTOPIA

REVISTA DE CULTURA E INTERVENÇÃO

10

Outono-Inverno 1999

800\$

(IVA incluído)



DIRECTOR

J. M. Carvalho Ferreira

COLECTIVO EDITORIAL

Carlos Viana, Guadalupe Subtil, João Nicolau,
J. M. Carvalho Ferreira, José Luís Félix,
José Tavares, Mário Rui Pinto,
Rui Vaz de Carvalho.

COLABORADORES

Alberto Hernando, Alberto Pimenta, Alfredo
García, Armando Veiga, Arno Gruen, Attila
Tosolini, Carlos Díaz, Charles Reeve, Edgar
Rodríguez, Edson Passetti, Francisco Madrid,
Heraldo Lapa, Idílio Santos, José Janela,
Luís Silva, Júlio Henriques, Mari Oly Pey,
Mário Pereira, Miguel Serras Pereira, Mimmo
Pizzarello, Quin Sirera, Roberto Freire.

ARRANJO GRÁFICO

João Nicolau

PROPRIEDADE

Associação Cultural A Vida

Publicação semestral registada no Ministério da
Justiça com o nº118 640

IMPRESSÃO

Gráfica 2000 · Cruz Quebrada

REDACÇÃO E ASSINATURAS

Telefone 2537- 1113 LISBOA Codex · Portugal

INTERNET

<http://www.azul.net/m31/utopia>

CAPA de José Tavares,

Titulo: "A cabeça perdida do Homem confiante
em cadeira de rodas" (guache sobre papel)

CONTRA-CAPA

Olinda Celeste

SUMÁRIO

<i>Editorial</i>	2
JOSÉ TAVARES <i>Encíclica ao Papa sobre a Carta do Papa aos Artistas</i>	5
PAULO ESPERANÇA <i>Língua e Anti-Militarismo na Galiza: Polos de Resistência ao Estado Espanhol</i>	21
<i>A Sociedade em Que Sois o Herói...</i>	27
MÁRIO RUI PINTO <i>A Exclusão Social no Mercado de Trabalho</i>	31
JOSÉ LUÍS FÉLIX <i>Cabos Ávila — A Saída Possível</i>	37
Z. A. GUILHERME <i>Paraíso Moviflor...</i>	39
<i>O Colectivo de Bruxelas Contra as Expulsões na ordem do dia</i>	43
DAVID WATSON <i>A Civilização é como um Avião a Jacto</i>	59
JOSÉ LUÍS FÉLIX <i>AEXPO</i>	61
<i>Entrevista a ROBERTO FREIRE</i>	67
ELSA CERQUEIRA <i>O Anarquismo Societário de Pedro Kropotkine</i>	79
ALAIN-CLAUDE GALTÍE <i>Reviravolta e Restabelecimento da Cultura Convivial</i>	83
DEBORA <i>Paisage del Cerro</i>	108
ANDRÉ KELB <i>Notas & Comentários</i>	109
<i>Livros e Leituras</i>	114
<i>Publicações Recebidas</i>	123

No limiar do novo milénio, ainda que vegetando nas entranhas de uma sociedade tendencialmente bárbara e apocalíptica, a distinção compreensiva e vivencial entre o real e o virtual tende a desaparecer. Em tempo real, produz-se, distribui-se e consome-se objectos de forma padronizada, ao mesmo tempo que se perdem todas as referências culturais, políticas e sociais que nos ligam ao passado, ao presente e ao futuro. À escala mundial, movimentam-se capitais, tecnologias, dinheiro, socializam-se informações, produzem-se guerras regionais e guerra civil entre indivíduos alienados e atomizados. Todavia, as desigualdades, a opressão e a exploração do homem pelo homem, ainda que mais abstracta e difusa, não pára de crescer. As estatísticas actuais, na opinião dos entendidos, são elucidativas: quase 5 mil milhões de pessoas perpassadas pela fome, miséria e violência e outros mil milhões ancorados no mundo da riqueza, do poder, do tédio e da ociosidade.

Perante este imenso descalabro, os oprimidos e os explorados vergam-se a forças que não conhecem, nem compreendem. O capitalismo, na sua versão mundial sofisticada e complexa, tornou-se por via disso cada vez mais onnipotente e omnipresente na vida quotidiana dos trabalhadores assalariados. Estes, perante o espectro do desemprego, da fome e da miséria, tornaram-se objectos de competição e de concorrência por um posto de trabalho, por uma profissão, por forma a integrarem o pelotão daqueles que ainda conseguem lutar pela sobrevivência.

O medo e insegurança individual sobrepõem-se sobremaneira a um imaginário colectivo de resistência e de luta contra a sociedade capitalista. Não admira assim que não se desenvolvam movimentos sociais emancipalistas. Não obstante este cenário negativo, emergem paulatinamente grupos e indivíduos que procuram dar um sentido libertário às suas ideias e às suas práticas.

Como já há muito tempo não acontecia, o poder mediático conseguiu transformar a luta do povo timorense num grande fenómeno político, social, religioso e cultural, traduzindo-se, em última instância, em Portugal, numa

autêntica expiação colectiva. Igreja Católica Apostólica Romana, políticos de todas as cores, militares e governantes de todo o mundo aproveitaram o genocídio do povo timorense para se desculparem das atrocidades, dos crimes, da opressão “fomentada” pela Indonésia em Timor, esquecendo-se que noutras regiões do planeta Terra e nos países em que habitam persistem situações semelhantes de genocídio, de guerra e de miséria. Ao procurar redimir-se do papel negativo da Indonésia em Timor Leste, parece que o Banco Mundial, a ONU, a NATO, o grupo dos 7, o FMI, as multinacionais, etc..., estiveram “ausentes” de todo esse processo e que os seus interesses económicos, políticos, culturais e sociais não são a expressão genuína dos efeitos perversos ocorridos.

Em presença dos factos ocorridos parece indesmentível que a luta do povo timorense tem um sentido social emancipalista. Todavia nunca é tarde para aprender com a história. A independência de um país e a formação de um Estado-Nação não são condição necessária e suficiente para a emergência da liberdade, da igualdade, da fraternidade. Na história da humanidade e das sociedades, pese embora o facto de hoje existirem 174 países modelados pelo Estado-Nação, está demonstrado à saciedade que essa solução é contraproducente com os objectivos de emancipação social. Neste sentido, para o povo timorense não basta conquistarem a independência e formarem um novo Estado. Caso caminhem nessa direção, a luta pelo poder, pela dominação e a exploração tornar-se-ão um dilema quotidiano nas suas vidas.



Repetimos aqui o que ainda chegou a ler-se nalgumas ruas de Lisboa: “os portugueses uniram-se contra a opressão e a exploração em Timor Leste; está na hora de fazerem o mesmo por si próprios”.

Terminou, enfim, mais um episódio do circo eleitoral em Portugal. De simulacro em simulacro, a política institucionaliza-se como mentira na vida quotidiana dos indivíduos. A perda de legitimidade do exercício da política é cada vez maior, mas isso não é ainda suficiente para que a abstenção seja relevante. É tempo de esta se tornar um elemento histórico determinante da emancipação social.



Encíclica ao Papa sobre a Carta do Papa aos Artistas

JOSÉ TAVARES*

O Sumo Pontífice escreveu uma carta aos artistas** em Setembro deste ano. José Tavares respondeu-lhe com uma *Encíclica*. É uma parte desta carta resposta ao Papa que aqui se transcreve. A *Encíclica* será publicada este ano, na sua versão integral, nas edições *Crise Luxuosa*.

1.

«Criatividade tornou-se um trabalho para um bem moral, o qual designa a ética do trabalho depois da sua modernização.

Para aqueles que se opõem a todos os moralismos que vão servindo o actual estado de coisas

- que não é o que se aceita por não existir melhor, mas sim o pior do estado das coisas - criatividade tornou-se simplesmente uma forma de alienação.

Reafirmamos o slogan «Fim do Trabalho», mantemos a opinião de que esta formulação integra a rejeição da criatividade pela qual tanto idiota se bate.» (Coice de Mula, nº1, Março-Abril de 1999)

Ninguém melhor do que o senhor, Papa, cabeça física de um imenso império para a

manipulação dos Homens, sabe que criar é uma expressão à qual não se pode dar um sentido, precisamente porque não tem sentido algum. A hipótese de um Deus, ser eterno, infinito, todo poderoso, que fez todas as coisas do nada, é absurda e inadmissível ao senso comum. O inesquecível aforismo de Lucrecio, *ex nihilo nihil*, com nada não se faz nada, não se pode fazer nada, continua sendo uma expressão de uma evidente clareza. A afirmação contida na sua carta, de que «Deus é o único criador de todas as coisas»⁽¹⁾, tem de ser considerada tal como ela é: um dos dogmas do Credo do Império do Vaticano, do qual o senhor é chefe. A verdade é que à religião é indispensável que o seu Deus seja criador para ser Deus. Porque sem esta qualidade deixaria de ser Deus. Já não seria o ser necessário, o ordenador de todas as coisas, o distribuidor da felicidade e do sofrimento. E o senhor, Papa, não teria lugar. Então, que lhe resta? Diz você: «acredita meu irmão». «Credo quia absurdum» - creio embora seja absurdo. E ainda hoje, quando todas as ciências vão descobrindo, cada vez mais, muitos dos mistérios da origem da vida e do universo, o senhor e o seu império de almas, desprovidas de inteligência e cultura, encarregam-se de

manter vivo nos cérebros humanos, entre outros, o absurdo da criação.

Apesar de ensaiar diferenciar o artista - a que dá o nome de «artífice» - do ser eterno e absoluto «criador»⁽²⁾, no seu texto Sua Santidade comete o mesmo pecado mortal do presente mundo: atribuir o dom da «criação»⁽³⁾ a um simples fazedor de coisas belas, tudo para manter vivo o mito do génio. À força de repetir o absurdo da criação e de elevá-lo à qualidade de objecto de consumo, alargou-se a denominação de criador ao cientista que descobre novas leis, ao estilista, ao publicitário, ao professor, ao empresário, ao vendedor, ao político, à dona de casa...

Porém, se a concepção de criador começou como resultado do pessimismo mental, acabou, agora, a servir como contributo à ética do trabalho. Porque não só não existe o nada, nem o vazio que do nada provenha, como toda a "criação" dos "criativos" está condenada ao fracasso e acaba nas mãos do Capital - reforçando o mito da "originalidade" e da "criatividade" do Homem. Faz parte do costume, (re)inventarmos a linguagem daqueles que nos controlam. No tempo em que a imaginação se tornou «o mecanismo central para a dominação da imagem como agente primordial da repressão na nossa sociedade»⁽⁴⁾, ser "criativo" é a mais valia indispensável ao carácter do trabalhador, como antes o foi o ser honesto e honrado. De resto, ambos servem ao mesmo fim: a alegria no trabalho. Por isso, quanto mais consciente estiver o artista do ambiente que o rodeia, tanto mais se sente impelido a olhar para a "criatividade" e a "imaginação" como conceitos que o alienam de si e do mundo. Só com a decomposição destes conceitos e do ambiente por eles construído, deverá realizar-se a obra de arte.

2. A VOCAÇÃO ESPECIAL DO ARTISTA: SER BOM NOS NEGÓCIOS

*«Being good in business is the most
fascinating kind of art» Andy Warhol*

«Esta coisa deve ser boa porque faz dinheiro. Eu devo ser bom porque faço dinheiro». Se em todos os séculos esta verdade acompanhou a humanidade, hoje, nos tempos em que o dinheiro substitui todas as anteriores abstracções: nação, raça, religião, e se elevou à qualidade de único Deus, é, mais do que nunca, a regra dominante. De facto, como disse, «o artista é capaz de produzir objectos»⁽⁵⁾, porém, no novo super-mercado da cultura onde tudo é para vender e consumir, o resultado final do objecto - "arte" - é o lucro que dele se possa extrair. Agora, uma elite trata a arte enquanto bem de consumo, o que torna poucos artistas ricos. Assim, o artista encontra, como o senhor diz, «uma dimensão nova»⁽⁶⁾ e nessa grandeza um único fascínio: ser bom nos negócios. Por isso, o "artista" não quer mais transformar, mudar seja o que for, excepto a sua conta bancária. Arte é dinheiro. Daí que aquilo que hoje predomina como sendo arte não é apenas a história de um produto tornado mercadoria, mas também a história desse novo ser supremo e absoluto: o dinheiro.

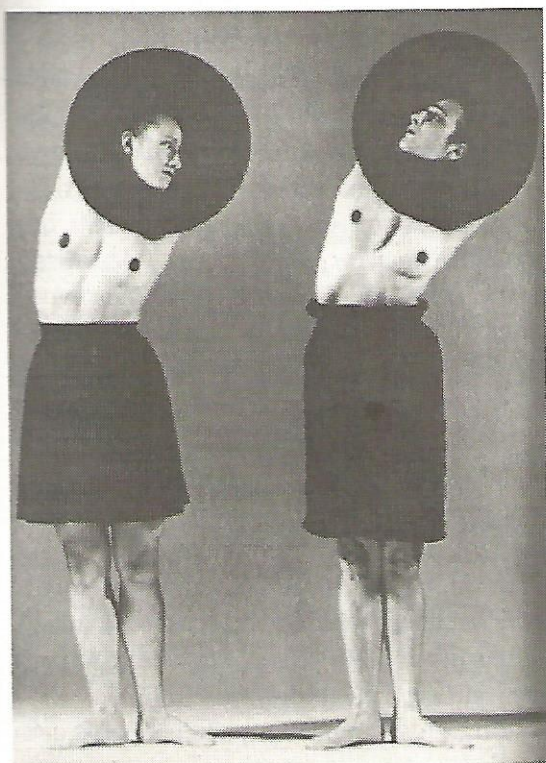
3. A "VOCAÇÃO ARTÍSTICA" AO SERVIÇO DO CAPITAL

Imagine o mundo em que vivemos sem a arte. As galerias, os museus, centros culturais encerrados. Os livros desaparecidos. O glamour dos super-stars interrompido. A publicidade parada e a televisão

... Deveríamos, então, focar a nossa visão não no fim sem fim de falsas imagens, mas no mundo tal como ele é.

Fazer coisas belas como resultado da simples pulsão da vida e que se destinam ao ócio e ao deleite é o ideal da obra de arte. Nesse ideal todo o ser é um artista e deverá expressar beleza ao perpetuar algo que os outros identificam.

Para além disso, a arte fornece, com o mundo de fantasia, escapes da realidade. Novelas, filmes, concertos, exposições, teatro, poesia, são ruídos de escape que nos transportam para fora do mundo onde vivemos. Injustiça, miséria endémica, fome, guerra... Como consequência desta realidade, os fazedores de coisas belas escasseiam e pululam aqueles que se submeteram à ideologia dominante integrados na indústria do espectáculo. Assim, a arte substituiu a religião



enquanto ópio do povo, tal como o artista substituiu o padre enquanto porta voz do espírito. Somos regulados por aditivos e a arte tornou-se um aditivo. O ideal resta ideal. Andamos através da vida num alucinado sonho, em busca de escapes, de fantasias, de altas viagens pela imaginação, de altas músicas. À medida que vai servindo à ocultação das consequências do ambiente, a actividade profissional do artista - operário fazedor de um produto embalado para consumo, de mercadoria - torna-o tão singular como os outros todos. Ninguém escapa às redes conceptuais da religião do trabalho, uma vez que o capital se encarregou de reger a totalidade das nossas vidas. Aqui reside o ponto essencial. Como é absolutamente necessária a mão de obra, o senhor, chefe de um dos *trusts* económicos de maior influência no mundo, apela «à vocação artística - de poeta, escritor, pintor, escultor, arquitecto, músico, actor...»⁽⁷⁾, advertindo para «a obrigação de não desperdiçar este talento», e «colocá-lo ao serviço do próximo e da humanidade». Mas este «próximo» e esta «humanidade» encontram-se, como já vimos, dentro do reino da mercadoria, daí que a vocação artística só possa existir na subserviência ao Capital.

4. A ARTE DO COPIANÇO COMO FONTE DE ENTUSIASMO AO TRABALHO

«Marlene Dietrich, a sensual actriz, vai regressar ao cinema graças a um computador encarregue de fazer um clone, uma cópia digital exacta, de todas as suas curvas, gestos e expressões. Para tal, um sistema de sensores analisa digitalmente a sua imagem, traduzindo-a depois numa figura computadorizada

tridimensional. Assim que um destes clones digitais estiver pronto para actuar num filme, um actor de carne e osso representará os seus movimentos e as suas "deixas". Posteriormente, a essa actuação real é colada a imagem da actriz virtual - e eis Dietrich de novo nas telas. (...) Todos os dias surgem computadores mais rápidos, capazes de reduzir a "zeros" e "uns" (o princípio de funcionamento da tecnologia digital) todos os movimentos musculares e a textura da pele de uma pessoa real. Na verdade, é nestes aspectos que a cópia mais facilmente trai o original e é por isso que, até agora, a técnica tem sido aplicada apenas em personagens de animação - como por exemplo os dinossauros do Jurassic Park - ou em papéis de figurantes e duplos, como aconteceu em Forest Gump e Titanic.» (Grande Reportagem, Setembro de 1999)

Sua Santidade não deve ver, na praxis da cópia, nada de singular, já que toda a produção de imagem, de poesia «atiçadas» pelo texto bíblico são cópias retiradas da fonte onde os artistas foram «beber a cultura e a arte cristã»⁽⁸⁾: a Bíblia. A única originalidade que se pode encontrar na reprodução, por exemplo, de Adão e Eva no paraíso é só na parra que lhes esconde o sexo e os seios, introduzida ali pelo artista por via da censura imposta pela Igreja de que o senhor é o Papa. De resto, o trabalho do artista consiste em reproduzir o que está contido dentro da Sagrada Escritura - «Desde as narrações da criação, do pecado, do dilúvio, dos acontecimentos do êxodo...»⁽⁹⁾. Propaganda necessária à catequização e temor dos indivíduos, mas também censura e condicionamento à liberdade de fazer do artista ou copista.

Todavia, este tipo de artistas não está só neste empreendimento. Afinal, o *pós-modernismo* não significa outra coisa mais do que o plágio de tudo o que foi feito antes, independentemente de qualquer consideração

das distintas estéticas que existiram, muitas vezes opostas. E esta prática, estendida a tudo, é uma fonte de entusiasmo ao trabalho, permanecendo como «reflexo do mistério insondável que abraça e habita o mundo»⁽¹⁰⁾

Não é por que consideramos problemática a ideia que a cópia implique um original - acreditamos que toda a actividade humana é acumulativa, isto é, todas as inovações foram construídas no mesmo sentido das anteriores -, mas por que o conceito de «criatividade» e «originalidade» se tornaram abstracções, entidades mediatizadoras, é que pensamos ser importante demolir este *mito* do pós-modernismo.

Bombardeados pelos criativos da desinformação e publicidade acelerada, os artistas e os espectadores de distintas igrejas, e não somente da sua, arrastam-se em busca permanente de algo «novo» e «original» capaz de exterminar as dúvidas e a chatice do dia a dia. E uma vez mais, faz-se não importa o quê para manter vivos os mitos de *génio*, de *criativo inteligente*. A consequência disto é que, enquanto tudo aparenta mudança, nada de básico muda. Todo o ambiente construído é sempre igual - mesmo com a ajuda das novas tecnologias - uma vez que é com a repetição das *grandes obras e feitos*, do copianço, que pretendem realizar *a obra de arte*. Além disso, com o plágio e a repetição de novidades de ontem, pode-se prescindir da necessidade de talento ou de outro tipo de habilitações, pode-se, se o original for demasiado criativo, operar uma selecção dentro da selecção, desviar o sentido e a finalidade do original, (re)escrever sem plagiar palavra por palavra retirando o espírito da obra e, como começamos por observar, pode-se prescindir de novas *superstars* usando, manipulando e perpetuando as velhas *divas*. Esta praxis parece encontrar a sua justificação ideológica no original.

Talvez o senhor, Papa, não concorde com

...imagem humana porque essa é uma obra
...direitos de autor que o senhor, depositário
...Deus, não quer de modo nenhum ceder.
...mas não existem as forças da ordem que
...prevalecem no sentido de tornar essas cópias
...legais, fazendo com que o mais dedicado
...artista corra riscos de perseguição. E, no
...entanto, o copianço é um grande processo de
...criatividade por que, como todas as cópias,
...adquirem um novo significado ao trabalho.
...A prática da cópia faz ganhar tempo, poupar
...esforços e mostra uma considerável iniciativa
...da parte do plagiota. Não será mais uma
...questão de falso ou verdadeiro, simplesmente
...todas as imagens se tornaram possíveis. Tudo
...tem o mesmo valor - o original, a cópia, o falso.
...Tudo irá estar no mercado ao mesmo tempo.
...A ligação entre comércio e arte está pois
...completada, «a realidade emerge como uma
...ilusão, e sem futuro, todos podem olhar para o
...passado e repeti-lo»⁽¹¹⁾.

Contudo, este insucesso dos *artistas* na
procura da *nova e universal linguagem*, tem
de ser visto como um momento alto do projecto
capitalista e do processo de hierarquização das
relações entre os indivíduos.

5. DO PRELÚDIO À ACTUALIDADE. ESPECULAÇÕES SOBRE O PONTO DE ORIGEM

DA OCULTAÇÃO A TUDO QUE BEM CONHECEIS

Caríssimo Sumo Pontífice, infortuna-
damente a sua carta trata a cultura
visual e plástica com desdém. Quero
fazer-lhe notar que a dissertação de *história*

da arte que a sua carta contém (da pág.12 à
pág.15) é manifestamente curta. Escassa, não
de tamanho mas de manifesta objectividade.
Como pôde apagar muitos dos traços/
movimentos artísticos e literários que a história
da cultura, uma qualquer enciclopédia, regista?
Não, não aceitamos o facto de não conseguir
confrontar-se com, como você, Papa, diz:
«significativas expressões de cultura e de
arte»⁽¹²⁾. Embora aceite essas expressões, não
lhes reconhece o direito que possuem à
diferença e tudo por que essas «expressões
artísticas» afirmam «também uma forma de
humanismo caracterizada pela ausência de
Deus senão mesmo pela oposição a *Ele*»⁽¹³⁾.
Decerto, *Sua Santidade* irá perdoar-me que
tenha reparado nesta sua nostalgia pelo
glorioso passado da *arte sacra*, mas o senhor,
que é Papa, escreve desse «Palácio
Apostólico, escrínio de obras-primas talvez
único no mundo»⁽¹⁴⁾, tecendo comentários e
elogios aos «Primórdios», à «Idade Média» e
ao «Renascimento» e na única referência que
faz à «Idade Moderna» cita o «discurso
veemente aos artistas do meu predecessor,
Paulo VI, na *Capela Sistina*, a 7 de Maio de
1964»⁽¹⁵⁾, tudo isto para dizer que a «Igreja
está especialmente interessada no diálogo com
a arte»⁽¹⁶⁾. Como pode falar de diálogo se
exclui, à partida e por que se trata, seguindo
ainda a sua ideia, de arte ausente de Deus,
por exemplo, a arte reunida por Hitler no ano
de 1937, em Munique, na Exposição que
denominaram: «Arte Degenerada»? Tem
consciência de que excluindo essas
«expressões artísticas», exclui uma parte
importante da *arte* das últimas décadas do
século XIX e de todo o século XX? Ora,
francamente, esperava mais do *chefe de
Estado do Vaticano*. Talvez se o seu Palácio
Apostólico dispusesse das obras primas de
Louis Soutté, para nomear uma possibilidade,
o chefe de Estado do Vaticano aproximar-se-

ia daquilo que a denominada demência, ou a instabilidade mental é capaz de fazer, e bem. Dê oportunidade aos loucos e àqueles que permanecem *Por De Fora*, não foram todos engolidos pelo *Leviatã*. Faço minhas as suas palavras: «não era minha intenção lembrar coisas que vós, artistas, bem conheceis»⁽¹⁷⁾, contudo, vou aventurar-me a viajar no mar do passado em busca de um ponto de origem, para ensaiar comutar aquilo que me pareceu ser um deliberado esquecimento. Dado os limites e condicionamentos do género epistolar receio que esta viagem não se irá nem estender a todos os locais, nem passar em muitos outros.



OS PRIMÓRDIOS

A arte grega foi amplamente copiada na época romana. Uma das fontes de informação para o estudo da arte grega são as várias cópias feitas nessa época. Tudo leva a deduzir que os gregos nunca

chegaram a pensar que possuíam, além de bons arquitectos, escultores, artesãos, poetas..., de um produto à parte - *a arte*. Se o soubessem teriam colocado a marca da sua empresa neste “produto”; tinham-no vendido a quem dispusesse de tempo e de dinheiro; teriam procedido à sua exportação, como a azeitona, para países estrangeiros. Se tal ocorreu foi algo de natural e tão instintivo como a fala. O denominado *Estilo Geométrico* dos gregos: vasos e ânforas, destinavam-se ao uso diário e não à produção de arte e cultura. Estas ainda não existiam separadas do modo de viver dos gregos.

Os primeiros a reformar a cultura em mercadoria, foram os romanos. Cedo importaram, particularmente desde a Grécia, originais clássicos e helenísticos aos milhares e copiavam-nos, já com a marca da sua própria fábrica, em quantidades ainda maiores. Conforme iam alargando as fronteiras do seu império, impunham a sua cultura às nações conquistadas. Como escreveu o historiador inglês Herbert Read: «A cultura romana, a literatura romana, os modos romanos eram o espelho onde os povos “recém civilizados” se miravam»⁽¹⁸⁾.

Aluído o império, a cultura ficou sepultada e passaram muitos séculos antes que voltasse à superfície. Um intervalo vazio, de muitos séculos, entre a *Antiguidade Clássica* e a sua ressurreição, o *Renascimento italiano*. A idade das trevas.

IDADE MÉDIA

A denominada Idade Média, viu florescer o *estilo animalista*, (600-800) combinação de formas abstractas e orgânicas. «Animais em luta, o homem de pé entre animais em jóias e artefactos metálicos, duradouros e de

...dimensões e que se difundiu rapidamente estendendo-se para a madeira, a pedra e até para as iluminuras dos manuscritos⁽¹⁹⁾. O tempo em que os cristãos, para se afastarem do pecado, da cidade, se refugiaram em locais ermos e isolados dando origem à vida em mosteiros. E aqui começaram a ser executadas numerosas cópias da Bíblia e outros livros cristãos. A ideia era já aquela que você, Sumo Pontífice, quer ver hoje retomada pelos artistas: o manuscrito com a palavra de Deus é um objecto sagrado cuja beleza deve reflectir a importância do conteúdo. Com a arte *Carolíngia* e *Otoniana* (século VIII e IX) procede-se à recolha e à cópia de obras da literatura romana e da arquitectura romana. Este ressurgimento para implantar as tradições culturais de um glorioso passado no espírito dos povos, restaurar a antiga civilização romana, e igualmente o título de imperador, foi um produto da vontade de Carlos Magno e permaneceu ligado à sua corte. A arte *ottoniana*, também de patrocínio imperial, pareceu da mesma estreiteza de base. O Românico que lhes seguiu, por contraste, «arrastou por toda a Europa Ocidental quase ao mesmo tempo e consiste numa ampla variedade de estilos regionais, com numerosos pontos comuns, mas sem uma fonte central⁽²⁰⁾. Resultado de uma amálgama de componentes diversos: «tradição *carolina-ottoniana* juntamente com muitas outras, menos evidentes, como os elementos *tardoromanos*, *paleocristãos* e *bizantinos*, algumas influências *islâmicas* e a herança *céltico-germânica*»⁽²¹⁾, representa o momento em que o cristianismo se impusera na Europa. Os Vikings entraram no redil da sua Igreja Apostólica Romana, o califado de Córdova desintegrara-se em 1031, em pequenos estados; e os Magiares tinham-se fixado na Hungria. Havia um crescente entusiasmo religioso, reflectido no enorme incremento das

peregrinações e culminando, a partir de 1095, no incitamento às Cruzadas, feito pelo Papa, um dos seus predecessores, para libertar a *Terra Santa* das mãos dos *maometanos*. Um extraordinário aumento do número de edificações sem relação aos séculos precedentes. Um monge do século XI, exclamava entusiasmado que o Mundo se cobria com «um manto branco de igrejas». Veio a *arte gótica* e com ela mais igrejas, catedrais, mosteiros. Os arquitectos eram capatazes de obras, os escultores pedreiros, os ilustradores e os pintores copistas. Para se referir à arte não existiam ainda expressões do género *belas artes*. Arte era tudo quanto oferecesse prazer à vista: uma catedral, um candelabro, um tabuleiro de xadrez. E todavia, já «a força das formas expressa nas catedrais ou nas abadias», como o Sumo Pontífice diz na sua carta, os ícones religiosos, que o senhor considera «como sacramentos»⁽²²⁾, satisfaziam os instintos tendenciosos dos crentes para servirem o império que na actualidade o senhor, Sumo Pontífice, dirige, e deste modo submeter aos dogmas e à hierarquia eclesiástica toda a humanidade. Foi esta a característica da Idade Média, foi este propósito que as *belas artes* serviram. De resto, qualquer divergência foi aniquilada. «A filosofia e a poesia tinham sido condenadas pelas escolas conventuais que, olhando-as como produtos legítimos do paganismo, as julgavam altamente perniciosas e atentatórias da pureza das crenças, preterindo-as, por isso, pela teologia, a ciência das ciências...»⁽²³⁾

DO RENASCIMENTO À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Talvez seguindo este exemplo - a pretensão de dominar o Mundo - e com o fim da Idade Média, alguns indivíduos espertos começaram

a apoderar-se de certas coisas, terras, minerais, particularmente de ouro, e iniciaram a fabricação de objectos com a finalidade de adquirir mais do que aquilo que se podia usar diariamente. E como o ouro não servia para comer nem para construir casas, emprestavam-no a quem dele necessitasse, cobrando rendas e interesses. Assim, terá nascido o regime capitalista e pela sua mão aquilo a que denominamos cultura. «O vocábulo apareceu registado pela primeira vez em 1510»⁽²⁴⁾. Era a época do Renascimento.

Boccaccio (1313-1375) foi o primeiro a aplicar o conceito de Petrarca (1304-1374) de «renascimento depois da idade das trevas». Dá a subentender, segundo Janson, que «o ressurgimento da Antiguidade representa para os pintores um realismo sem compromissos»⁽²⁵⁾. Isso parece constituir «um tema constante do pensamento *renascentista*, que, ao justificar a imitação da Natureza como parte integrante do grande movimento de regresso aos Clássicos, também procurava atenuar os possíveis conflitos entre estes dois objectivos»⁽²⁶⁾. Foi no entanto necessária uma segunda revolução «que começou simultânea e independentemente em Florença e nos Países Baixos (1420)»⁽²⁷⁾. Acontecimentos diferentes, ligados por um objectivo comum - *a conquista do mundo visível*. E Sua Santidade, Papa, Sumo Pontífice, ao falar da Igreja como «uma comunidade universal, hospitaleira, mãe e companheira de viagem»⁽²⁸⁾ acrescentando que se destina a «todo o homem à procura de Deus»⁽²⁹⁾, sabe muito bem que, contrariamente ao que afirma, a sua Igreja portou-se muito mal durante o *renascimento*, perseguiu, resistiu o mais que pôde - como é costume - à nova busca do homem, à cultura. Foi tudo menos «hospitaleira, mãe, companheira...», talvez por que o Homem ao procurar o mundo visível deixasse já de procurar Deus. Apesar disso e como a sua

Igreja era a principal empregadora da mão de obra artística, veio a Igreja beneficiar com essa situação e obter por essa via, obras de arte de grandes artistas os quais, tantas vezes, viveram e trabalharam com grandes temores, quando não acabaram nas fogueiras. Vão ser os Medicis e Sforzas a protegerem sábios e artistas. E este protectorado é a mão da ressurgida cultura, ambos a iniciarem uma nova etapa com os chamados descobrimentos.

Logo a *cultura* entrou em conflito, durante o período da *revolução industrial* - início séc. XIX - com o trabalho. «Com a entrada das máquinas na produção de objectos, desapareceram as tradições arraigadas na mente e nos músculos do operário manual. A fim de substituir esta tradição, os industriais introduziram novas normas. Normas de utilidade e de baixo custo, isto é, de lucro, todavia, como estas não eram apreciadas pelos indivíduos de gosto sensível, os fabricantes



esgaravatarem no passado, colecionando e imitando as coisas boas que os seus antecessores tinham construído»⁽³⁰⁾. Quem possuísse um profundo conhecimento das coisas antigas era considerado de bom gosto e a soma dos gostos de um país formava a cultura deste. Segundo a definição do inglês Matthew Arnold (primeira metade do sec. XIX) a cultura é «a perfeita compreensão do que de melhor se conhece e se disse no mundo»⁽³¹⁾.

A RUPTURA

Mas a Primeira Guerra Mundial vai terminar por derrubar esta consciência já demasiado óbvia e carcomida. Um processo de ruptura com as concepções da estética clássica europeia iniciado com o romantismo, no início do século XIX, acentua-se nas primeiras décadas do século XX com o aparecimento dos chamados movimentos de vanguarda em todas as artes. Rejeição do sistema de expressão vigente, inovação, experimentação: tais são os sinais que definem as tendências que expressam este processo, resultado de uma crise profunda onde os fundamentos da actividade estética e ainda a ideia do Homem estão submetidos à discussão. Esta crise está intimamente relacionada com as enormes mudanças que a chamada revolução tecnológica produziu na sociedade europeia. Nas duas primeiras décadas do século XX, não só a arte, mas também a filosofia e a ciência reflectem esta nova situação. Quase que não fica nada da ordem filosófica e científica com que a Europa, da segunda metade do século XIX, acreditou construir um mundo de valores imutáveis e em contínuo progresso material.

Enquanto que nos finais do século XIX *romantismo, simbolismo, decadentismo,*

naturalismo e realismo expressam os diversos nomes com que, na *arte*, se continuava a debater, por vezes dentro de cada escola, a contenda entre *tradição e simbolismo*, entre *conservadorismo e renovação*, entre *ordem e aventura*, nos começos do século XX surgem em alguns países da Europa movimentos de decisiva e manifesta vontade de ruptura. Podemos citar entre os mais importantes: o *cubismo*, o *futurismo*, o *expressionismo*, e o *dadaísmo*.

CUBISMO

O cubismo constitui um importante sector da poesia francesa, cujo ponto inicial talvez se possa situar em 1896, com a obra teatral *Ubu Roi*, de Alfred Jarry (1873-1907) e que por volta de 1917 vai confluír com o *dadaísmo*. Na pintura, as manifestações *cubistas* (Picasso, Braque) datam de 1907, e em 1911 realizou-se uma exposição *cubista* no *Salão dos Independentes de Paris*. Picasso disse que «quando fizemos o *cubismo*, não tínhamos qualquer intenção de fazer *cubismo*, mas simplesmente exprimir o que estava dentro de nós». Foi o crítico de arte Vauxcelles que baptizou este estilo, ao pegar numa observação de Matisse a propósito dos pequenos cubos de Braque. Ao contrário, por exemplo, do *futurismo* e do *construtivismo*, o *cubismo* não foi concebido como um movimento. Esta expressão artística foi criada por Pablo Picasso, Guillaume Apollinaire e Georges Braque. Deste círculo de amigos faziam parte vários escritores, Max Jacob, André Salmon, a milionária americana Gertrude Stein e o pintor André Derain. «Um pequeno grupo que se vangloriava da sua exclusividade.»⁽³²⁾. Mais tarde vieram juntar-se, a este grupo inicial, novos elementos como Geizes, Delaunay, Gris,

Léger, Metzinger... «*Cubismo analítico*», «*cubismo sintético*», «*papiers collés*», correspondem às diferentes fases que os cubistas percorreram. Foi em 1913 que Guillaume Apollinaire publicou um manifesto intitulado *A Anti-Tradição Futurista*. Neste manifesto encontram-se exortações que procedem do futurismo e que, de seguida, também o *dadaísmo* fará suas: «Palavras em liberdade, invenção de palavras, destruição, supressão da cor poética... da cópia em arte, da sintaxis... da pontuação, da harmonia tipográfica, dos tempos e pessoas dos verbos... da forma teatral, do sublime artista, do verso e da estrofe... da intriga nos relatos... da tristeza». E também uma violenta repulsa pelos críticos, pedagogos, professores, museus, filólogos, etc. Uma breve caracterização da poesia *cubista* oferece por si só não só as linhas por onde o *cubismo se coseu* como as suas afinidades com os outros movimentos: Rejeição do *realismo especulador* - «Uma obra de arte vale por ela mesma e não pelas confrontações que se possam fazer com a realidade» (Max Jacob). «Para fazer uma obra de arte é necessário criar e não copiar» (Pierre-Albert Birot). «O fim do poeta é criar uma obra que viva fora de si, com vida própria» (Paul Dermés). Eliminação do *tema* como núcleo do poema - «O assunto não tem importância» (Max Jacob). Por conseguinte, o *fragmentarismo*, a *silepsis*, a *elipsis*, a justaposição de imagens, a lógica das *correspondências* serão os caracteres formais do poema cubista. O poema apresenta-se como uma sucessão de estados de ânimo. «Nada de desenvolvimento» (Paul Dermée). Absoluta liberdade de conteúdo: visão interior ou exterior - «O espírito novo reside integralmente na surpresa. A surpresa é o maior recurso da arte nova» (Manifesto *O Espírito Novo E Os Poetas*, 1918). Humor - desaparece o ressentimento romântico,

distante e subjectivo. Frequentemente substituído por um tom festivo, coloquial e mais próximo do leitor. Porém este humor não chega a alcançar o forte carácter de diatribe dos dadaístas. Liberdade tipográfica - algumas vezes alteram a disposição tradicional dos versos, escrevem palavras ou linhas inteiras com maiúsculas, utilizam diversos corpos de letra, suprimem as letras maiúsculas e os sinais de pontuação, ou o poema adopta visualmente a configuração de um objecto, como nos poemas de *Horizon Carré*, de Vicent Huidoboro (1917), ou os célebres *Calligrammes* de Guillaume Apollinaire (1918).

FUTURISMO

O *futurismo* nasceu da publicação a 20 de Fevereiro de 1909, na primeira página do jornal *Le Figaro* de Paris, do primeiro manifesto do futurismo, cujo autor - que pagou a sua publicação - era Filippo Tommaso Marinetti (1879-1944). Pouco depois da publicação do Manifesto, vários pintores, incluindo Boccioni, Carlo Carrà e Luigi Russolo, apresentaram-se-lhe e, recorda Carrà, redigiram o seu próprio *Manifesto dos Pintores Futuristas*: «O gesto a reproduzir na tela já não será um momento fixo de dinamismo universal. Será simplesmente a própria sensação dinâmica. (...) Assim, um cavalo a galope não tem quatro patas, mas vinte, e os seus movimentos são triangulares.». A inovação é uma das premissas dos *futuristas* e este enérgico impulso a inovar vai transportar-se para toda a arte e a literatura de vanguarda do século XX (na época pós-modernista inovar, significa cada vez mais improvisar). Os *futuristas*, como aliás, de seguida, os *dadaístas*, queriam «demolir os museus e as bibliotecas». Estas, junto com as galerias de arte, vão voltar a procriar-se de

mais radical após a I Guerra Mundial. Antes mesmo desta carnificina imperialista, já os futuristas se declararam amigos do «tremor do tempo». Um poema de Marinetti, datado de 1904, intitula-se sugestivamente “Destruição”. No *Manifesto Técnico De Literatura Futurista* preconizava a destruição da sintaxe, o emprego do verbo no infinito, a eliminação do adjetivo e do advérbio, das expressões comparativas (“como”, “parecido a”, etc.), da pontuação; pedia o emprego dos signos matemáticos e musicais e a «destruição do Eu na literatura», isto é, toda a psicologia, e substituí-la por uma *psicologia intuitiva da matéria*. Além disso, os futuristas recorreram ao uso intensivo da tipografia em várias cores com distintos tipos e tamanhos, usaram com frequência a onomatopeia na poesia. *Intelectualidade, intuição «divina», «Dom característico das raças latinas*. Por meio da *intuição dominaremos a aparentemente inabarcável hostilidade que separa a carne do homem do metal dos motores», e as intuições criadoras são aquilo que forma a parte vivencial do seu ser. «Somos os primitivos de uma nova sensibilidade»*



afirmava o pintor futurista Boccioni, cujas obras características são a pintura *O Despertar da Cidade*, 1910, e a escultura *Formas Únicas de Continuidade no Espaço*, 1913. Enquanto que a pintura mais completa de Carlo Carrà é o *Funeral do Anarquista Galli*, de 1910-11. «O anarquista Angelo Galli fora morto durante a greve geral de Milão em 1904. Carrà vira a desordem que houve no funeral, quando a luta entre a polícia e os operários quase lançou ao chão o caixão envolto na bandeira vermelha. No quadro, representa a luta não como um momento entre indivíduos, mas como um choque de linhas e cores. As figuras são anónimas e os membros esborrados em feixes de linhas representando o seu movimento»⁽³³⁾. Luigi Russolo era músico e passou muito do tempo a desenvolver uma arte de ruídos futuristas, na *Arte dos Ruídos* declara: «Há muitos anos que Beethoven e Wagner nos abalam os nervos e o coração. Já estamos saciados e encontramos mais prazer na combinação dos ruídos de carros eléctricos, tubos de escape, carruagens e multidões urrantes...». A sua música «*Brutismo*» e os seus instrumentos fazedores de ruídos «*intonarumori*» foram uma contribuição importante para o movimento futurista. Introduziram a novidade do *espectáculo-provocação* (soirées de leituras ultrajantes de escritos futuristas, e ainda mais ultrajantes insultos - até violência - entre os futuristas e a audiência), de que, de seguida, os *dadaístas* fizeram uso. No entanto, a exaltação da violência e da tecnologia, «...um carro de corrida urrante que parece mover-se a *shrapnel*, é mais belo do que a *Vitória de Samotrácia*», como fundamentos de um mundo e de uma arte novas proclamadas pelos futuristas diferencia-os dos *dadaístas*. Estes últimos não acreditavam em nenhum tipo de força ou vontade construtiva e viam na tecnologia uma manifestação desse mundo

falso e absurdo que consideraram necessário destruir. De resto, foi essa exaltação da violência «a guerra é a higiene do Mundo», o seu amor à tecnologia e ao espectáculo de *massas* que acabou por ditar a transformação interna do movimento e o *futurismo* acabou em Itália por se transformar, abandonado o carácter rebelde e maldito, na arte oficial do regime fascista (em 1924 surge o manifesto *Futurismo e Fascismo*). Um movimento que tinha vivido em publicidade até ao final da I Guerra, e que já, aliás, nessa data (1918), tinha sido ultrapassado por formas posteriores.

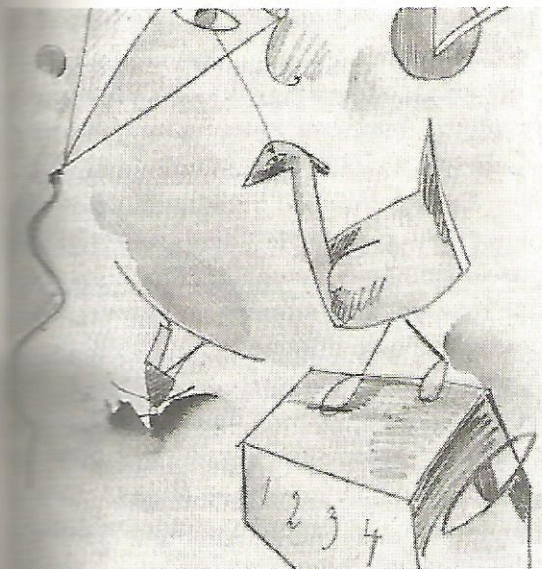
EXPRESSIONISMO

O *expressionismo* surgiu, enquanto movimento literário e artístico, na Alemanha no início da segunda década do século XX, na atmosfera doentia e problemática que precedeu a guerra de 1914 e como uma nítida reacção ao *impressionismo*. A tónica principal, se bem que tende à negação da visão do mundo conformista e realista, recai na determinação irredutível do criador (*innerer Drang* ou *inner necessity*, - a necessidade interior - princípio fundamental que Kandinsky irá retomar). Kandinsky, um dos artistas associados a este movimento chegou «a uma arte da necessidade interna» na qual as linhas e a cor eram usadas como meios de representar estados espirituais da mente. «Com isto, Kandinsky antecipou todos os graus de abstracção por onde a arte passaria nos próximos quarenta anos, incluindo o *tachisme* ou a *action-painting*»⁽³⁴⁾ do final dos anos sessenta do século XX. O *expressionismo* propôs-se «resgatar o espírito» aprisionado na armadilha de uma ordem caduca. Foi na revista alemã *Der Sturm* (A Tormenta), dirigida por Herwart Walden, onde, em 1911, Wilhelm Worringer introduziu

o vocábulo *expressionismo*. Esta revista, fundada em Berlim em 1910, e a revista *Die Brücke* (A Ponte) - 1905-1913, foram algumas das publicações representativas deste movimento. Salientamos os seguintes lemas do *expressionismo*: «Fora com Goethe», «Aquele que é jovem que o seja até à catástrofe», «Viva o caos», «Que o poema não exista mas revolucione, nisso consiste a sua beleza». O artista deve ser «todo aquele que um puro conceito *artístico* proíbe que o seja». Os artistas *expressionistas* expressam uma atitude de total rejeição pelo passado, uma vontade de começar desde o zero idênticas às de Dada.

DADA

Dada nasceu da revolta geral contra a sociedade burguesa e as suas manifestações literárias e artísticas, o *dadaísmo* procurará torná-las em irrisão, e destruí-las para proveito de uma libertação total do individuo. Este movimento, de essência subversiva, tem lugar simultaneamente nos Estados Unidos (com a chegada dos exilados da Europa em guerra: Marcel Duchamp e Francis Picabia a New York, em 1915) e na Suíça (em Fevereiro de 1916, por os mesmos motivos: Tristan Tzara, Jean Hans Arp, Hugo Ball e Richard Huelsenbeck) e irá estender-se na Europa, de 1915 a 1923. O seu ideal é a negação total, absoluta, de toda a arte e de toda a literatura. «Toda a obra de arte pictórica ou plástica é inútil; ainda que seja um monstro capaz de meter medo aos espíritos servis e suficientemente não adocicada para ornamentar os refeitórios dos animais vestidos de gente, ilustrações desta triste fábula que é a humanidade.»⁽³⁵⁾ «Dada não significa nada», afirma Tzara no primeiro dos seus sete manifestos. «Fica-se a saber pelos jornais que



os negros Kru chamam à cauda duma vaca santa: DADA.» *Dada* propõe-se a desenvolver este *nihilismo* já que «toda a construção conduz à perfeição que aborrece, ideia estagnada num charco dourado.» Deste modo o programa de *dada* há-de ser, justamente a ausência de programa. «Que todo o homem grite: há que cumprir um grande trabalho destruidor, negativo. Varrer, limpar. A limpeza do indivíduo impõe-se face ao estado de demência agressiva, completa, de um mundo abandonado nas mãos dos bandidos que se destroçam e destroem os séculos. Sem finalidade nem propósito, sem organização: a insensatez indomável, a decomposição.» Verificamos aqui, caríssimo Sumo Pontífice, uma rebelião contra o absurdo do Mundo, que se manifesta na guerra, rebelião que em oposição apresenta uma vontade de absurdo ainda mais elevada. «Já que tudo o que se vê é falso», os *dadaístas* ensaiam abolir tudo: «protesta com todos os punhos do ser em acção destrutiva». Crítica dos *artistas* e dos *seus críticos*, «uma obra compreensível é produto de jornalista». «O autor, o artista glorificado pelos jornais, constata a

compreensão da sua obra: miserável forro dum casaco de utilidade pública; andrajos que cobrem a brutalidade, mijá para ajudar ao calor dum animal que choca baixos instintos. Carne flácida e insípida que se multiplica com a ajuda dos micróbios tipográficos.» «Liberdade: dada, dada, dada; uivo das cores crispadas, entrelaçamento dos contrários e de todas as contradições, das extravagâncias, das inconseqüências: a Vida». Mas não é afinal só a destruição aquilo que os *dadaístas* procuram mas a encontrar a espontaneidade que eles consideraram perdida. Em Nova Iorque, Marcel Duchamp pinta a célebre pintura *Mariée mise à nu par ses célibataires, même* (1915), Picabia desenha mecanismos sem qualquer função, irmãos dos *ready-mades* (prontos a usar) de Duchamp, e que mais tarde se prolongaram nos «objectos de funcionamento simbólico» dos surrealistas, enquanto que Man Ray experimenta novas técnicas fotográficas tais como a exposição directa de objectos sobre a placa. Em Zurique, os *dadaístas* fizeram a sua aparição a 30 de Março de 1916 no *Cabaret Voltaire*, mistura de café literário e musical e galeria de arte, instalada por Hugo Ball e a sua esposa, a actriz Emil Hennings. O acto de apresentação foi consagrado à música negra e à recitação de «poemas simultâneos» por Tzara, Arp e Janco. Iniciaram-se, deste modo, os *espectáculos-provocação dadaístas* e que de seguida ocupariam um lugar de destaque na actividade do grupo em Paris. Enquanto o *dadaísmo* na Alemanha irá chegar somente em Janeiro de 1918, em Berlim, pela mão de Richard Huelsenbeck e no meio da efervescência da revolução alemã de 1918.

Paro aqui, neste momento da história de *Dada*. Restará acrescentar que, sobretudo esta experiência *dadaísta* contribui fortemente à inspiração de artistas tão importantes como Schwitters e Max Ernst. E que os *dadaístas*

com o espírito da subversão trouxeram um novo foco de visão e uma poesia dominada pela revolta e pelas solicitações do acaso e a interioridade do indivíduo, para além, obviamente, do enriquecimento de alguns.

REMATE À ACTUALIDADE

Observámos que a *arte*, enquanto categoria, adquiriu este significado no século XVIII. A aristocracia foi a primeira a separar os objectos visuais e plásticos e a elevar uns poucos ao estatuto de *arte*. Nesse tempo a beleza era vista directamente unida à *verdade*. A *verdade* era a ordem do mundo da aristocracia - onde tudo tem um correcto e hierarquizado lugar - e a *arte* consiste na reprodução da ordem desse mundo através das disciplinas de pintura, escultura, literatura, música & companhia ilimitada. Neste moderno sentido, a *arte* foi a reacção de parte da aristocracia ao



desenvolvimento da prática burguesa. Em ascensão, a burguesia quis copiar o estilo de vida da aristocracia, mas os efeitos da revolução burguesa eliminaram o habitual modo de existência. Assim, quando a burguesia, derrotando a classe aristocrática, se apropria da *arte*, simultaneamente transforma-a. A *beleza* deixa de ser uma questão de *verdade*, para passar a ser entendida como matéria de *gosto individual*. A *arte* torna-se um sistema intelectual que soleniza o estilo de vida da burguesia que é, evidentemente, *superior* ao de todas as classes que a precederam. Salientámos e chamámos a atenção para algumas manifestações da *oposição cultural*. Todavia, por razões de espaço e outras, como referi no início destas «*Especulações Sobre o Ponto de Origem*», não somente ensaiei um resumo do abordado como tive que deixar para trás expressões artísticas e artistas tão importantes como, entre outros, - e mais remotamente - Bosch (1450-1516), referido como herético, embora nunca deixasse de ter sido um pintor religioso com uma forte inclinação para a sátira e grande interesse pelo quotidiano, William Blake (1757-1827), poeta, desenhador, gravador, escritor, do círculo radical de William Godwin. As suas principais obras foram as ilustrações dos seus poemas, inaugurando um processo de gravura que até aí não era usual, a *água-forte* em relevo e colorida à mão, e também não referi, por exemplo, as expressões artísticas do pós I Guerra Mundial, tais como, *construtivismo*, *realismo socialista* (*arte* reduzida a uma expressão de adesão ideológica) e o *surrealismo*. E - mais recentemente - três grupos de pós «II Guerra» que iniciaram, em 1957, a *Internacional Situacionista* (IS). Esta última nasceu da amálgama de três, relativamente pequenos, grupos de vanguarda: o *Comité Psicogeográfico de Londres*, a *Internacional Letrista*

o Movimento Por Uma Bauhaus Imaginista. O Comité Psicogeográfico de Londres dedicou-se, particularmente, à crítica do urbanismo e à difusão do *urbanismo situacionista* «oposto à fixação das pessoas em pontos determinados duma cidade, constitui o modelo duma civilização dos ócios e do jogo», *o jogo - um «instrumento de estudo e de jogo no meio ambiente urbano»*. Da *Internacional Letrista* surgiu o grupo que trabalhou com Isidore Isou. Este, o mais proeminente *letrista*, e o seu grupo, produziram uma forma de literatura visual que faz lembrar a poesia concreta, e filmes experimentais. A *Internacional Letrista* passou da literatura experimental para curtos textos teóricos, relacionados com o cinema, arte e urbanismo. O Movimento Por Uma Bauhaus Imaginista dedicou-se também à produção teórica de textos, mas os seus membros foram prolíferos na produção de trabalhos de *belas artes*, principalmente pinturas e cerâmicas. Em 1962 a *Internacional Situacionista* dividiu-se em duas, uma na Suécia, baseada na *Bauhaus Imaginista* da qual um dos membros foi o conhecido Asger Jorn, e outra centrada em Paris e em Guy Debord, que tinha vindo do grupo *letrista* fundar a I.S. Uma das preocupações centrais deste grupo, foi a ideia de "vencer" a arte. Debord e os situacionistas acreditaram que a possibilidade da intencionalidade artística tinha cessado com *dada* e o *surrealismo*, daí que, a única coisa que restava fazer era «a realização e a supressão da arte»⁽³⁶⁾. Outro grupo, *Fluxus*, «de energia para a transformação da cultura e da ideologia» (*Fluxus*, nº84/85, 1978). Este grupo, esperava realizar uma arte *mais democrática*. Um dos meios seria a produção de escritos que qualquer um pode *representar*. Aparentemente, esta *arte democrática* representa os interesses dos elementos de vanguarda junto com os interesses de uma

fracção cultural da burguesia poderosa. O facto do artista estar preso às redes conceptuais da religião do trabalho, e que muito bem define o contínuo *progresso* e o *humanismo*, é convenientemente ignorado. E o grupo *Neoist*, constituída em 1979 em Montreal, ficou fascinado pelo vídeo e os computadores. A tecnologia *soft* é para eles aquilo que a tecnologia *hard* (carros, aviões, fábricas) foi para os futuristas. E tantas outras expressões artísticas que não foram nomeadas, porém, todos estes esforços parecem agora tornar-se inúteis. E sempre o fim de um milénio trouxe consigo a promessa do apocalipse e da revelação. A mudança de século sempre pareceu criar expectativas. No entanto, agora, a três meses do final do século XX, a idade do ouro parece estar por detrás de nós, não à nossa frente. Agora o capitalismo autonomizou-se e a domesticação dos homens e das mulheres reforçou-se, modernizou-se e informatizou-se. O Capital, como permanentemente sentimos, transformou-se na verdadeira comunidade real-material e ideal dos indivíduos e procede-se a uma acelerada hierarquização na relação entre eles. O futuro parece entrar para dentro dum antigo filme do passado.



NOTAS

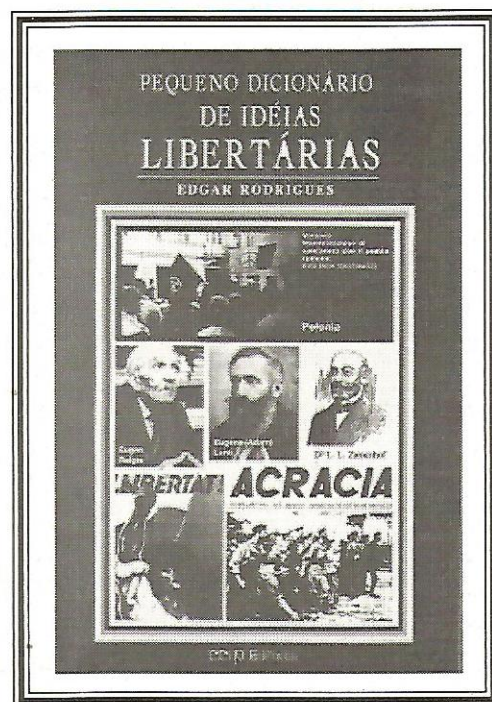
* Pintor

** «Carta Do Papa João Paulo II Aos Artistas», *Arte Ibérica*, Lisboa, Setembro de 1999.

- 1 «Carta do Papa», pp. 5, 17 e 18.
- 2 Ibid, pp. 5, 17 e 18.
- 3 Ibid, p.5.
- 4 *Coice de Mula*, nº1 - Março/Abril de 1999.
- 5 «Carta ao Papa», p.6.
- 6 Ibid, pp. 6 e 8.
- 7 Ibid, pp. 16, 17 e 18.
- 8 Ibid, p. 8.
- 9 Ibid, p. 8.
- 10 Ibid, p. 9.
- 11 in Jean Baudrillard, *Shock of the Neo*, entrevista ao canal de televisão de Inglaterra, *Channel Four*, 1988.
- 12 «Carta ao Papa», p. 15.
- 13 Ibid.
- 14 Ibid.
- 15 Ibid.
- 16 Ibid.
- 17 Ibid.
- 18 in Herbert Read, *To Hell With Culture*, London, 1962.
- 19 in H. W. Janson, *História da Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição.
- 20 Ibid.
- 21 Ibid.
- 22 «Carta do Papa», p. 12.
- 23 in Dr. Agostinho Fortes, *O Helenismo - Persistência da Cultura Helénica Através da Civilização*, Tipografia Gonçalves, Lisboa, 1912.
- 24 in H. Read. obra citada.
- 25 in Janson. ob. cit. .
- 26 Ibid.
- 27 Ibid.
- 28 «Carta ao Papa», p. 15.
- 29 Ibid.
- 30 H. Read. ob. cit. .
- 31 Citado por Read.
- 32 in J.M. Nash, *O cubismo, o futurismo e o construtivismo*, Editorial Labor do Brasil, S.A., Barcelona, 1976.
- 33 Ibid.
- 34 in Herbert Read, *O Significado da Arte*, Ulisseia, 2ª edição, s/d.
- 35 in Tristan Tzara, *Sete Manifestos Dada*, edições Hiena, Lisboa, 1987.
- 36 in Guy Debord, *A Sociedade do Espectáculo*, Mobilis in Mobile, Lisboa, 1991 ou Khayati na *Internacional Situacionista*, nº10, edição de Van Gennepe, Amesterdão, 1970.

BIBLIOGRAFIA

- Agostinho Fortes, *O Helenismo - Persistência da Cultura Helénica Através da Civilização*, Tipografia Gonçalves, Lisboa, 1912.
- Rodolfo Modern, *El Expressionismo Literário*, Buenos Aires, 1958.
- Marinetti, *O Futurismo*, edições Hiena, Lisboa 1995.
- Karl Polanyi, *The Great Transformation*, Nova Iorque, 1944.
- Ribemont-Dessaignes, *Dictionnaire de la Peinture*, Larousse, Paris 1987.
- Vários, *Surrealismo e Anarquismo*, Imaginário, São Paulo, 1990.
- Internacional Situacionista*, Van Gennepe, Amesterdão, 1970.
- D. Haorne, *The Public Culture: The Triumph of Industrialism*, London, 1986.
- Guy Debord, *Comentários à Sociedade do Espectáculo*, Mobilis in Mobile, Lisboa, 1995.
- Jean Baudrillard, *Simulations*, Semiotext, Nova Iorque, 1983.
- Walter Hess, *Documentos Para a Compreensão Da Pintura Moderna - através dos testemunhos pessoais dos artistas*, Livros do Brasil, Lisboa, s/d.
- Edgar Wind, *Art. et Anarchie*, Gallimard, Paris, 1988.
- Dora Vallier, *Arte Abstracta*, edições 70, Lisboa, 1986.



Língua e Anti-Militarismo na Galiza: Polos de Resistência ao Estado Espanhol

PAULO ESPERANÇA

Como na generalidade do Estado Espanhol, na Galiza o movimento cívico de intervenção social tem um grande peso nomeadamente ao nível da juventude. Contrariamente a Portugal em que tudo roda em torno das perspectivas partidárias ou de organizações não governamentais que sobrevivem à custa dos subsídios e apoios estatais na Galiza a luta antimilitarista, o movimento pelos direitos das

mulheres, as associações de moradores, as iniciativas de índole cultural alternativo, a defesa da língua, etc., emergem de colectivos que, funcionando muitos deles em moldes libertários e assembleiários, se posicionam claramente à margem do poder.

Na sua esmagadora maioria todo este tipo de iniciativas se acolhe à sombra do nacionalismo galego contra o centralismo do



Estado Espanhol, produzindo acentuadas clivagens com a principal força política nacionalista - o "Bloque Nacionalista Galego" (BNG).

Mas o que é certo é que, principalmente em torno da defesa da Língua e da luta Anti-Militarista, se têm travado duras batalhas em que os "exércitos" são essencialmente constituídos por colectivos e pessoas individualmente consideradas que associam a essas batalhas a denúncia do Estado e da submissão hierárquica promovendo assim a defesa da identidade cultural e política do povo galego.

A LÍNGUA E A POLÍTICA

Ao apoiar no final da Idade Média o pretendente derrotado à coroa de Castela, a nobreza galega não teve outra solução que não fosse o exílio.

Com essa medida de recurso criavam-se objectivamente as condições para a passagem do galego de língua de cultura a dialecto utilizado clandestinamente nas regiões mais desfavorecidas enquanto o pretendente vencedor doava aos seus fiéis seguidores abundantes extensões territoriais e impunha o castelhano como língua oficial de comunicação.

Naturalmente que neste processo de destruição cultural e de pose imperialista se deu a integração de diversos termos castelhanos originando assim o nascimento duma "nova" língua - o "castrapo" - que mais não era que a osmose do castelhano incipiente com o galego falado nas regiões mais pobres e humildes.

Estranhamente nos finais do século XIX, sem qualquer explicação científica, sociológica ou política, o uso do galego ressurgiu em confrontação assumida com a corrente usual

castelhana.

Segundo os historiadores e linguistas interessados pelo tema, como foi o caso de Rodrigues Lapa (nascido, aliás, na Galiza) essa cultura de ressurreição do galego assentou fundamentalmente nos poetas (Rosalia de Castro e E. Pondal, por exemplo) que não se sentiam capazes de retratar os seus sentimentos numa língua (o castrapo) que de facto não existia.

Mas este processo de ressurgimento do galego-língua circunscreveu-se a círculos extremamente restritos e não perdurou fora dos circuitos intelectuais da época!

Só a dinâmica da Frente Popular na década de trinta criou fundadas expectativas na segunda "ressurreição" do galego, rapidamente destruídas pela vitória franquista dirigida por um obscuro "caudilho" nascido em Ferrol... Galiza!

A transição monárquico/democrática liderada ainda por Franco e seus delfins - como Adolfo Suarez - acaba por reconhecer em 1975 a existência de nacionalidades históricas aceitando a teoria do "bilinguismo" para que a unidade do Estado não fosse posta em causa.

A 3 de Julho de 1982 a Junta da Galiza dirigida pela Aliança Popular de Fraga Iribarne - ex-ministro franquista - decreta a "normalização linguística" adoptando a ortografia castelhana para o galego o que, segundo algumas correntes, mais não foi que a adopção tardia mas despudorada do "castrapo".

Face a esta decisão política renasceram das cinzas as principais correntes teorizadoras do que deveria ser a língua oficial da Galiza.

Todas elas, seguramente, com suportes ideológico/políticos que ultrapassam a questão pela qual se mobilizavam!

Dialectismo, isolacionismo e reintegração passaram a ser termos usuais quando se discute a questão da língua!

O primeiro tinha e tem como principais representantes alguns sectores intelectuais que recorrem ao galego mas que à falta de termos muitas vezes recorrem ao castelhano construindo assim o que alguns chamam um “novo” galego.



O segundo, com forte incidência política na corrente “anti-iberista”, defendia e defende que o galego, hoje, é já uma língua com estatuto autónomo e portanto as importações e integrações que fez não podem ser esquecidas ou anuladas. Afasta por isso qualquer hipótese de ser uma língua com “buracos negros” rejeitando, por princípio a necessidade de recorrer ao tronco comum - o português - para se vivificar.

Absolutamente contrários a estas duas posições e às normativas oficiais situam-se os reintegracionistas.

Ao defenderem que o galego é o português falado na Galiza propõem o varrimento de todos os castelhanismos que foram sendo impostos ou aceites defendendo a integração da Galiza na “comunidade lusófona” nomeadamente na CPLP.

Apesar da existência destas e doutras correntes com menos visibilidade pública a

questão central, nos tempos actuais, situa-se no conflito assumido entre os nacionalistas (que se encontram no poder municipal e lutam por mais “altos voos”) que são acusados de aceitarem mais ou menos pacificamente uma “língua galega” com fortes aproximações ao “castrapo” - e os independentistas que consideram o português como a sua única e legítima língua, assumindo-se assim como “reintegracionistas”.

Esta questão traduz-se sistematicamente na luta política levada a cabo pelas organizações de juventude onde proliferam o activismo prático e as correntes políticas que vão do movimento libertário às concepções marxistas mais ortodoxas.

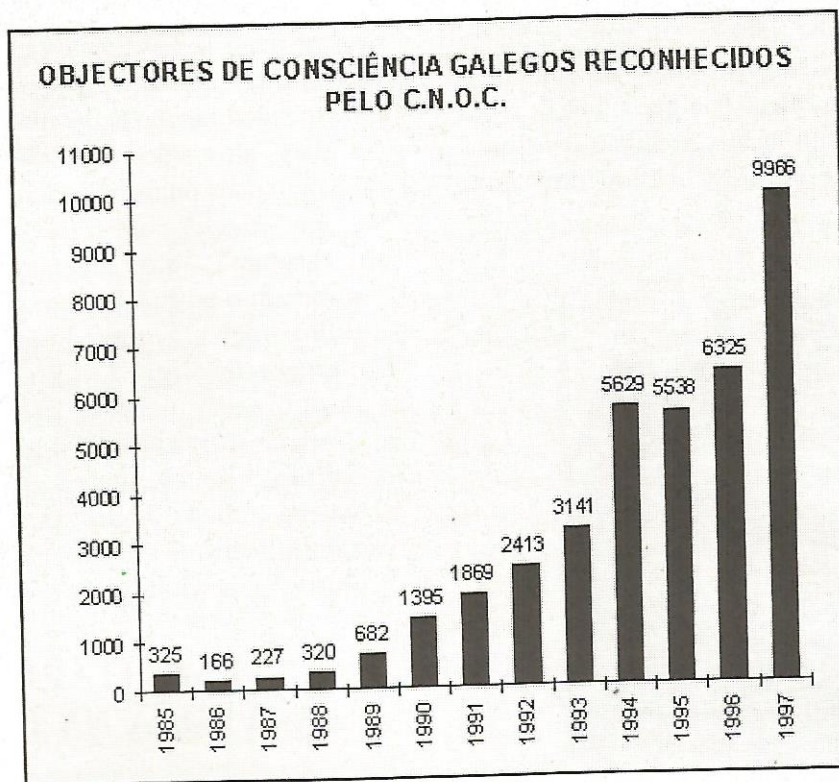
ANTI-MILITARISMO - A “PEDRA NA BOTA”

Finais de 1997, Estado Espanhol : 127 304 objectores de consciência para 165 242 incorporados no Serviço Militar Obrigatório (Números do Conselho Nacional de Objecção de Consciência (CNOG) - organismo oficial dependente do Ministério da Justiça).

Com relevância em todo o Estado estes números assumem, porém, particular acuidade na Galiza onde em 12 anos, o número de jovens que se recusam a participar na “mili” sofreu um aumento de 2.966%. Ainda segundo os números oficiais, a relação é de 9.966 objectores para 9.296 integrados no serviço militar, com especial incidência na província de Lugo onde aqueles são quase o dobro destes.

“Preocupante”!... ajuízam onze anos depois as forças institucionais do poder político em Madrid!

Que bem tentaram dissuadir a emergência dessa corrente anti-militarista: o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) fez



aprovar em 1988 a lei da Prestação Social Substitutória (PSS), uma espécie de “*serviço de caserna civil*”, destinada aos objectores de consciência que, no entanto, dura mais tempo que o serviço militar obrigatório e possui o mesmo tipo de regime disciplinar, uma vez que estão vedados o direito de reunião, de associação (sindical e/ou política) e de greve.

A medida não surtiu grande efeito, já que em 1995 se calculava em mais de 100 mil os jovens que se recusavam a servir as forças armadas e a cumprir a PSS em todo o Estado Espanhol, recorrendo judicialmente de todas as medidas e actos persecutórios.

Face à avalanche desses recursos que tinha pendentes, o Tribunal Constitucional faz doutrina pronunciando-se no sentido de considerar que “*os insubmissos estão fora da legalidade e que serão julgados e condenados, como simples delinquentes*”.

Face à impossibilidade “logística” (vulgo

prisões) de arrecadar a onda de “desobedientes” o Estado faz alterar o Código Penal prevendo a pena de prisão apenas para casos excepcionais. Todos os que forem considerados “*delinquentes primários*” (por não terem antecedentes criminais) serão tipificados como “*insolidários sociais*” e objecto de “castigós” que passam por “*inabilitação para o exercício de qualquer cargo público*”, além de se verem inibidos de concorrerem a “*bolsas, subvenções ou apoios*” concedidos pelos vários departamentos oficiais.

Para grandes males... grandes remédios e, por isso, mais uma vez o “tiro saía pela culatra”.

Muitos objectores de consciência transferem o “problema” para o foro militar, sujeitando-se à prisão mas anulando os efeitos civis que a insubmissão legalmente acarretava.

Já que a eficácia da insubmissão ficava ao alcance das leis civis mutilando direitos que

não poderiam ser usufruídos por um período de tempo que poderia atingir os catorze anos, a desobediência civil anti-militarista decide enfrentar directamente o sistema militar.

Surge assim a estratégia da deserção depois de, formalmente, ter acontecido a incorporação nas forças armadas. Esta atitude, caindo na alçada do “crime” militar, faz abolir os efeitos da “morte civil” com que o Estado tinha julgado poder amedrontar os objectores e insubmissos.

O método foi simples, contam-nos os dois mais antigos presos “insubmissos”, os galegos Ramiro Paz e Elias Rozas: “(...) forçamos a nossa detenção, para isso tivemos de fazer quatro actos públicos: no primeiro demos uma conferência de imprensa em Lugo; no segundo fomos à manifestação nacional em Compostela; o terceiro foi a concentração diante do governo militar de Pontevedra, e o quarto foi a concentração diante do Tribunal Militar da Corunha onde, por fim, nos deteve a polícia nacional”.

Recusando a incorporação nas Forças Armadas ou desertando depois de obtido o “estatuto” de militar, Yusef Ghanimé, Alberto Naya, Javi Gomez Sanchez, Fali, Tasio Ardanaz, são alguns dos presos, não apenas galegos, que habitam o sistema prisional do Estado Espanhol, enquanto dezenas de outros, já cumpriram pena, aguardam decisão judicial ou se encontram na clandestinidade.

Todos continuarão, porém, a ser considerados “delinquentes” já que o Parlamento do Estado Espanhol recusou nos princípios de 1998 por 162 contra 161 votos, um projecto de lei da Esquerda Unida propondo que a insubmissão deixasse de ser um delito.

Eduardo Serra Rexach, Ministro da Defesa, não escondeu a sua satisfação reconhecendo que era “unha boa notícia para todos”!

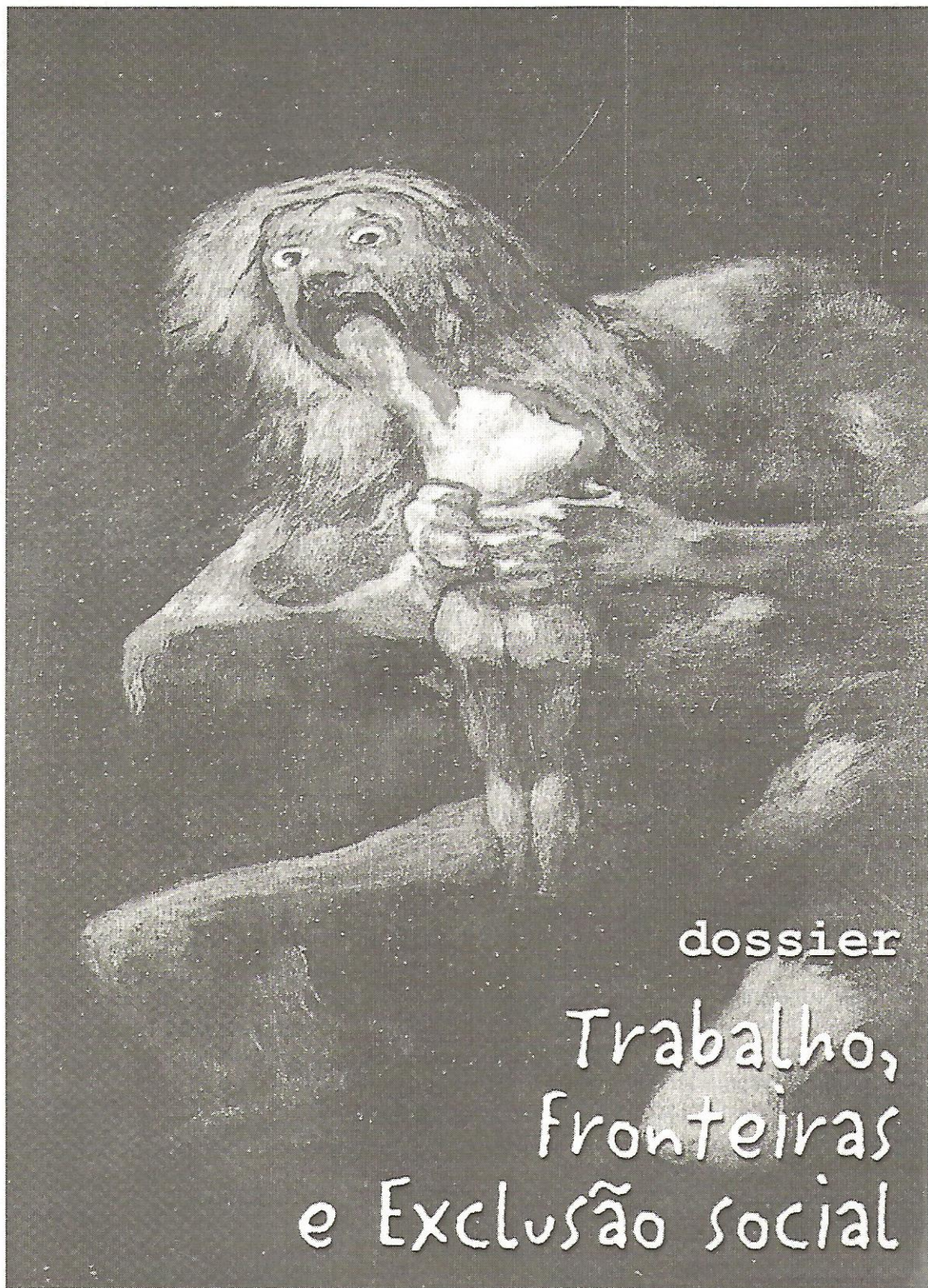
Em desespero de causa e porque sectores conotados com o franquismo consideravam em

surdina que se estava a cair no ridículo face ao clima geral de rejeição do papel das forças armadas, o Governo de José Maria Aznar propôs medidas destinadas a beneficiar fiscal e socialmente as famílias que tenham filhos servindo em qualquer ramo das forças armadas.

Porque o resultados não terão sido encorajadores, em finais do ano passado, sob proposta do PSOE, o Parlamento do Estado Espanhol aprovou uma lei que desobriga os jovens contratados em regime de trabalho temporário de prestarem serviço militar. As repercussões de imediato se fizeram sentir, sabendo-se que, de repente, passou a haver “uma taxa de emprego temporário” muito superior ao que seria “estatisticamente expectável”!

Desconhecem-se os números reportados ao ano findo suspeitando-se que, face à profissionalização das Forças Armadas do Estado Espanhol a partir de 31 de Dezembro de 2.002 se considere “desnecessário” e “alarmante” produzir mais estatísticas até lá.





dossier

Trabalho,
fronteiras
e Exclusão social

A SOCIEDADE EM QUE SOIS O HERÓI...

O senhor Boudu é um *desempregado* e um ser humano. O que o diferencia dos outros seres humanos é o facto de não ter um emprego e andar à procura de um. Os humanos que têm um emprego designam-se *os trabalhadores*. Porque são seres humanos, os desempregados e os trabalhadores precisam, nesta sociedade, de dinheiro para viver. O dinheiro é a relação social que domina e determina as relações entre os seres humanos. Não se dá, não se troca o dinheiro por qualquer coisa. O trabalhador tem dinheiro porque tem um salário. O salário é a quantidade de dinheiro trocada pelo patrão por uma tarefa específica ou uma duração de trabalho. O patrão é um ser humano que troca o produto do trabalho por uma quantidade de dinheiro claramente superior à do salário.

O desempregado, por sua vez, tem dinheiro porque está inscrito no Centro de Emprego e tem direito a subsídios. O Centro de Emprego é um local onde seres humanos trabalham para que outros seres humanos, os desempregados, possam encontrar um trabalho. Uma recepcionista trabalha a distribuir senhas de atendimento. As senhas de atendimento indicam ao desempregado quando é que ele pode ir falar com a conselheira do Centro de Emprego que trabalha para estabelecer o perfil informático de quem procura emprego. O perfil

de emprego é definido pelo ROM. O ROM é o resultado de um longo trabalho dos agentes do departamento operacional de ofícios/actividades, por exemplo, «coordenador gerontológico». Um coordenador gerontológico é um conselheiro de famílias de seres humanos que têm uma pessoa idosa para colocar. Milhares de seres humanos trabalham para ensinar aos seres humanos como procurar um trabalho, um estágio. Eles trabalham a ocupar o tempo do desempregado. O desempregado que é um ser humano, logo, que tem necessidade de dinheiro para viver nesta sociedade, só recebe subsídio de desemprego se estiver inscrito no Centro de Emprego, ou rouba-o. O organismo que concede os subsídios de desemprego é um local onde seres humanos trabalham, ganhando por conseguinte dinheiro, para decidir se os que não têm emprego têm ou não o direito de ter dinheiro. O roubo é o meio que os seres humanos utilizam para ter dinheiro, quando não têm um emprego, quando não têm direito a rendimentos sociais, ou quando não se contentam com um mínimo. O roubo, contrariamente ao trabalho e às contribuições, é ilegal, isto é, é contrário à lei. A lei é um conjunto de textos escritos por seres humanos para dizer aos seres humanos como se devem comportar. Muitos seres humanos trabalham pelo que foi

estabelecido por lei e que é necessário respeitar. A lei é aplicada por milhares de seres humanos que vigiam, prendem, intimidam, julgam, condenam e fecham em prisões outros seres humanos. A prisão é um local onde seres humanos trabalham a vigiar os seres humanos que não respeitaram a lei e que aí são retidos para serem punidos. Milhares de seres humanos trabalham a construir prisões: arquitectos, pedreiros, electricistas, bombeiros, marceneiros, e outros.

Mas nem todos os seres humanos que não respeitam a lei estão presos e estes, como os trabalhadores e os desempregados, mesmo que tenham um pouco menos, têm uma certa quantia de dinheiro para trocar. Com este dinheiro o ser humano deve poder comer, vestir-se, ter casa, e divertir-se. Para tratar de si, o ser humano vai ao supermercado. O supermercado é um local onde seres humanos trabalham a descarregar, etiquetar, contabilizar, encaixar em troca de um salário para que os alimentos produzidos por outros seres humanos desconhecidos, sejam trocados por dinheiro. Na nossa sociedade os alimentos que se encontram nos supermercados são produzidos de forma industrial. A alimentação industrial permite, pela utilização de farinhas animais, antibióticos, ao monte, criar um porco dedicando-lhe cinco minutos por dia durante seis meses. Um porco correctamente criado precisa em média de uma hora por dia durante seis meses a cultivar batatas, o grão para os alimentar. A diferença de tempo ressent-se qualitativamente na carne. A carne é um alimento consumido em grande quantidade pelos seres humanos. As capacidades nutricionais dos alimentos consumidos pelos seres humanos determinam a saúde. A saúde define o estado de não-doença. O tempo ganho pelos seres humanos na produção do porco é perdido no tempo que perdem a tratar da sua saúde. Para conservar a sua saúde, os seres

humanos trocam dinheiro pelos seus cuidados nos hospitais e visitas aos médicos.

Os seres humanos trocam também dinheiro para ter uma casa. Eles alugam ou compram um apartamento ou uma casa. Os apartamentos, as casas, não são construídos, nem pensados pelos seres humanos que os vão habitar, mas por financeiros que decidem, arquitectos que as desenham, engenheiros que as realizam, operários que as executam, peritos que verificam se a normalização está conforme as regras. Os imóveis e casas são produzidos em cadeia como a alimentação e os cuidados de saúde. Os materiais são escolhidos em função da quantidade de dinheiro que é necessário trocar para os adquirir. Estes imóveis construídos com os materiais económicos mas pouco sólidos

LE LUNDI AU SOLEIL

Recueil de textes
et de récits
du « mouvement
des chômeurs »
cahier n-1
novembre 1997 - avril 1998



partem-se, degradam-se, ao fim de 20 anos. Os terrenos, construídos não são escolhidos pelos seres humanos aos quais são destinados, sendo antes definidos pela lei. A lei proíbe qualquer um de construir a sua casa onde quer que queira. Os terrenos escolhidos de acordo com a quantidade de dinheiro a trocar são para alojamentos sociais muitas vezes longe dos centros, na periferia. A periferia é o que está em volta da cidade, encontrando-se aí muitas grandes cidades onde se amontoam os desempregados e os trabalhadores que não têm dinheiro suficiente para decidir onde vão morar, e que são obrigados a ir para onde os manda o departamento dos alojamentos sociais.

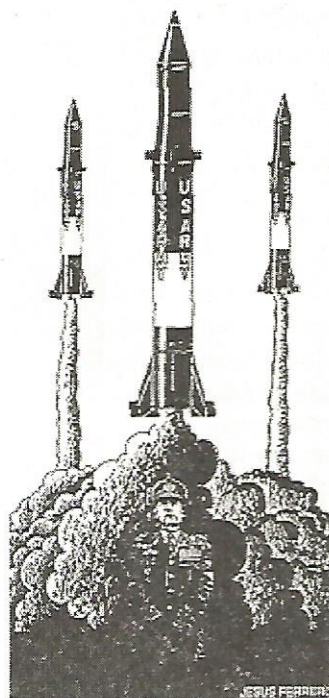
Se o ser humano não trocou todo o dinheiro que tinha para habitar num lugar, para se alimentar e para se tratar pode também ter um carro. O carro é uma máquina que permite deslocar-nos de um sítio para o outro, mais ou menos depressa numa estrada. Mas para que o carro possa andar é preciso que as estradas sejam suficientemente numerosas para o número de carros, é necessário construir estradas. Para construir estradas, é preciso expropriar seres humanos que criam pontes consagrando-lhes uma hora por dia durante seis meses. As estradas são construídas por operários que trocam o seu trabalho por um salário que poderiam gastar a comprar um carro, pagando impostos sobre as estradas que servirão para transportar os pontes aos quais dispensam cinco minutos por dia e que poderão comer se os trocarem por uma quantidade de dinheiro. O carro, construído por seres humanos para outros seres humanos, produz gases de escape. A poluição é o conjunto de detritos nocivos à saúde provocados pela produção industrial. A poluição é também um sector de actividade onde trabalham inúmeros seres humanos a controlar, vigiar, «reduzir» os estragos provocados pelos seres humanos que também

querem um salário.

Os seres humanos canalizam todas as suas atenções para medir os estragos que cometem dado que entre outras produções eles produzem seres humanos. Os seres humanos ocupados a procurar um trabalho ou a trabalhar confiam os seus pequenos seres humanos à escola. A escola é um local onde os seres humanos trabalham a ensinar aos pequenos seres humanos o tédio, o medo e a obediência. A aptidão para se entediar, o medo e a obediência são as qualidades que lhe serão necessárias mais tarde para procurar um emprego, trabalhar, alimentar-se, comprar casa...

Quinta-feira ao sol
Março 1998

Extraído de *Le Lundi Au Soleil* — recolha de textos do «movimento dos desempregados», caderno nº1, Novembro 1997 - Abril 1998, Paris Traduzido por Guadalupe Súbtíl



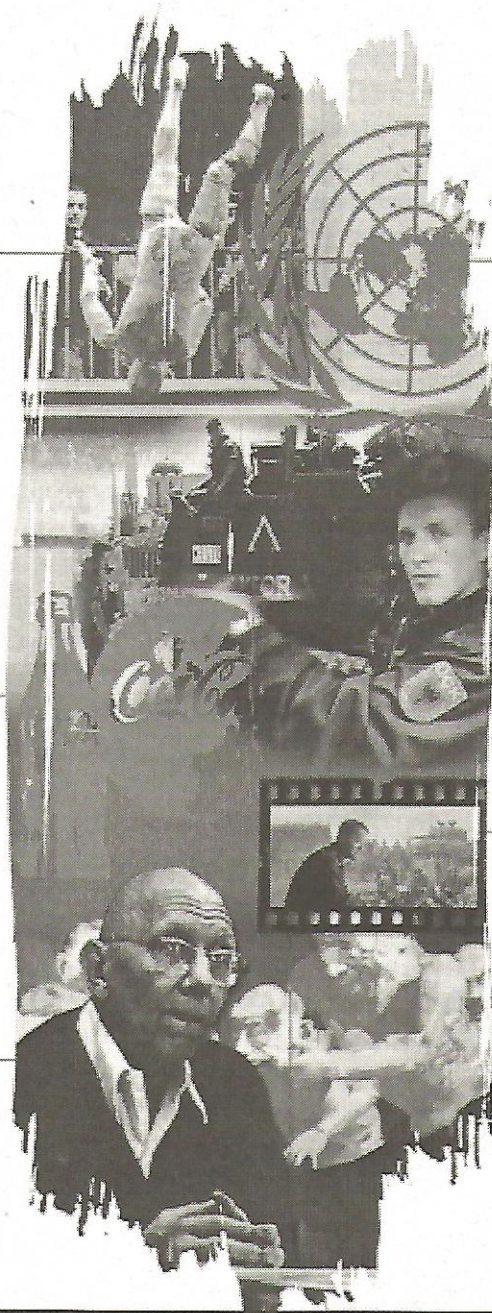
libertaria 1/99

il piacere dell'utopia

**Piazza Fontana
1969-1999**
Quello che
il Pci sapeva
e ha
sempre taciuto

**L'informazione
ha un
solo padrone:
la pubblicità**

**Cornelius
Castoriadis
L'immaginario
che crea
la società**



**Nella modernità
c'è
un buco nero**
Conversazione
con Pietro
Barcellona

**Balcani
Che valore ha
questa pace
a suon
di bombe?**
Il parere di
Noam Chomsky
e Giulio Giorello

**Quando
il cinema
va alla guerra**
di Goffredo Fofi

**L'anarchico
«Biennale»**
Intervista
ad Harald
Szeeman
nuovo direttore
della mostra
veneziana

Contacto: Libertaria, Via Rovetta, 27, 20127 Milano, Italia.

A EXCLUSÃO SOCIAL NO MERCADO DE TRABALHO

MÁRIO RUI PINTO

A exclusão social no mercado de trabalho é um aspecto específico do fenómeno global da exclusão social – fenómeno que alastra em todos os Estados, ricos ou pobres, desta sociedade pretensamente moderna, desenvolvida e socialmente justa –, sendo talvez a sua componente mais importante. Ou seja, pode-se afirmar que, numa sociedade onde o principal padrão de referência social é o dinheiro e a sua utilização, a exclusão social existe quando se nega a qualquer indivíduo o acesso ao mercado de trabalho.

Está por provar que esta realidade seja apenas um apanágio das minorias étnicas, geralmente conotadas com a imigração ilegal, ou de outras minorias específicas, como deficientes ou toxicodependentes. Ela já atinge diversos grupos sociais que vão sendo empurrados para a marginalidade, resultado em muitos casos de situações de pobreza geracional, de condicionantes estruturais ligadas ao meio ambiente em que se inserem e de alterações tecnológicas nos locais de trabalho.

Basta passar os olhos pelas estatísticas sobre desemprego, para se verificar que muito do desemprego que presentemente existe nos países desenvolvidos é desemprego de longa duração. Em 1993, já atingia um décimo da taxa de desemprego total dos EUA e mais de metade de taxa de desemprego total na maior

parte da União Europeia. Chamar desemprego de longa duração é, aliás, apenas um eufemismo de linguagem, visto tratar-se, pura e simplesmente, de desemprego de exclusão, situação em que as pessoas estão condenadas ao desemprego ou são empurradas para empregos temporários nos sectores informais, menos competitivos e até marginais da economia.

Que factores poderão conduzir à exclusão social, sobretudo em Estados cada vez mais desenvolvidos e com índices de riqueza crescentes? Culpabilizar o actual estágio de desenvolvimento do capitalismo não chega, sobretudo se tivermos em atenção que, para este capitalismo subsistir, tem de alargar o potencial de consumidores existente e assegurar-lhes um poder de compra sempre crescente. Ora está provado que, nos países desenvolvidos, a um aumento de 1% da taxa de desemprego corresponde uma quebra de 2% no PIB (Produto Interno Bruto). Menos PIB origina menos consumo e não há capitalismo que resista sem consumo.

Parece-me evidente que a terciarização e a globalização da economia muito têm contribuído para a exclusão social ao alterar profundamente as “regras do jogo” capitalista, a forma de operar das empresas e a sua estrutura organizativa.

Há cem anos, a sociedade capitalista era dominada por duas classes: o proletariado

explorado e dependente – entendido na sua concepção clássica da classe operária do início do século – e os capitalistas detentores dos factores de produção decisivos para a obtenção de riqueza – capital, terra e trabalho. Acontece que, nos dias de hoje, qualquer destas duas classes praticamente desapareceu, como praticamente desapareceu o tipo de sociedade capitalista que lhes estava

mas que ainda era “trabalhador”, ainda dominava a cena social e política nos Estados industrializados. Foi com a terciarização da sociedade, e com a chamada “revolução da produtividade”, que começou a perder poder e estatuto. Na opinião de Peter Drucker, a partir do ano 2000 não existirá uma única nação industrializada onde os trabalhadores operários, da produção fabril e da movimentação de



subjacente.

Os proletários transformaram-se numa das componentes da classe média emergente, tendo alcançado quase todas as reformas sociais a que aspiraram durante décadas: 8 horas de trabalho, descanso semanal, férias pagas, subsídios, etc.

Até princípio da década de 70, o trabalhador industrial, que já deixara de ser “proletário”

produtos, representem mais do que um sexto ou um oitavo da força de trabalho. Será assim?

Quanto aos capitalistas tradicionais, perderam poder ainda mais cedo, com o aparecimento dos gestores profissionais, dos fundos de pensões e de investimento, com o advento e consolidação da economia global. Em quase todas as indústrias impera a moda das fusões e concentrações. Cada vez há

mas as maiores empresas transnacionais, onde já não há lugar para o capitalista-patrão do início do século como Ford, Siemens, Morgan ou Vickers. Actualmente, as empresas dominantes na economia mundial estão nas mãos de um leque alargado de accionistas e de fundos, onde ironicamente participam os próprios trabalhadores, e são geridas por gestores profissionais que respondem apenas perante as assembleias de accionistas. Quanto aos fundos, estes são geridos por analistas financeiros anónimos, que desprezam quaisquer valores sociais, ecológicos ou políticos. Estima-se que administram cerca de 30 milhões de USD (dólares americanos), que circulam constante e diariamente de mercado em mercado, procurando exclusivamente a maximização do lucro, não se importando de desencadear crises – como a recente crise asiática – se tal for necessário para atingir esse objectivo.

A actuação destas empresas ultrapassa as fronteiras nacionais, passando por cima dos Governos e empurrando estes cada vez mais para apenas duas funções, ambas relacionadas com a manutenção do sistema: construção e gestão de infraestruturas não lucrativas, mas necessárias ao investimento privado e ao desenvolvimento da economia – redes de transportes, parques industriais, saneamento básico – e garante do funcionamento da assistência social, como forma de manter todas as pessoas com um mínimo de rendimento necessário ao consumo. Noam Chomsky releva esta situação, salientando que uma das consequências da globalização da economia é precisamente o aparecimento de novas instituições com capacidade de governo e que servem os interesses do poder económico privado e transnacional.

A terciarização da economia é um dado assumido, mas não me refiro aqui à que se vem desenvolvendo desde há 50 anos. Trata-

se de uma evolução específica dentro do terciário conducente à institucionalização de uma nova sociedade de serviços, baseada no saber e em redes de comunicação. A manter-se esta evolução, quem não tiver (tem) competências e saberes nesta área estará arredado do mercado de trabalho ou só encontrará colocação nos escalões mais baixos deste mercado.

A terciarização da economia no sentido atrás mencionado está a alterar, de forma profunda, a estrutura da oferta de trabalho, as empresas ou organizações e a forma de trabalhar.

Alguns dados estatísticos consubstanciam de forma evidente esta evolução: nos EUA, estima-se que 17 milhões de trabalhadores estejam desempregados, dos quais 75% jamais voltarão a usufruir de um trabalho normal; ainda nos EUA, cerca de 5 milhões de pessoas trabalham longos períodos “on the road”, nos denominados escritórios nómadas, que são autocaravanas completamente preparadas e equipadas para viver e trabalhar, só indo “a casa” de tempos a tempos; em França, um oitavo da população activa já trabalha em casa, exercendo a sua actividade por conta própria ou ligada em rede ou via Internet à empresa ou à organização empregadoras.

A introdução e a crescente aplicação de novas tecnologias – que não substituem o trabalho, mas que diminuem o número de trabalhadores e aumentam o nível de exigências em qualificações profissionais –, a progressiva liberalização dos mercados laborais – factor que Governos e patrões consideram muito importante para o aumento da competitividade das empresas e das economias – e a tendência para se privilegiarem os sectores económicos mais competitivos em detrimento dos sectores mais tradicionais ou obsoletos, tudo isto são factores objectivos de criação de exclusão social a partir

do mercado de trabalho.

O falhanço do sindicalismo moderno para lidar com estas questões é por demais evidente. Burocratizado, dependente do Estado, co-gerindo o sistema e as crises com as associações patronais, o sindicalismo actual é o exemplo típico de conservadorismo e de incapacidade revolucionária. Tendo a confrontação salários versus capital sido feita sempre num contexto burguês e desfavorável aos trabalhadores, como Malatesta salientou há muitos anos, a luta destes com o capital é, essencialmente, um conflito entre dois interesses que, no fundo, estão interligados e que é alimentado pelo nexus capitalista das relações contratuais em que ambos participam. Normalmente, contrapõem-se salários mais elevados com lucros mais elevados, menor exploração com maior exploração ou melhores condições de trabalho com piores condições de trabalho. Ou seja, os conflitos são, em princípio, sempre negociáveis e giram à volta de diferenças no grau de exploração, não a questionando. São fundamentalmente diferenças contratuais que estão em causa e não sociais. E mais. Como os desempregados não se podem sentar à mesa das negociações, é o próprio sindicalismo que contribui para a exclusão social. Conclusão: a revolução não passará por aqui.

Realizou-se recentemente na Finlândia uma cimeira de União Europeia dedicada apenas à cooperação policial e judiciária. Os sinais são claros: tudo aponta para que, sob o pretexto do reforço da luta contra o crime organizado e o branqueamento de capitais, questões como liberdade, segurança e justiça estejam na ordem do dia. E quando os políticos se preocupam com estas questões, já se sabe quais os resultados. Imigração, direito de asilo e refugiados são questões particularmente sensíveis para as opiniões públicas e para as chamadas soberanias nacionais.

Como se sabe, todo o corpo legislativo do Acordo de Schengen de 1985 foi incluído no Tratado de Amsterdão, que entrou em vigor a 1 de Maio do corrente ano, pelo que será de esperar um reforço da repressão nestas matérias. E se a corrente política dominante na União Europeia de hoje é a social-democracia, facto que por si só também não dá grandes garantias de liberdade, verifica-se em muitos Estados um reforço da extrema-direita: França, Alemanha, Áustria e, fora da União mas muito ligada a esta por laços financeiros, a Suíça.

É de prever um reforço da “Fortaleza Europa”, dificultando a livre circulação de pessoas e fechando-a ainda mais à imigração legal e aos refugiados, ou seja, é de prever o aumento da exclusão social a todos os níveis, neste caso virada para o exterior. Isto porque, para a imigração clandestina, direccionada sobretudo para determinados sectores do mercado laboral, continuarão a funcionar os canais habituais, como se viu em Portugal durante a construção da EXPO/98 e como se verá, provavelmente a uma escala ainda maior, com as obras que se avizinham relacionadas com a remodelação e construção dos estádios de futebol. Veremos novamente um exército de trabalhadores ilegais, sem direitos nem regalias, vivendo em regime de ex(re)clusão social à margem da sociedade, situação que se agravará no período de recessão económica que indubitavelmente se seguirá.

É uma verdade de La Palisse que tudo poderia ser diferente se as pessoas quisessem. Mas nunca esta verdade foi tão verdade como agora. E isto porque cada vez há mais pessoas a constatar que o desenvolvimento tecnológico actual da sociedade permite abolir por completo a pobreza e reduzir infinitamente a opressão do trabalho. Perante esta possibilidade de uma sociedade livre da pobreza, perante o absurdo do quotidiano

liberal, que fazem as pessoas? Interiorizam esta constatação, consideram-na utópica ou inalcançável, preferem o conforto de um comodismo no fundo miserabilista à aventura da liberdade e afirmam resignadamente “a vida é assim”. O peso das preocupações da sobrevivência, bem como os valores e as necessidades que estas originam, e o peso da máquina ideológico-cultural do Estado, retardando ou mesmo abafando qualquer semente de revolta, impede as pessoas de se consagrarem aos problemas da vida e, logo, à alteração radical do modo de funcionamento da sociedade. Até quando?

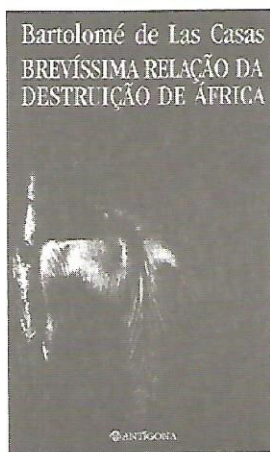
Até um dia aparecer o tal “momento mágico” que desencadeia a revolução. A revolução é um “momento mágico” porque,

conforme escreveu Bookchin, «sendo imprevisível, pode no espaço de algumas semanas ou mesmo de alguns dias, transformar numa tomada de consciência o que era apenas um desinteresse profundamente embrenhado no inconsciente». A constatação da irracionalidade desta sociedade só poderá irromper no consciente como desfecho da luta entre aspirações inconscientes e representação consciente, tudo isto numa confrontação aberta com a ordem social existente. Sendo a destruição das restrições inconscientes às aspirações enterradas no mais íntimo do indivíduo e à sua plena expressão a condição prévia para a instauração de uma sociedade libertadora, é neste palco que os anarquistas têm de actuar.

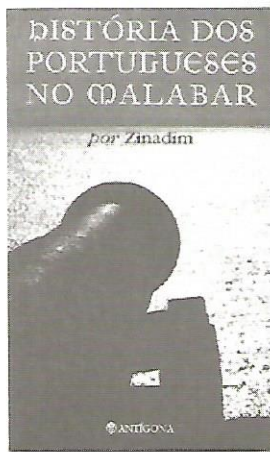
PARA UMA DESCOLONIZAÇÃO MENTAL DA HISTÓRIA PORTUGUESA



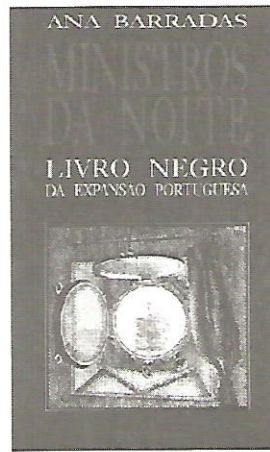
A LENDA NEGRA DA ÍNDIA PORTUGUESA
 Todos os testemunhos indicam que a Ásia Portuguesa já era notoriamente corrupta no final do século XVI. George Winius examina esta questão e procura dar-lhe resposta.



BREVÍSSIMA RELAÇÃO DA DESTRUIÇÃO DE ÁFRICA
 Las Casas terá sido a primeira voz que no mundo se ergueu para defender os escravos negros contra a escravatura, na qual os portugueses tiveram um papel fulcral.



HISTÓRIA DOS PORTUGUESES NO MALABAR
 A obra de Zinadim, escrita na segunda metade do séc. XVI, exprime o ponto de vista árabe no conflito, com frequência armado, que desde o início opôs as comunidades locais aos portugueses.



MINISTROS DA NOITE
 Esta colectânea de textos historiográficos portugueses, que vão do séc. XV ao séc. XX, representa uma primeira tentativa de desmontagem do discurso colonial, que tem condicionado a cultura portuguesa no sentido nacionalista e xenófobo.

ADELAIDE GONÇALVES
JORGE E. SILVA



A BIBLIOGRAFIA LIBERTÁRIA
UM SÉCULO DE ANARQUISMO
EM LÍNGUA PORTUGUESA

Contacto: Editora Imaginário, Av. Pompeia, 2549 conj. 01,
CEP 05023-001 São Paulo, Brasil

CABOS ÁVILA

A SAÍDA POSSÍVEL

JOSÉ LUÍS FÉLIX

Após 2 anos de ocupação permanente, os trabalhadores da Fábrica de Cabos Ávila (ver UTOPIA, nº 9*) estão em vias de alcançar um triunfo notável. Com efeito, está a chegar o dia da reabertura da Fábrica.

Uma empresa portuguesa, do sector – após longas negociações com o Governo – parece ter estabelecido um acordo para a aquisição daquela unidade fabril, com o compromisso, assumido, de reatar a laboração. Saliente-se que o acordo, ao que parece, contém uma importante componente imobiliária para o aproveitamento dos terrenos circundantes, excelentemente localizados e integrados no património da empresa e contempla, no imediato, a criação de apenas 100 postos de trabalho dos 205 trabalhadores vinculados à Cabos Ávila. Os restantes continuarão a receber o subsídio, previsto na lei dos salários em atraso. Por outro lado, está anunciada a contratação de mais trabalhadores nas fases subseqüentes ao arranque. Quantos e quando, ignora-se.

Esperemos que tudo isto não constitua uma manobra para contornar os direitos do pessoal e uma luta tenaz, que poderia culminar numa pura operação de especulação imobiliária, a coberto de um manto de promessas. Pese embora o facto deste acerto conter contornos nitidamente favoráveis à nova entidade patronal, não é demais realçar o carácter exemplar desta luta. Na correlação de forças, hoje em dia existente, qualquer acordo que envolva trabalhadores e capitalistas tende, obrigatoriamente, a favorecer estes últimos. Os Governos, independentemente das tonalidades ideológicas partidárias, assumem, sistematicamente, uma posição favorável aos patrões. É entendimento dos políticos que o capital deve ser apaparicado para não emigrar para outras bandas. Com o espúrio alibi da manutenção ou criação de postos de trabalho e do desenvolvimento da sacrossanta e indecifrável economia nacional, quase tudo é permitido aos senhores do dinheiro.

É neste contexto adverso que deve ser entendido o combate dos operários da empresa. Contra ventos e marés mantiveram-se unidos e conseguiram vergar aqueles que os pretendiam tratar como peças gastas e inúteis, como é de uso corrente em situações similares. Para além da demonstração da força dos proletários, esta luta é também exemplar a um outro nível: o da evidência do anacronismo do trabalho e dos limites da sua exigência na sociedade actual, mesmo

quando se trata de trabalhadores extraordinariamente combativos. É evidente que hoje, mais do que nunca, quando o trabalho escasseia e a instabilidade constitui uma regra, o seu conceito tem de ser repensado.

Quando a antiga solidez dos postos de trabalho, a carreira e estabilidade são esmagadas por via dos avanços tecnológicos e consequente aumento de produtividade, pela competição global e pela concorrência desenfreada; quando as pessoas são desprezadas e destruídas, em nome dos insondáveis desígnios da religião dos nossos dias – a Economia e o Dinheiro – é chegado o momento de rever alguns conceitos, particularmente caros à religião, à política e a todas as hierarquias – como o malfadado trabalho – que enriquece os poucos que o podem comprar e escraviza quase todos.

Quando um homem ou uma mulher são obrigados a fazer o que não gostam; a passar a maior parte da sua vida afastados da família, dos amigos e daquilo que amam; obrigados a permanecer em espaços concentracionários; a obedecer, servilmente, a chefes e patrões; a cumprir, religiosamente, regras que outros lhes impõem, sem lhes dar cavaco, para poderem obter aquilo de que necessitam, que nome poderemos dar a isto? Chantagem? Escravidão? Alienação?.

Apesar disso todos se batem desenfreadamente para conseguir o almejado trabalho. Aqueles que não possuem riquezas, que foram educados na religião do trabalho, não concebem outra forma que não essa para matarem a fome, produzem nas mesmas penosas circunstâncias.

E, no entanto, se aqueles que produzem tudo aquilo que existe, as coisas e serviços indispensáveis à vida, assim o quiserem, tudo pode ser diferente. Associados livremente, activos conforme as possibilidades de cada um, praticando a entre-ajuda, sem ordens, sem chefes, nem privilégios, os seres humanos poderão, finalmente, destruir as grilhetas do trabalho e viver livremente, na forma como a vida merece ser vivida.

* No artigo publicado sobre a Cabos Ávila, na Utopia nº 9, devidos a falhas de revisão do texto, algumas frases saíram truncadas. Assim, na página 49, quando se diz “quase dois anos e meio depois”, deve ler-se “a caminho de dois anos depois”. Mais abaixo, na mesma página, o termo “festaças” deve ser substituído por “festas”. Na página 44, onde se classifica o comportamento de Teresa de Ávila, no Convento, de Braga, como “execrável”, o adjectivo não corresponde aos propósitos do texto, razão pela qual se deve ler simplesmente “devido ao seu comportamento, foi expulsa”.

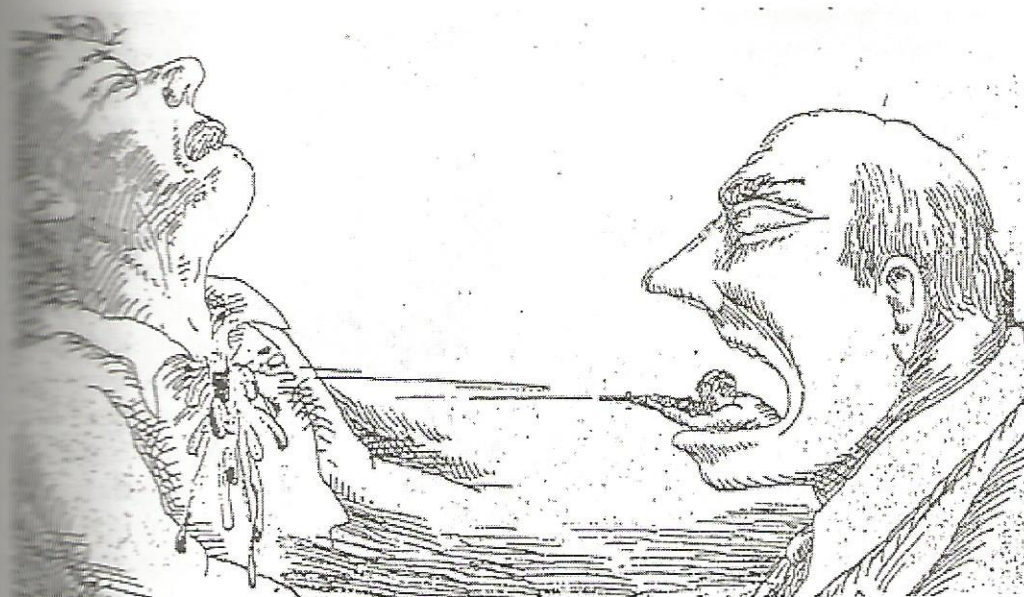
Mais adiante, na mesma página, onde se diz que a empresa “perdeu as quotas de 100%”, trata-se de um lapso, deve ler-se “perdeu quota de mercado”.

Por fim, na página 48, onde se diz, em referência aos quadro novos da empresa, que “eram simples lambe botas da patroa”, não se pretendia fazer semelhante afirmação. Na realidade vários desses quadros solidarizaram-se com a luta travada. Por isso, todo esse período deve ser ignorado pelo leitor.

Paraíso Moviflor...

Z. A. GUILHERME

Mociflor é uma cadeia de armazéns e lojas de mobiliário, propriedade de uma família.



Nos dias 2, 3, 4 e 5 de Novembro de 1999, um colaborador do *Coice de Mula* trabalhou no armazém desta cadeia de móveis em Rio de Mouro. O que se descreve a seguir foi o sucedido, sentido e presenciado, na primeira pessoa, sem exageros nem ficções.

O anúncio de jornal pedia empregados de armazém, situado na IC19 E.N.249, Km 13,6 em Alto do Forte – Rio de Mouro.

Horário de trabalho: de Segunda a Sábado das 8h às 18.

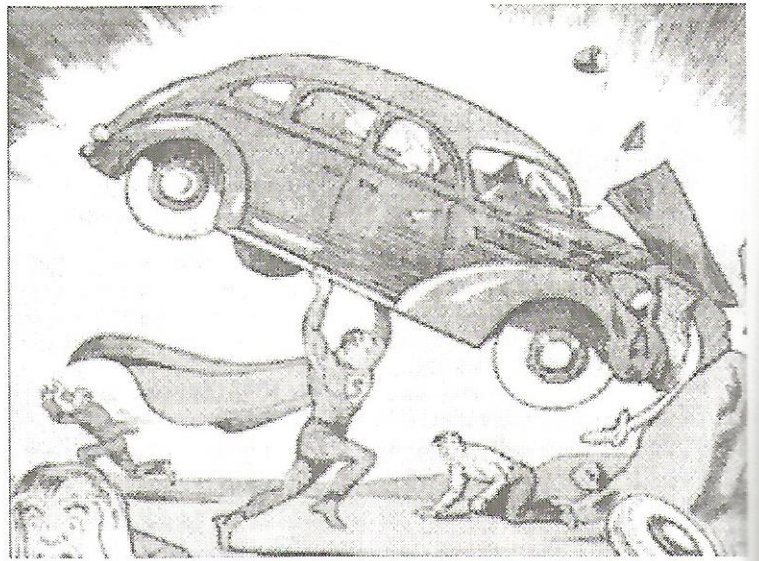
Vencimento: 100 mil escudos.

Caso o funcionário pretendesse trabalhar de Segunda a Sexta, o contrato colectivo de trabalho seria respeitado e o ordenado de 71 300.00.

Na entrevista feita às oito pessoas que responderam ao anúncio, o encarregado geral do armazém afirmou que “aqui ninguém anda atrás de ninguém”, e também “se está presente alguém com vícios de álcool ou droga, é favor não aparecer porque não resultará para nenhuma das partes”. *Até aqui nada de especial, dizem vivermos em democracia!*

Dos factos, dia 2 de Novembro. Oito horas da manhã. Dos oito entrevistados aparecem cinco. Tudo preparado para começar. Os camiões chegam, as portas são abertas, os móveis atulham-no por completo. À boca do transporte esperam uma dúzia de pessoas. Alguém salta para começar a descarregar... e a corrida começa. As chefias agarram as guias com a relação do material. As paletes, que pesam cerca de vinte quilos, são colocadas no chão, tantas quantas as variedades de peças e conjuntos de móveis que espreitam aqueles braços a carregar. Sofregamente, alguns mais experientes na «arte» de fazer força e cair na graça dos chefes, passam à frente dos novatos que se iniciam naquele dia, e o turbolabor recomeça. As lebres lançam a palavra de ordem “cinco minutos à Benfica” – que demoram muito mais que o tempo anunciado, sendo impossível descrever a violência, ainda que se tente. Homens habituados na construção civil, e outros trabalhos musculares, agarram em móveis de grande volumetria e peso, alguns com dezenas de quilos, então outra palavra de ordem é lançada: “uma peça um homem, isto não é para empregados de escritório”, e felizes ou disfarçando, os escravos consentidos passam à frente dos inexperientes que ouvem, mais ou menos espantados, o encarregado de sector dizer “então que se passa aí, são sempre os mesmos a fazer força”; e outra expressão comum a todos é lançada “então, ò chefe, ajude aí”. Os nomes não interessam são todos chefes..., então percebe-se que “ninguém anda atrás de ninguém” pois todos pedem o máximo de trabalho para os seus braços, ombros e costas.

Os novos têm que mostrar que servem os objectivos da casa se querem ficar, os antigos têm esperança dum futuro lugar, melhorzinho, pois todos estão precariamente contratados a prazo. Durante o dia chegam mais dois, três, cinco camiões; em vésperas de Pai Natal pode chegar aos quinze. Mal se acaba de descarregar o material para as paletes, ouve-se nova indicação: “metam isso dentro do armazém”, e entram em acção os empilhadores e os transporta paletes. Nos corredores são colocados os móveis sem critério que não seja o espaço disponível. A gestão do espaço, super atulhado, é a preocupação do encarregado de sector, autêntico quebra cabeças e nervos. O encarregado começa a dar sinais de nervosismo e lança algumas frase do tipo: “isto está a dar comigo em maluco”, “qualquer dia mando isto para o...”, e como um senhor de bom fundo e restos de humanismo, também agarra no que pode, ainda que o não tenha que fazer, enquanto o assessor do encarregado acrescenta “vá lá pessoal, a mim é que me pagam para olhar”, ao que o graxista acrescenta “não deixem o chefe trabalhar”.



Chega o ponto em que não há espaço para continuar a pôr as coisas na entrada do armazém, então as peças anteriormente colocadas por indicação dos responsáveis, de novo à ordem dum “venham cá”, começam a ser descarregadas novamente para outro local-espaco, onde antes as mesmas pessoas tentaram de abrir à força de braços para continuarem as manobras sem fim. Estas operações serão feitas e repetidas tantas vezes quanto forem necessárias para “inventar espaço”. Eis descrita a rotina daquele e de todos os dias. Arranjar espaço nos variados corredores do armazém é missão de todos, mas principalmente do gestor dos espaços: o chefe hum que repete o “venham cá”, desta vez para se arrumarem em mais espaços os inúmeros colchões espanhóis “Pikolin” que acabavam de ser descarregados no sector onde se situam os terminais de saída. Perante a dificuldade de um dos novatos, uma experiente lebre ensina a melhor forma de agarrar os colchões maiores, para de logo de seguida, pelas costas, dizer que o ajudado não tem força nenhuma. Os colchões são tarefa leve ao pé dos móveis, mesmo que sejam ortopédicos e de casal. Também existem colchões para três corpos... claro: “um homem uma peça”. Como resultado dos “cinco minutos à Benfica”, no dia seguinte um trabalhador partiu um pé. Entretanto passa um rapaz, com não mais que vinte anos, com um sofá de sessenta e oito quilos às costas. Também existe trabalho infantil, mas não ponham os putos no desemprego...

Não se pode ter os braços que não seja atrás das costas, ou em frente do regaço, de preferência não cruzados, pois desta forma é-se logo chamado à atenção. Nos bolsos das batas, qual farda Moviflor, é totalmente desaconselhável. “O chefe não pode estar com os braços cruzados no peito”, “o chefe não pode estar com as mãos nos bolsos da bata”,

porque “o doutor anda aí”. O doutor não é nenhum médico! O doutor júnior é o patrão que é filho do patrão sénior. Estamos em plena empresa familiar... plenamente. O medo e a insegurança rondam, todos, por perto. Alienação, loucura travestida de normalidade. Emerge, então, de alguns ou quase todos, uma cultura de aceitação: “que as coisas são mesmo assim”, “estamos aqui para trabalhar porque se a firma não tiver lucros o patrão não nos pode pagar”. Consciências atrofiadas por muitos anos de trabalho duro, deformação e medo. A falta de outras realidades mentais reduz quase todos a um fatalismo que não se questiona, porque “o destino de uns é serem patrões e de outros empregados”. É a cultura democrática em toda a sua pujança incutida, inculcada e aceite em todas as células do corpo e da mente. É a puta da realidade... democrática! Ritmos que vampirizam vidas, corpos, forças. Um fulano com aspecto de cinquenta e tal anos tem trinta e sete. É dos que mais dá ao litro... e parece contente e feliz.

Quando um dos maçaricos pergunta qual o sindicato a que pertence o sector, alguém recua e diz: “ò chefe, não se meta nisso”.

Das 9,30 às 10 toma-se o pequeno almoço para de novo tudo se repetir. Das 13 às 14,30 o almoço, e tudo se repete. Do ordenado acima referida gasta-se em média mil e quinhentos escudos na alimentação. No refeitório é proibido levar as batas vestidas “para não haver misturas com os clientes-civis”. Outros trazem comer de casa. Existem grupos de «amigos» trabalhadores, de chefias, e misturados. As afinidades de sentires e pensamentos, se é que os há, fazem os grupos. Ninguém parece ser amigo de ninguém, nem nisso estão interessados. Curiosamente, os inabituaados e mais fracos tendem a comer e andar juntos, o que não convém nada a nenhum deles, pois pode ser prejudicial para o mais forte dos mais fracos. O Inferno desce à Terra,

está presente, escondido e calado nas expressões e nos silêncios. Olhos congestionados, braços e pernas sem força e feridos, começo de uma sensação desagradável na coluna vertebral.

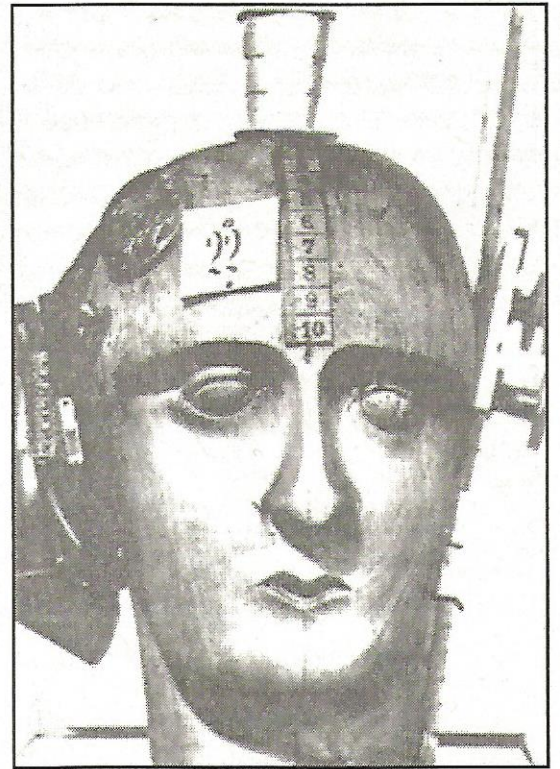
No fim do dia, dois dos recém chegados são chamados ao encarregado geral que lhes pergunta o que se passa, pois “não estão a corresponder às expectativas de ali trabalharem”. Se estão à experiência estão ali para ser experimentados até às últimas consequências dando a ideia que podem ser dispensados antes de serem contratados. Um desses dois pergunta ao encarregado geral, se está à experiência durante um mês ou se é julgado no fim do primeiro dia. Mas o encarregado sabe os tipos de protótipos que interessam e como se manifestam, para logo concluir os que servem e os que não. O comportamento aconselhável é não dar parte de fraco, inventar forças e energias que alguns corpos não têm. O padrão de comparação é o das “experimentadas lebres”. Nas oito horas de trabalho, intenso, sem parar, fumar demasiado no espaço de dois carregamentos pode ser interpretado como tudo que não se pode mostrar: desinteresse. Sintomas de aborrecimento espelhado podem ser prejudiciais ao indivíduo. As emoções são para se conter, e se possível para se fingir. Seja por natureza ou magia, nuns a força parece aumentar, noutros diminuir. O homem que parece ter cinquenta anos e que tem trinta e sete, ronda ele mais os seus “cinco minutos à Benfica”. Ninguém parece reparar em ninguém, mas os novatos estão debaixo de atento exame das chefias e dos outros que querem sê-lo. No dia 11 de Novembro, um rapaz de dezanove anos caiu dum empilhador, do alto de dez metros... e morreu. O jornal *Correio da Manhã* noticiou, sem nomear o nome da empresa, descrevendo que o acidente mortal se devera a que o trabalhador teria sido

esmagado por um móvel. Consta que a empilhadora estava avariada.

No quarto dia de trabalho, o protagonista desta experiência passou na prova, e foi-lhe apresentado um contrato de seis meses. Assinou-o, e logo a seguir pediu um impresso para o rescindir. Construir a grande muralha da China também deve ter sido um esforço titânico, só que o monumento vê-se da Lua.

Para terminar, multiplique-se a descrição de um dia de trabalho por tantos anos quantos forem possíveis ser viver assim.

O que nos vale é vivermos em democracia... Moviflorizada!



O COLECTIVO DE BRUXELAS CONTRA AS EXPULSÕES

na ordem do dia

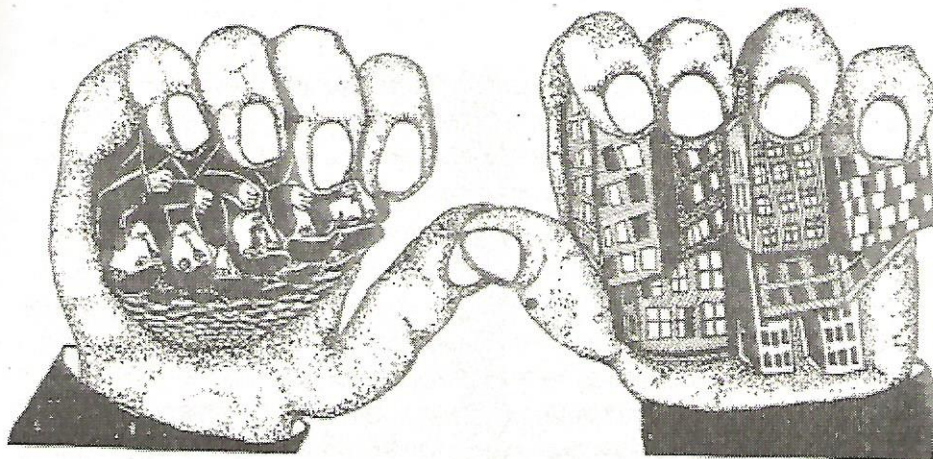
AS EXPULSÕES

Actualmente na Bélgica há controlos sistemáticos à chegada nos aeroportos. As pessoas que têm a infelicidade de chegar *sem papéis* são retidas directamente num centro no próprio aeroporto. Devem prosseguir todo um procedimento de pedido de asilo: uma primeira entrevista, de seguida uma segunda entrevista, comparam-se as duas com vista à detecção de eventuais divergências ou contradições e muitas vezes, sob este género de pretextos, recusa-se o asilo.

A primeira entrevista é feita pelo Departamento de Estrangeiros que avalia se

o pedido de asilo é aceitável, avaliando pois a forma. A maioria das vezes esta primeira entrevista salda-se por uma recusa, mas pode-se recorrer e isto dará lugar a uma segunda entrevista no Comissariado Geral para os Refugiados e Apátridas (CGRA). Aqui avalia-se o conteúdo e muitas vezes é também recusado. As pessoas são depois mantidas em centros fechados até que as reconduzam ao aeroporto.

Há uma segunda categoria de pessoas que são expulsáveis. São as pessoas que tinham uma autorização de estadia no território belga mas que expirou entretanto. Estas pessoas recebem também uma ordem para deixar o território. Com frequência vai-se procurá-las,



colocam-se em centros fechados e serão também expulsas.

Uma terceira categoria: são os clandestinos que não receberam uma ordem para deixar o território mas que são apanhados na rua. Por isso recebem ordem para deixar o território e então são detidos em centros fechados.

Existem cinco centros fechados na Bélgica, estando para abrir um sexto.

A expulsão faz-se da forma seguinte: as pessoas são mantidas num centro fechado, muitas vezes próximo do aeroporto. De manhã são levadas ao aeroporto. Aqui, num complexo da polícia que se chama o centro INAD (centro para inadmissíveis) elas são mantidas até uma hora antes do voo que serão obrigadas a tomar. Depois, são postas no avião, muitas vezes algemadas, por vezes também se lhes tapa a boca para que não possam gritar, e são então expulsas. Por hábito, se uma pessoa que recebeu a sua ordem de expulsão recusa partir a primeira vez que é colocada no avião, leva-se essa pessoa de volta ao centro. A segunda vez que é levada já vai algemada, é mantida em célula de isolamento no aeroporto para quebrar a sua resistência. Se, mesmo assim, recusa partir, é de novo levada para o centro fechado. À terceira vez, prevê o procedimento, os guardas e as pessoas da segurança da companhia aérea Sabena têm ordens de ser mais firmes. Desta vez existia a técnica da almofada que devia ser aplicada na boca para evitar gritos e dentadas, método que contribuiu para assassinar Sémira. Esta técnica foi banida entretanto. Agora os peritos na violência da polícia estão em vias de se questionar sobre o que podem fazer às pessoas que após uma terceira tentativa recusam sempre partir.

Há um outro aspecto que passou na lei. Nos centros fechados a duração de detenção era geralmente de 8 horas e depois disso, muitas vezes, as pessoas tinham sorte, eram libertadas com uma ordem de deixar o

território. Estavam livres dos centros fechados e não tinham outra escolha senão entrar na clandestinidade e, se tivessem sorte, ir para outro país. Agora isto mudou. A duração de detenção num centro fechado foi reduzida para 5 meses, e ao invés, se uma pessoa se recusar a partir, estes 5 meses são renováveis à vontade.

Para pedir asilo na Bélgica as pessoas devem apresentar-se no Serviço de Estrangeiros. Quando são apanhadas directamente no aeroporto, elas são conduzidas do centro do aeroporto para o Serviço de Estrangeiros numa carrinha.

Por outro lado, outras pessoas que chegam com os papéis em conformidade ou que não sejam retidas no aeroporto e que querem pedir asilo apresentam-se elas próprias no Serviço de Estrangeiros. Por exemplo, muitos kosovares que chegam pelas estradas vão ali apresentar-se. Ali faz-se uma primeira entrevista, um primeiro exame. Após a segunda entrevista, se o pedido é indeferido pode-se ainda recorrer ao Conselho de Estado. Há poucas pessoas que o fazem, que estejam a par deste direito, e depois muitas vezes o pedido é indeferido na mesma. Em suma, de todos os pedidos de asilo feitos na Bélgica, por ano, apenas cerca de 5% são aceites.

Em relação à língua, uma lei estipula que as pessoas devem dizer se querem preencher a documentação em francês ou flamengo, as duas línguas oficiais da Bélgica. No caso em que não falam nenhuma destas línguas têm direito a um intérprete. Então a documentação será preenchida em francês ou em flamengo, após a respectiva tradução. O que se observa com frequência é que as pessoas estão mal informadas sobre a documentação, da possibilidade que têm de recorrer e não têm em geral meios para ter um advogado. Muita gente está isolada nas suas "démarches".

Esta regulamentação corresponde ao

quadro da lei Vande Lanotte que foi aprovada por todos os partidos, excepto Ecolo e Agalev (partidos verdes francófono e flamengo), e também Vlaams Blok (partido fascista flamengo) que a, acharam, muito fraca.

A propósito do Serviço de Estrangeiros, que trata dos pedidos de asilo, há um aspecto que é bastante perigoso: o Serviço é uma instituição muito independente do Ministério do Interior

potencial mentiroso à partida. Não é encarado como alguém que se deveria ajudar, mas antes como uma pessoa que é já um criminoso a quem é necessário “encontrar” a falha no discurso para recusar o pedido, para o fechar, para o expulsar. É suficiente analisar as declarações do director que são execráveis. É um tipo abertamente fascisante. Por exemplo, afirma que o visto é um favor e não



ou de outras instituições que poderiam exercer um controle. De facto, não há qualquer controle sobre o que eles fazem. Não há transparência nos “dossiers”. Não se sabe ou finge-se que não se sabe de que forma trabalham os funcionários do Serviço de Estrangeiros. Se se reflectir um pouco, constata-se que é uma caixa autónoma onde prevalece um certo espírito. Este espírito é afirmar que cada um dos que pede asilo é um

um direito. Disse entre outras coisas que “a pessoa que está doente, se tem sida ou cancro, se não se pode curá-la de qualquer forma, para quê guardá-la?”. Disse também, para afirmar a sua posição, para mostrar quanto é independente e que tem poder, que “se eu dou as ordens, aplicam-se logo, se é necessário trazem-me a pessoa e eu guardo-a no meu gabinete até que uma escolta que me pertence a leve ao aeroporto

e a expulsa". Gaba-se dos seus poderes e da sua independência, da sua eficácia.

As expulsões fazem-se de forma muito violenta. Por exemplo, os da Somália não são expulsos porque há guerra na Somália. Então, há que expulsá-los para um país vizinho que eles não conhecem necessariamente. Há pessoas da Nigéria, ou mesmo do Botsuana ou do Gana que foram expulsas para o Togo. Questionávamo-nos, a certa altura, porquê o Togo e fizemos algumas pesquisas. Constatámos que a Bélgica tinha acordos com o Departamento de Imigração do Togo e que as pessoas que eram expulsas para este país, uma vez aqui chegadas eram colocadas em prisões. Perguntámo-nos porquê e pensamos que é para quebrar uma resistência que poderia desenvolver-se entre a população do Togo que se farta de ver chegar africanos que são expulsos da Europa. Assim, com o objectivo de impedir uma resistência em torno dos expulsos chegados ao aeroporto, estes são colocados na prisão uma ou duas semanas, tira-se-lhes todo o dinheiro e depois são lançados na rua.

Constatámos também que, nos centros fechados na Bélgica, frequentemente há muita chantagem e violência psicológica, muitas pessoas foram literalmente quebradas e esvaziadas de todo o seu possível espírito de resistência ou de esperança.

Não podemos reduzir a questão das expulsões aos refugiados. Muitas pessoas são expulsas não sendo especialmente refugiados mas pessoas que já aqui residem há 20 anos, 10 anos, etc. Vivem aqui por diferentes razões, não têm que se justificar, trazem tudo o que têm com elas. Não há nenhuma razão para que as pessoas que pertencem a um país sejam expulsas.

Há um aspecto que, penso, ser específico de França e da Bélgica. Na Bélgica há belgas que são expulsos. São pessoas nascidas aqui,

de origem marroquina e, a partir de certa altura das suas vidas, naturalizaram-se belgas. Depois, se cometem um crime, o tribunal condena-os a uma dupla pena. Isto significa que estas pessoas passam dois ou três anos na prisão e, quando a pena é cumprida, são colocadas num avião e expulsas para o país de origem dos pais, país que nunca viram na sua vida.

Muitas pessoas que aqui residem há muitos anos, recebem, a dado momento, uma ordem para deixar o território por uma razão obscura, apenas conhecida pelo Serviço de Estrangeiros. São de repente expulsas. É também surpreendente observar que o Serviço de Estrangeiros praticamente nunca justifica a sua decisão à pessoa que é expulsa, embora conhecer as razões porque se é punido seja um direito fundamental.

A FORMAÇÃO DO COLECTIVO E AS SUAS ACÇÕES MAIS IMPORTANTES

O Colectivo formou-se em Abril-Maio de 1998, quando amigos de Paris vieram ver-nos para nos informar que a Air France – Air África já não expulsava ninguém porque um avião tinha sido destruído. Foi na época em que um colectivo acabava de se formar em França e tinha conseguido impedir alguns voos de partir. De repente a Air France começou a ser pressionada (manifestações quase quotidianas no aeroporto, vigílias, passageiros que começavam a recusar cada vez mais embarcar em voos com pessoas expulsas – principalmente a solidariedade entre africanos foi muito forte). Depois, a Air France tomou a decisão de não mais expulsar ninguém, em particular para o Mali. Começaram então a

partir para Viena, Bruxelas, Amsterdão.

Entretanto, fomos contactados. Após as primeiras acções procedemos como os nossos amigos franceses nos tinham informado: fomos ao aeroporto, falámos aos passageiros, dissemos-lhes "há pessoas expulsas no vosso voo". Pouco a pouco começámos a impedir as expulsões. O mais interessante é que, de repente, demos conta de que a situação aqui na Bélgica era muito mais assustadora que em França pelo facto de não existir nenhum movimento organizado sem papéis, da população não estar ao corrente das expulsões, pela violência ser terrível. Então contactámos outros grupos na Bélgica, em Gand, em Liège e em Louvain. Juntámo-nos, discutimos e sentimos a necessidade de agir.

As nossas acções. Há o centro fechado de Vottem que deve abrir um destes dias. A nossa primeira acção um pouco mais marcante foi a ocupação do estaleiro deste centro fechado. Barricámo-nos lá dentro e aí ficámos durante doze horas. Depois tivemos direito a forças anti-terroristas para nos tirar dali. Tudo isto foi um pouco mediaticizado. Estávamos a 8 de Maio. Foram também as primeiras violências da polícia sobre o nosso colectivo. Os manifestantes que estavam no exterior foram agredidos com bastões, houve uma vintena de feridos. Depois tomámos contacto com os que pediram asilo no centro fechado 127 bis que é perto do aeroporto de Zaventem, a cerca de 5 Km. Tivemos contactos telefónicos regulares, principalmente com Sémira Adamu, criámos um comité de apoio a ela. A 21 de Julho, dia da festa nacional belga, tentaram expulsá-la. Soubemos isto por uma outra pessoa que nos telefonou do centro fechado. Tentaram expulsá-la, ela recusou, foi agredida pelos guardas e depois colocada numa célula de isolamento.

Estes contactos no interior do centro

fechado foram estabelecidos por acaso.

De facto, organizámos duas ou três visitas guiadas à frente das redes do centro com parlamentares ou intelectuais. Íamos para a frente do centro, durante a hora do passeio dos detidos, para mostrar aos belgas que havia, na Bélgica, verdadeiros campos com arame farpado para estrangeiros que não tinham cometido nenhum crime. As pessoas não o sabiam. Um dia gritámos o número de telefone a uma detida que nos fez sinal e era Sémira. No dia seguinte ela telefonou-nos e tornou-se uma amiga.

Neste 21 de Julho ela foi espancada, colocada em isolamento. Ouvimos isto e logo na mesma tarde fomos manifestar perante as redes. Queríamos fazer uma marcha de archotes. No interior do centro houve um motim seguido de evasão. Vinte e duas pessoas conseguiram evadir-se, sete foram apanhadas, das quais a maioria foi expulsa; outras estão ainda na prisão. Dezassete membros do colectivo foram presos, dos quais sete permanecem sem culpa formada. No dia seguinte fizemos todo um trabalho mediático. Era a primeira vez que falávamos, na Bélgica, destes centros fechados, das condições para os candidatos refugiados ou para os *sem papéis*, das violências durante as expulsões. Mais, houve uma centena de personalidades do espectro político, intelectual e artístico belga que assinaram uma acção na qual declaravam alojar um dos 27 evadidos. Surgiu uma solidariedade para com os *sem papéis*, para com os que desejam asilo e que estavam detidos.

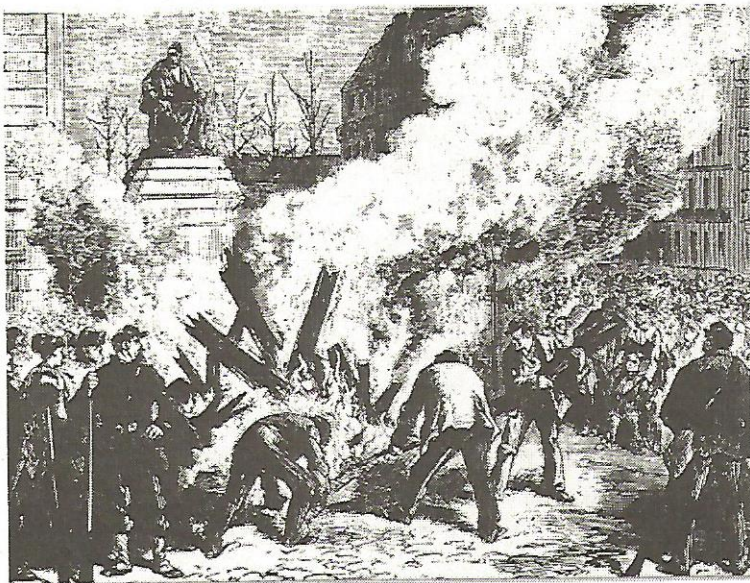
As duas outras acções mais marcantes. Uma, antes de 21 de Julho, quando parámos uma carrinha que transportava um menor da Somália, órfão, atingido de tuberculose, do centro fechado para o aeroporto. Bloqueámos a carrinha, mas isto não durou muito tempo; o jovem foi no entanto expulso. E, após a evasão

de 21 de Julho, uma das mulheres que tinha tentado evadir-se encontrava-se na prisão em Bruxelas e devia ser expulsa. Queríamos também bloquear a carrinha. Dois membros do colectivo passaram 4 dias de prevenção. A acção não foi conseguida e a mulher foi expulsa com mais cinco outras. A jovem, Precious, era uma amiga de Sémira.

Na própria tarde da morte de Sémira, a 22 de Setembro, cerca de 600 pessoas encontraram-se espontaneamente no centro fechado e quebraram as redes. Depois, foram a Louvain, onde mora Tobback¹ que era então ministro do Interior. Era a primeira manifestação. Dois dias depois houve uma grande manifestação com duas mil pessoas que começou no Serviço de Estrangeiros e que acabou no Palácio de Justiça, passando pelo "Castelinho" (centro aberto para estrangeiros mas que fechou as suas portas quando a manifestação passou). No dia seguinte fez-se o funeral de Sémira na Catedral de St. Michel em Bruxelas. Juntaram-se aí cinco mil pessoas. Depois, duas ou três centenas de pessoas foram para Bruges onde existe também um centro fechado. Porquê para Bruges? Porque na véspera, o 127bis foi despejado e deixaram partir cerca de 20 detidos com ordem para deixarem o território em 5 dias. Uma outra vintena de detidos que estavam todos na ala de Sémira, todos africanos (excepto uma senhora idosa de 76 anos do Sri Lanka), que estavam em greve de fome por causa do assassinato de Sémira, foram transferidos para o centro de Bruges, uma antiga prisão, conhecido como um local de onde ninguém consegue evadir-se. Duas a

três centenas de pessoas foram pois até aqui reunir-se. Esta manifestação correu muito mal. Aparentemente, de acordo com a polícia, houve um começo de tumulto popular no centro fechado. Um grupo de polícias entrou no centro para reprimir as pessoas. As vinte pessoas em greve de fome foram espancadas pelos polícias. Nesse momento tentámos dialogar com o padre do centro fechado porque estava visivelmente chocado pela intervenção dos polícias e por tudo o que se estava a passar nestes dias. Ele queria falar-nos, mas não pôde, os polícias dissuadiram-no disso.

Depois, houve a manifestação de 4 de Outubro defronte do futuro centro fechado de



Vottem. Estavam um pouco mais de mil pessoas. Estávamos perante um muro de repressão. Havia muitos polícias, auto-bombas, que nos acolheram em frente do centro fechado. Durante 4 horas foram jactos de água, gás lacrimogéneo, lançamento de pedras. Eles tiraram muitas fotografias dos manifestantes e tentam agora convocar as pessoas que conseguiam reconhecer nas fotos para os acusar de "rebelião armada".

Depois do 4 de Outubro, um apelo de Itália foi seguido em França, na Alemanha e em Espanha. Tratou-se de uma jornada europeia para encerrar todos os centros fechados, centros de detenção, de tudo o que existia como prisões para pessoas sem papéis na Europa. Houve diversas manifestações. Em Itália, após graves confrontos com a polícia, manifestantes foram hospitalizados, de entre os quais um ficou em coma. Em França e em Espanha as coisas correram melhor, assim como na Alemanha. Na Bélgica, devíamos fazer uma manifestação perante o centro 127bis em Steenokkerzeel. Mas ninguém pôde chegar. Toda a gente, a alguns quilómetros, foi travada pela polícia. Houve muitas prisões. Em trezentas pessoas só cerca de vinte conseguiram lá chegar. Era a maior concentração de polícia depois da evasão de Dutroux.

A 10 de Dezembro, no quinquagésimo aniversário da Declaração dos Direitos do Homem, quarenta pessoas fizeram correr sangue nas redes do parlamento, em prol do caso de Blandine K., uma africana que abortou após ter sido violentamente espancada pelos polícias no 127bis. Vinte e oito dos nossos estão ainda presos.

A SITUAÇÃO NOS CENTROS FECHADOS

Em suma é uma catástrofe, nada mudou, há sempre muita violência psicológica e física exercida sobre as pessoas.

Nunca tivemos o direito de entrar num centro fechado. Do que ouvimos, os detidos são colocados em quartos com camas sobrepostas. Há quartos para quatro pessoas; dormitórios para famílias; há três ou quatro géneros diferentes de quartos de dormir. Habitualmente, há uma sala de lazer com uma

televisão. Há uma cantina e as horas de refeição são rígidas. Elas dependem muito dos regulamentos dos diferentes centros fechados. Mas é geralmente um regime de cárcere. As janelas dos quartos são inquebráveis.

Há células de isolamento para as pessoas que resistem. O colete de forças é também muitas vezes utilizado. Quando as crianças estão muito agitadas, tem-se ordens para lhes dar "valium". Há duas horas de passeio por dia, das 10 às 12 horas, no pátio, que não são obrigatórias. Em volta há uma vedação dupla com seis metros de altura em Steenokkerzeel (127bis) e em Vottem; entre as duas vedações há cães; depois, no cimo, há arame farpado com lâminas de barbear. Há muitas câmeras de vigilância que estão dirigidas para o interior. Há uma sala de vigilância com uma dezena de écrans. Algumas ONG podem visitar o interior, principalmente as ONG católicas que por vezes enviam freiras. Há um "capelão" para todos os centros fechados e todas as prisões da Bélgica. Segundo as nossas fontes ele está muito próximo dos movimentos fascistas belgas. Diz-se que os guardas são muito duros. No que respeita ao "staff" de assistentes sociais, diz-se que metade deste é muito duro e que a outra metade é muita simpática mas, após a morte de Sémira, a metade simpática do 127bis demitiu-se ou mudaram de procedimentos. Em Bruges é um pouco diferente. Trata-se de uma antiga prisão. As condições são ainda mais duras. Aliás, o centro é um anexo da prisão actual.

Em Merkplas é também diferente. Este centro encontra-se em pleno mato. É uma construção que servia para acolher vagabundos no séc. XIX. É também uma espécie de prisão com enormes muros à volta, não se vê nada do que se passa no interior. Enquanto que em Steenokkerzeel ou em Vottem consegue-se ver um bocadinho o que se passa uma vez que as redes permitem fazê-

lo.

Um quinto centro encontra-se no próprio aeroporto. É uma espécie de complexo em betão com as janelas gradeadas e uma pequenina jaula onde se pode passear e ver os aviões passar e aterrar. É o centro, mais pequeno, tem apenas 30 lugares. O maior será o que ainda não está aberto em Vottem, com 192 lugares.

As pessoas que estão detidas nos centros têm direito a advogados. Isto é um direito que não lhes é explicado frequentemente. Alguns têm um. Podem receber cartas e fazer sair as suas através do advogado.

Depois da morte de Sémira, há uma espécie de lista negra de números de telefone que são proibidos de ligar, principalmente o número do colectivo contra as expulsões.

Há nuances para isto também. Por exemplo, em Merkplas, que está perto de Anvers, o regulamento prevê que as pessoas aí detidas podem ter outras visitas para além das ONG, dos parlamentares ou dos advogados. Assim, podem receber visitas de amigos ou da família, mas é muito raro isso acontecer.

De facto, eles dizem que é permitido mas, por exemplo, Lise Thiry, que era madrinha da Sémira, fez "démarches" durante três meses para conseguir entrar. De cada vez eles fizeram retardar as coisas, voltando a pedir papeis necessários e, em definitivo, ela nunca a viu. Lise Thiry que apadrinhou Sémira é uma médica (virologia) muito conhecida na Bélgica.

SÉMIRA ADAMU, 20 ANOS, ASSASSINADA APÓS A SUA QUINTA TENTATIVA DE EXPULSÃO

Sémira Adamu era uma nigeriana, tinha 20

anos. Queriam forçá-la a casar com um velho polígamo. Foi para fugir deste casamento forçado que ela veio para a Bélgica.

Ela devia casar-se à força com um velho de 65 anos que já tinha 3 mulheres e que era uma pessoa muito violenta. Tinha uma quarta mulher que espancou de tal forma que ela morreu. Sémira conseguiu fugir da Nigéria, esteve uma primeira vez no Togo, mas foi apanhada pelos homens deste velho. Fugiu uma segunda vez e conseguiu chegar à Bélgica com papéis portugueses falsos. Queria juntar-se à família em Itália, mas nunca conseguiu deixar o aeroporto, indo por fim para o centro fechado. Estava aqui desde 20 Março, contactámo-la pela primeira vez em Junho. Nesta altura ela já tinha feito dois pedidos de asilo, tendo sido os dois recusados. Depois, foram ao Conselho de Estado que também os recusou. Permaneceu todo o tempo no centro fechado. Fizemos circular uma petição a seu favor, criámos um comité de apoio, fizemo-la apadrinhar por Lise Thiry, enviámos-lhe livros e roupas. Sémira era muito forte, ela sabia de qualquer forma que não queria voltar.

Percebeu a sua situação e a das outras pessoas que estavam com ela. Também percebeu muito bem o nosso trabalho, tornámo-nos amigos. Investiu muito para nos ajudar e contribuiu para criar uma resistência no centro fechado. Falava com as pessoas quando estavam muito deprimidas e dizia-lhes: "não desistam, há pessoas do colectivo, recusai partir quando eles vierem buscar-vos, resisti, não vos deixeis abater". Tornou-se um símbolo da resistência e dava esperança, a nós na nossa luta e também às pessoas que estavam à sua volta, e isto todos o confirmam sejam pessoas que se evadiram, sejam pessoas que foram libertadas depois. É preciso dizer que, mesmo antes da sua morte, estava bastante deprimida, pressupunha que desta vez a coisa iria ser muito violenta. Houve ao todo cinco

tentativas de expulsão para ela.

A VIOLÊNCIA NOS CENTROS FECHADOS

A violência para com as pessoas que recusam ser expulsas é corrente. O racismo está omnipresente nos centros fechados, durante as tentativas de expulsão e durante os pedidos de asilo a todos os níveis.

Há golpes, algemas arbitrárias nos punhos ou nos tornozelos, pessoas que se deixam durante dias em célula de isolamento, crianças que são espancadas, pessoas que são amarradas a cadeiras, pessoas que são postas em sacos para que não se debatam muito.... Tudo varia consoante a perversão dos guardas.

Aparentemente não são utilizados métodos químicos. Parece que é proibido, à parte os calmantes como o "valium" que são raramente utilizados. Ouvimos uma vez falar de uma injeção a um indivíduo do Congo, mas não temos provas, enquanto que cacetadas e pontapés são a regra, são práticas correntes. Penso que podemos considerar estas práticas como torturas. Há diferentes níveis de tortura. Primeiro a tortura psicológica de se ser fechado quando não se cometeu nenhum crime. Em relação às crianças que são fechadas é ainda mais grave. Há também uma outra forma de tortura ao nível psicológico: por princípio, não se explicam os direitos, mente-se às pessoas para as induzir em erro. Golpes baixos deste género registam-se todo o tempo. Depois, há a tortura física durante as expulsões. Evidentemente que é tortura porque há pessoas que morrem disso.

Na polícia belga há uma série de elementos que são mais ou menos fascistas. As expressões, as atitudes fascistas são correntes, sobretudo para com os africanos. Nos

testemunhos² vê-se bem que há uma parte do destacamento de Zaventem que tem enorme prazer em exercer a violência sobre os estrangeiros.

Durante uma expulsão há uma resistência por parte da pessoa que se quer expulsar. Para regulamentar esta violência, há diferentes técnicas que são admitidas entre as quais a da "almofada". Os políticos dizem que se esforçam por encontrar técnicas menos violentas, no respeito dos Direitos do Homem, mas todas estas técnicas são potencialmente violentas uma vez que são utilizadas para quebrar resistências. É a polícia que as tem entre mãos e a polícia está descontrolada nestes momentos. Isto torna-se mortífero, é tortura.

Presentemente a técnica da "almofada" foi abolida. Uma comissão especial vai avaliar que tipo de violência de agora em diante deve ser utilizada durante as expulsões em Zaventem. Esta comissão é composta de dois polícias, duas pessoas do serviço de segurança da Sabena, duas pessoas do Serviço de Estrangeiros e um filósofo. São estas pessoas que deverão agora humanizar as suas torturas.

Pessoas com quem trabalhamos de vez em quando, ou que estimamos, de entre as quais pessoas que subscreveram o apelo dos evadidos, condenaram fortemente, em inúmeros artigos, o dito filósofo por ele ter aceite este cargo. Ele justificou-se uma vez para com uma pessoa do mundo associativo mas, em relação aos seus colegas filósofos, ele nunca se justificou. Ele foi escolhido e nomeado pelo Estado.

A RESPONSABILIDADE DA SABENA

É muito importante a responsabilidade da Sabena. Há múltiplos factos a considerar. O

primeiro é que os empregados da Sabena têm instruções muito restritas, quer o pessoal de solo, como o de bordo, bem como os pilotos. Se se opuserem às expulsões podem ser gravemente sancionados. Se as denunciarem, escrevem testemunhas, podem perder o seu emprego. Raramente tivemos contactos no aeroporto com pessoas que trabalham para a Sabena porque elas não ousam falar-nos. Uma vez uma empregada falou-nos um pouquinho mas estava aterrorizada, fê-lo em surdina. Porque é que a Sabena quer tanto ter o monopólio das expulsões? De facto, a companhia recebe, do Ministério do Interior, 80 000 francos belgas por pessoa expulsa, mais o preço do bilhete de avião que é pago também pelo Estado belga. Com o objectivo que o Ministério do Interior fixou de expulsar 15 000 pessoas por ano, isto corresponde a muito dinheiro, é uma grande oportunidade.

Há um terceiro aspecto. Para a segurança do aeroporto há a polícia e a Securitas, mas há também uma espécie de milícia privada que são os empregados da Sabena e que formam a segurança da companhia. São pois milicianos de uma empresa privada, a Sabena, que participam efectivamente nas expulsões (ver a descrição da quarta tentativa de expulsão de Sémira). Eles não são conhecidos por serem muito ternos.

A QUOTA DE 15.000 PESSOAS A EXPULSAR POR ANO

A partir do momento em que há uma quota é necessário rentabilizá-la, é necessário legitimar os meios para alcançá-la, é necessário que a máquina funcione...

Que tivessem havido outras Sémiras não nos espantaria, mesmo que não tivéssemos

ouvido falar disso, e que houvessem mais depois, coisa que não é de excluir.

A quota foi fixada no início do ano, é a quota para 1998. Esta quota é muito inferior ao número de pedidos de asilo que são recebidos por ano.

Eles querem por conseguinte expulsar também pessoas que se encontram já na Bélgica a viver.

A quota visa os clandestinos. É verdade que ela legitima uma violência acrescida por parte da polícia uma vez que as pessoas se recusam a partir. Logo é preciso quebrá-las de uma forma ou de outra para que partam.

AS EXPULSÕES APÓS O ASSASSINATO DE SÉMIRA

O novo ministro do Interior declarou, a 4 de Outubro, que a “política pode tornar-se como antes”. Houve algumas alterações à lei. Houve mesmo aspectos que foram melhorados, mas que são detalhes minúsculos. É cosmética. Por exemplo, os funcionários do Serviço de Estrangeiros estão recenseados para fazer uma formação dada pela Amnistia Internacional, há uma grande instituição de luta contra o racismo que se chama Centro para a Igualdade de Oportunidades que tem agora o direito de visitar o centro INAD (inadmissíveis) no aeroporto. A técnica da almofada foi abolida. Os que pedem asilo têm também agora direito a ajuda médica urgente.

Os aspectos que combatemos mais, que colocamos em maior evidência no funcionamento dos centros fechados, isto é, as violências praticadas durante as expulsões, as expulsões em si mesmas, todas as barreiras que colocam aos que pedem asilo, à imigração, não foram de todo alterados. Ao contrário, a duração da detenção passou agora para cinco meses, em vez de oito, mas estes cinco meses

... não renováveis pelo simples facto de uma pessoa rejeitar partir. Este género de dispositivos endurecem a lei, tornam o nosso trabalho mais difícil, e tornam a vida aos detidos ainda mais difícil também. De facto, não se alterou grande coisa, ao contrário, alguns aspectos essenciais endureceram.

A REPRESSÃO SOBRE O COLECTIVO

Sobretudo após o assassinato de Sémira, a vontade do governo foi de nos excluir de todo, exercer uma enorme pressão sobre nós para que desencorajássemos, para que o Colectivo deixasse de existir.

No próprio dia da morte de Sémira, em Louvain, um dos nossos amigos do colectivo local foi preso sem motivo e foi espancado pelos guardas. Nem sequer estava ao corrente da morte de Sémira. A vontade de repressão já aí existia. A morte de Sémira foi de tal forma mediatizada, suscitou uma tal indignação na opinião pública que não podiam naquele momento ser muito repressivos. Esperaram um bocadinho e depois há outras vezes como a do capelão³ que diz que fomos nós que introduzimos a violência nos centros fechados, que a história de Sémira não é credível e que ela era uma toxicod dependente e prostituta, para desacreditar a imagem de Sémira e, por esse meio, a do colectivo.

Na tarde da morte de Sémira, Tobback responsabilizava o colectivo mas na altura não passou. Alguns dias após a morte, a partir do momento em que desenvolvessemos uma acção ou manifestações, não havia grande repressão para connosco porque eles não se podiam permitir isso. Ao contrário, havia repressão para com os detidos nos centros fechados. E depois, nunca mais pararam: perseguições, prisões por qualquer acção que



se fizesse. Em Louvain, onde Tobback é sempre burgomestre, mesmo que se tenha demitido do seu cargo de ministro do Interior, o colectivo local fez uma acção durante um conselho comunal. Os amigos foram presos, foram levados pela polícia e apenas conseguimos soltá-los às 5 horas da manhã. Estavam aí seis amigos e estavam todos feridos, um deles teve mesmo que ser hospitalizado. Tobback fez o seu pequeno comentário, disse que “são animais, que é preciso tratá-los como animais”. Enfim, há toda uma parte do governo, a enorme maioria, que evidentemente não está contente pelo facto de um pequeno grupo como o nosso ponha o dedo sobre práticas em matéria de política de imigração que passaram em silêncio, mas que são assustadoras. E que tenha dado visibilidade às mesmas irrita-os solenemente.

Além disso, por um excesso policial, o ministro do Interior, uma pessoa muito repetível no mundo político belga, ter que demitir-se! Somos procurados por muitos e muitos também tentam quebrar o colectivo por todos os meios com o objectivo de prosseguir a sua política.

Concretamente, é sobretudo durante as acções que desenvolvemos que os amigos são presos, são espancados, passam dias de prevenção. Há amigos que nada fizeram, que são espancados, e que depois são acusados de golpes e pontapés. Agora há a ameaça de serem julgadas todas as pessoas que participaram na manifestação de Vottem, a 4 de Outubro. Em simultâneo, o novo ministro do Interior, Luc Van den Bossche, declarou que as pessoas que foram incriminadas após a evasão de 21 de Julho ou pelas carrinhas que bloquearam, serão perseguidas. Alguns amigos foram incriminados, mas ainda não existe processo. Ao todo devem existir cerca de 30 pessoas incriminadas neste momento.

Além disso houve esta perseguição sob um pretexto muito fraco. A polícia encontrou um saco que continha ossos humanos em frente ao McDonalds. Tudo isto tem o ar de um cenário montado.

O que pensamos é que a polícia tentava encontrar um meio de se introduzir nos novos locais do colectivo, o que conseguiu fazer naquele dia. Aqui, no Centro Social, há um grupo de pessoas que lutam contra a "macdominação" e que nada têm a ver com esta história do saco em frente do McDonalds. A polícia aproveitou isto para vir. Enquanto que teoricamente não conhecem nada do Centro Social, eles penetraram directamente nos locais do colectivo contra as expulsões. Eles não foram mesmo ver nos locais do colectivo contra a "macdominação", como se a sua vontade era unicamente apanhar os nossos computadores, os nossos "mailings", enfim, tudo o que podiam apanhar levaram.

Apresentámos queixa e no dia seguinte pudemos recuperar as nossas coisas. Agora eles têm todas as informações sobre nós.

Há três pessoas que foram presas. Uma porque não tinha os seus documentos. Outra porque fazia precisamente parte deste colectivo contra a "macdominação", que são pessoas muito gentis que distribuem folhetos, "quiches" de legumes e sumo de laranja defronte do McDonalds; houve uma multa por se ter distribuído folhetos. E uma terceira pessoa foi presa porque tinha lama nas botas e pretenderam que isto poderia ser lama do cemitério onde se foi roubar os ossos. Aliás, os computadores foram-nos devolvidos mas não as botas.

O que nos foi apanhado foram os dois discos duros, um "mailing" de simpatisantes, as botas e um CD-Rom sobre Pinochet. O CD-Rom e os discos duros foram-nos devolvidos mas os ficheiros em papel não.

A OCUPAÇÃO DE IGREJAS PELOS SEM PAPÉIS

Reivindicamos a regularização imediata e colectiva de todos os sem papéis.

Há o Movimento Nacional para a Regularização dos *sem papéis* que agrupa grandes organizações, sindicatos, a Cruz Vermelha, Caritas católica, a Liga dos Direitos do Homem, Amnistia Internacional, etc., que lançaram as ocupações de igrejas. Este Movimento Nacional tem as suas reivindicações próprias, não fizemos parte delas porque as nossas são diferentes. Eles querem a regularização de todos os sem papéis que possam provar que estão há mais de cinco anos no território belga ou a regularização de todos os que têm em curso o procedimento de asilo desde há mais de 3 anos, ou a regularização dos sem papéis estudantes que estão no

território belga há mais de 10 anos.

São também as recomendações do Senado e do Ministério do Interior está a pensar nisso mas ainda não tomou nenhuma decisão.

O Movimento Nacional colocou os *sem papéis* com quem estavam em contacto em diferentes igrejas. A primeira igreja foi ocupada em Liège a 22 de Outubro. Demos rapidamente conta de que este Movimento Nacional tinha organizado muito mal as ocupações. Os *sem papéis* não estavam necessariamente de acordo com uma regularização por critérios. Tanto mais que havia pessoas que se juntaram a pouco e pouco aos ocupantes das igrejas e que estão na Bélgica há um ano, ou há 4 anos e que não caem pois nos critérios. É um movimento de seis igrejas, com mais ou menos 600 pessoas que dura quase há dois meses e que não vê as coisas evoluírem.

O movimento começou em Liège, depois em Anvers, Bruxelas, Verviers, Mons e Charleroi. Vamos sobretudo falar de Bruxelas porque vamos muitas vezes a esta igreja. Vemos que o porta-voz começa por reivindicar documentos para todos. Por um lado, devido à reflexão deles próprios, por outro, porque começam a ter trocas com o movimento francês, e em terceiro lugar porque se sentem verdadeiramente abandonados pelo Movimento Nacional que os colocou ali e que depois não se preocupou mais com eles, excepto quando aparece a imprensa. Enquanto que o Colectivo, por princípio, é solidário com a luta dos *sem papéis*, vamos aí muito regularmente, discutimos com as pessoas, tentamos ajudá-las com os nossos escassos meios, tentamos fazer com que tomem consciência da importância de uma auto-organização. Logo, as suas reivindicações do início mudaram, eles também querem papéis para todos.

Após um mês de ocupação não obtiveram

nenhuma resposta do governo. De repente uma série de pessoas iniciaram uma greve de fome para subir o tom e para exteriorizar um símbolo forte ao governo. A iniciativa foi bastante mediatizada mas que eu saiba o governo nunca reagiu.

É um movimento ainda pequenino. Poderá alargar-se, mas devemos ter em conta que existe apenas há um mês, mês e meio. Estas pessoas não se conheciam antes, não tinham ideias sobre como lutar nas condições actuais, de como se auto-organizarem, mas vejo que há uma grande vontade de o fazer. Há ainda muitas disputas internas entre os *sem papéis* mas constatamos que há uma vontade clara, principalmente via greve de fome, de conduzir uma luta por documentos para todos.

Há o medo, o facto de ser um movimento completamente novo na Bélgica. As pessoas da própria igreja não têm medo, por vezes nem sequer são prudentes. A inércia do governo não ajuda a que o movimento atinja maior dimensão.

Embora estejam numa igreja, sejam mediatizados e apoiados pelos cidadãos, por um lado, e por algumas organizações, por outro, eles estão numa posição de força relativa.

A ATITUDE EUROPEIA EM MATÉRIA DE ASILO

A atitude actual em matéria de asilo responde sobretudo a uma atitude europeia. Com o seu desejo de criar uma Europa fortaleza, uma Europa para os ricos, uma Europa elitista, ariana, criaram-se os meios para atingir esta ambição.

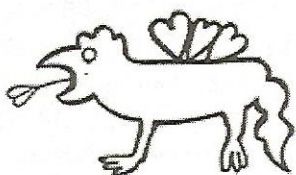
Primeiro não é a única "política" possível como pretende o governo e a generalidade dos políticos, porque a grande maioria dos estados deste mundo têm uma outra atitude em matéria

de asilo. Por outro lado, ela já não está conforme as convenções de Geneve de 1951 em muitos aspectos. Podemos pensar desta convenção o que quisermos, eu acho-a muito restritiva.

Também não creio que a “maioria silenciosa” (termos de Tobback) esteja de acordo com o que se passa. Ao contrário, constatamos que há uma solidariedade que se criou para com os sem papéis. Estiveram 5.000 pessoas na catedral por Sémira. Registaram-se grandes mobilizações de cidadãos para com a morte de Sémira ou contra os centros fechados. Agora há um apoio da população em relação às ocupações das igrejas. Há efectivamente também pessoas que têm um discursos mais fascisante. No momento existe um debate na praça pública. Alguns estão completamente de acordo com a atitude do governo, querendo mesmo que esta endureça. Outros não estão de todo de acordo. Duas opiniões se confrontam frequentemente o que, na minha opinião, é uma coisa positiva.

Mas mesmo que pareça que somos uma “pequena minoria”, a situação relativa aos ilegais sendo o que é, temos o dever e todos os direitos de lutar contra as atitudes desumanas, degradantes, racistas e assassinas.

Não vou agora fazer um discurso ideológico mas se há pessoas que chegaram aqui, é preciso questionar porque vieram. Esta atitude do governo soa tão falso que não pode durar muito, isto vai mudar a bem ou a mal. Há ainda muito trabalho a fazer ao nível da opinião pública, é evidente. No fundo a situação talvez não nos dê muita vantagem, mas toma contudo uma direcção diferente.



NUM PAÍS EM QUE NÃO SE PODE ACOLHER TODA A RIQUEZA DO MUNDO NINGUÉM É LIVRE

Os governos actuais não parecem muito capazes para resolver este problema. Porque o vêem em termos que são falsos, que são mentiras, no qual o espectro “não podemos acolher toda a miséria do mundo, vão-nos invadir”, etc., não é verdade. Não há assim um afluxo tão grande de pessoas aqui e não é devido aos centros fechados e às práticas utilizadas para desencorajar as pessoas de virem, que elas pararão. Ao contrário, há pessoas que vêm. Isto depende, cada situação é diferente. Agora os kosovares chegam por estrada.

Há pessoas que combatem mais pela abolição da dívida do Terceiro Mundo, e há outras como nós que são mais concretas, que trabalham sobre práticas de expulsão e de isolamento desumanas.

Dizem-nos que não podem acolher toda a miséria do mundo, mas nós não temos que nos justificar em relação a isso. Não vamos mesmo responder a isto porque é uma mentira. Se as pessoas vêm para aqui elas trazem também coisas com elas, a sua cultura, os seus talentos. São pessoas. Têm o direito de viver onde querem, não é nunca fácil partir das suas terras. Temos o direito de ir aos países deles quando queremos, porque não terão eles o direito de vir cá e, se isso lhes agrada, de aqui se instalarem? Em geral, respondemos que se não se pode acolher toda a riqueza do mundo, então ninguém é livre. Não vemos grande vontade política para alterar o que quer que seja neste domínio. À parte retoques cosméticos, serão obrigados a isso, porque em diferentes países o movimento dos *sem papéis*

atinge uma tal envergadura que os Estados não são obrigados a reagir. Mas ainda é muitas vezes uma vasta comédia, uma enorme farsa, como em França a circular Chevenement que servia finalmente para apanhar clandestinos e regularizar apenas uma parte reduzida.

Através de acções concretas e directas, como as que encetamos, mudaremos a pouco e pouco as mentalidades. Para as situações mais graves serão necessárias soluções imediatas. Pouco a pouco poderá haver uma abertura das fronteiras e fluxos migratórios completamente sãos, fluxos que são naturais e próprios do homem.

PERSPECTIVAS

No princípio de Abril deste ano, éramos três e não existia o movimento de *sem papéis*. Agora somos mais numerosos e começámos mesmo a estruturar uma coordenação nacional. A nossa preocupação principal em relação a este assunto, se houver continuação do movimento, é que os diferentes colectivos guardem a sua autonomia respectiva, que a coordenação nacional dos colectivos guarde a sua autonomia também, e que o movimento dos *sem papéis* guarde a sua autonomia em relação às instituições que reivindicam uma regularização por critérios, em relação às associações que apenas fazem humanismo mas que jamais fazem a pressão suficiente sobre o governo, e em relação a todas as forças obscuras vindas do governo. A nossa preocupação é uma preocupação de autonomia. Se há um espírito de autonomia, um espírito de luta pode ser salvaguardado e mantido. E é muito necessário porque nada se alterou. Poderiam verificar-se evoluções positivas aqui na Bélgica, tanto mais que há uma grande procura por parte da população, teatros, escolas, jornais, que querem ouvir

opiniões sobre esta problemática. É necessário, mas também é possível continuar esta luta.

Tradução de Guadalupe Subtil

- 1 Dirigente do partido socialista flamengo, ex-ministro federal do interior; apresentou a sua demissão nos dias que se seguiram ao assassinato, respondendo pela "política" das expulsões e, ainda que condenasse o "excesso", declarou-se solidário com a polícia.
- 2 Ver a recolha *Os arames da vergonha*, publicada pelo Colectivo Contra as Expulsões, Edições Luc Pire (r. Lebroussart, 76, 1050 Bruxelles).
- 3 O capelão do aeroporto de Zaventem que também presta assistência aos guardas do centro fechado 127 bis.

Contacte o Colectivo em Bruxelas:

Collectif contre les expulsions
Rue de la Victoire, 167
1060 Bruxelles

Tél: 32-2-5390455 ou 32-2-5441818

Fax: 32-2-7795900

E-mail: ccl@alter.org

Site internet: <http://www.alter.org/ccl/>



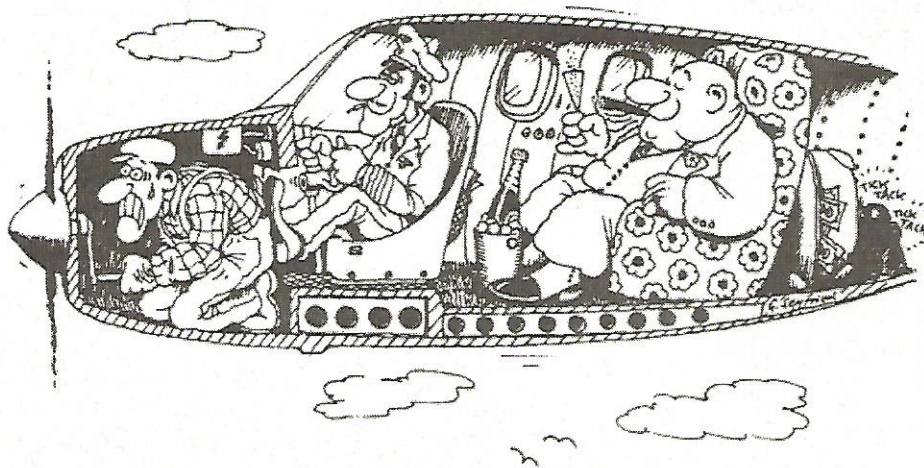


Lira Nordestina, gravada por José Lourenço, Juazeiro do Norte, CE. 93

A Civilização é como um Avião a Jacto

DAVID WATSON

A civilização é como um avião a jacto, ruidoso, a queimar enormes quantidades de combustível. Todos os crimes imagináveis e inimagináveis tiveram de ser cometidos para a fazer avançar. Foram extintas espécies e postas em fuga populações inteiras. A sua sombra na água assemelha-se a uma mancha de crude. Os pássaros são aspirados pelos seus jactos e pulverizados. Tal como Gus Grisson certa vez observou com nervosismo acerca das cápsulas espaciais, antes de ele próprio arder numa delas, cada parte da civilização foi arrematada pelo mais baixo preço.



A civilização é como um 747, o ar filtrado, a música a sussurrar nos auscultadores, a estranha sensação de segurança, a comida química, as bandejas de plástico, todos os passageiros sentados passivamente em filas ordenadas de assentos almofadados olhando para a Morte no ecrã. A civilização é como um avião a jacto, um perito idiota na carlinga manipulando os controlos computadorizados construídos por soturnos operários, perito esse dependente para as suas instruções de técnicos sonolentos alimentados a anfetaminas e com o espírito a vaguear entre desporto e

sexo.

A civilização é como um 747, sobrelotado de voluntários à força – alguns inebriados pela velocidade, a maior parte entontecidos pelo abismo de terror e náusea, ainda assim seduzidos pela publicidade e pela propaganda. É como um DC-10, tão incrivelmente claustrofóbico que nos apetece rebentar-lhe as paredes de lata e escapar, abrir caminho por entre as nuvens, abandonando este inimigo barulhento e trepidante a aproximar-se do seu ponto de ruptura. O mais pequeno erro ou falha técnica conduz à catástrofe, deixando-nos os ossos esmigalhados como cascas de ovos e as tristes entranhas esborrachadas sobre a pista como presságios tardios.

Claro que a civilização, além de ser como jactos, se assemelha a muitas outras coisas. Assemelha-se sempre a coisas: uma vala de drenagem química, uma mata abatida para alargar mais uma pista de aviação ou construir um novo hipermercado – onde as pessoas possam comprar saladeiras feitas com a madeira de árvores exóticas que serão consideradas extintas uma semana depois. Ou talvez um cemitério de carros, ou uma ponte suspensa que desaba porque um parafuso de metal se soltou. A civilização é uma hidra.

A civilização é como um jumbo a jacto porque este transporta para lugares onde nunca deveriam pôr os pés pessoas que nunca sentiram a sua humanidade no sítio onde estavam. Na verdade, transporta sobretudo homens de negócios, envergando fatiotas e empunhando pastas repletas de gráficos, contratos, mais devastação – homens de negócios iguais em toda a parte e sem razão, por isso, para se fazerem deslocar de um lado para o outro. E este jumbo avança cada vez mais depressa, transformando cada vez mais lugares em aeroportos, que é o desnaturado habitat dos homens de negócios.

Trata-se de um verdadeiro mistério saber como chega a levantar-se do solo. Corre desenfreado pela pista, as luzes a piscar pelo chão fora como uma cicatriz electrónica sobre a carne da terra, ganha velocidade e lá salta, rasgando o ar, ganhando altura por sobre as ondas de calor e os resíduos a soprar, quais refugiados em fuga de uma cidade bombardeada. Sim, é emocionante, é um mistério ver-se a vida evacuada e as próprias pedras assassinadas.

Mas a civilização, como o jacto de passageiros, essa estranha fénix incapaz de renascer das cinzas, também desaba pela terra fora como um milhão de vespas a rebentar, chamas a alastrar pela pista em tentáculos de gasolina, óleo e carne tostada. E sempre o lixo absurdo, os confeitos da Morte, os fragmentos que ali ficam para zombar de nós ao longo da mortal trajectória do pássaro agonizante – a cabeça da boneca, os sapatos, uns óculos, a fivela de um cinto.

Os jactos caem, as civilizações caem, esta civilização há-de cair. Os seus indicadores serão mal interpretados nalgum dia de neve (talvez falhem). As asas, que se supunham livres de gelo, estarão demasiado congeladas para baterem contra o vento e o pássaro há-de desabar como uma mó, primeiro oscilando gratuitamente como uma ponte (porque a civilização é também como uma ponte, do Paraíso a Nenhures). Uma ponte repleta, digamos, de massas suburbanas a caminho ou no regresso do trabalho, ou seja, a caminho ou no regresso de um aeroporto, enlatadas nos seus carros (jactos sem asas), quais oferendas votivas a uma Medusa voraz.

Mergulhará então nas águas geladas de um rio, talvez o Potomac, talvez o Rio Jordão ou o Letes. E nós estaremos lá dentro, cada um à sua escotilha sentado no lugar marcado, a descer pela última vez, quais cabeças de bonecas em caixas de fibra transparente.

Traduzido do inglês (Estados Unidos) por Manuel Portela

A EXPO

JOSÉ LUÍS FÉLIX

Naquela manhã D. Sebastião Lencastre acordou mais sarapintado do que habitualmente. Também não era caso para menos, aquela era a manhã da manhã. Como sempre untuoso e manhoso D. Sebastião, o Sebas para os amigos da aldeia, tinha de dar curso ao discurso da inauguração da Expo Inter Galáctica do Cu Mieira de Baixo.

A sua reconhecida qualidade, devidamente registada na Direcção Geral de Registos e Patentes, de Sr. Regedor, D. Sebas acrescentava ainda os mui honrados e borrados títulos de Sr. Doutor, Comissário da 1ª Exposição Inter Galáctica organizada em Portugal, Visconde da Seca, ex-amásio da Sueca, herdeiro da Quinta dos Frades Ó Besos, da Vinha dos Seca Adegas e descendente da Nobre Casa dos De Tentores de Car Canhóis. Fora D. Sebas, com a sua reconhecida firmeza (teso como um carapau, diziam os servos) quem levava a cabo “esta espantosa iniciativa, que a todos nos espanta”, como dizia Melga Feteira, o pai da ideia.

Com efeito, na sequência da espectacular Expo98 que deixara todo o país embaçado, muitas outras localidades portuguesas se candidatavam à realização de feirantes espectáculos universais, europeus, nacionais e regionais, subordinados aos temas mais estrambólicos.

Começara pelo Porto e estendera-se a Setúbal, Braga, Leiria, Guimarães, Vila do Conde, Peniche, Faro, Castelo Branco, Évora, Bragança, Funchal, Fátima, Alcoentre, Terras do Bouro, entre outras localidades, onde os feirantes arquitectavam espectaculares actividades sobre “Linguas mortas, linguas vivas e povos em coma” “El Rei D. Manuel e os seus Marmanjos”, “Deus há só um, o nosso e mais nenhum”, “Da canela ao hamburger, a mesma luta”, “Bruxas, proxenetas e políticos, no sec. XVIII”, “O Estado e as mulheres da vida”, “Os empresários e a revivificação refrigerada, um desafio do futuro”.

O Cu Mieira de Baixo não podia ficar indiferente a esta espectacular onda que encharcava o país de lés a lés. Mas fazer o quê e como? Numa aldeia rasteira, embora possuidora de nobre passado, honrada por ter dado muitos dos portugueses que deram novos mundos ao mundo e de onde, mais recentemente, tantos cu mieirenses tinham partido rumo aos estrangeiros, onde eram reconhecidos como trabalhadores honrados e cumpridores, pouco dados a polémicas. Também em Portugal essas características eram devidamente apreciadas pelas entidades patronais, o cu mieirense típico trabalhava no duro, não tugia nem mugia habituado à frugalidade e desconsolo dos montes onde nascera, para o manter manso e acicatar-lhe

os ânimos bastavam-lhe os êxitos futebolísticos do Futebol Clube do Cu Mieira, com largas vitórias fora de portas, as missas dominicais, que o Padre Rato há décadas ministrava com proficiência, as festas estivais da Nossa Senhora da Arrebenta e a peregrinação anual a Fátima seguida de uma incursão a Lisboa, “essa Sodoma e Gomorra dos tempos modernos”, como bradava o Sr. Pe. Rato nos seus sermões.

Assim trabalhando nas recentes fábricas de confecções e têxteis, que prestimosos empreendedores tinham instalado na terra, na horta ou apascentando o gado nos montes e conduzidos pelo pastor Rato, viviam tranquilos, trabalhando duramente sem recalçar, tirando uma ou outra ovelha ranhosa, que as há sempre como os senhores sabem. O progresso tinha chegado, quase todas as casas tinham televisão e até vídeo, abriram-se algumas estradas novas com dinheiros da CEE, a ida à cidade fazia-se actualmente em pouco mais de meia hora. Não era, claro, uma vida como a das grandes metrópoles, mas o sossego era outro e as pessoas viviam felizes com o que tinham.

Os detractores diziam que também havia chegado a droga, que no pinhal de D. Marmelo havia prostituição, que os ricos estavam cada vez mais ricos e até não se sabia quem eram os donos das fábricas, que os pobres estavam cada vez mais pobres e que alguns nada tinham e dormiam pelos caminhos. Acrescentavam até que a vida era agora mais dura, as pessoas quase não se falavam, sempre a olhar para o televisor e a tentar ganhar o máximo dinheiro. Mas tal como na sua mais recente homília frisara o padre Rato, “isto é o preço do progresso, não podemos manter-nos à margem da economia mundial”.

Foi perante este quadro que se levantou a hipótese de se promover uma Exposição Mundial. Num jantar realizado no Restaurante “A Estrumeira”, à entrada da terra, reuniram-

se o Melga, o D. Sebas, O Engenheiro Parafuso das Fábricas têxteis do Cardanho AS e o Padre Rato. Logo ali ficou decidido levar a efeito uma Expo, que desse a conhecer as realizações da aldeia, que fizesse inchar de orgulho todos os cu mieirenses, recheada de espectáculos de assombrar, que honrasse a sua história e os feitos do seu nobre povo, que espantasse pela sua modernidade, que enaltecasse as obras e investimentos feitos sob o regime democrático sem renegar o vistoso e viscoso passado, que, enfim, desse a conhecer ao mundo, através de espectáculos modernos o Cu Mieira em toda sua modernidade, aplicando em profusão as novas tecnologias. Tratava-se, como bem acentuou o Eng^o. Parafuso, de acalmar os espíritos, congregar vontades e abrir mercados, particularmente da CEE, à qual todos os cu mieirenses se deviam orgulhar de pertencer.

“O Cu Mieira já não está no pelotão de trás, somos invejados por muitos, porque estamos no pelotão da frente”, concluiu jubiloso o D. Sebas. O acordo estabelecido entre aqueles lídimos representantes das forças vivas deparava, no entanto, com um obstáculo, qual o tema que projectaria o Cu Mieira no mundo? Estava-se já nos bagaços, foi então que o Melga teve uma lembrança genial, “inspirado pela luz divina”, diria mais tarde o Pe. Rato, porque não explorar a posição geoestratégica do Cu Mieira e a sua diáspora? Alvitrou aos restantes comensais um espectáculo cultural em torno do tema dos montes, que era o que mais havia ali em redor, podia ser, por exemplo “os montes como novo horizonte da humanidade”, tudo isto complementado com “a disseminação dos cu mieirenses pelos montes do mundo, desde as descobertas até ao século XXI”, tudo acompanhado com doses maciças de novas tecnologias.

“Temos de embasbacar não só os cu

menenses, como toda a nação, toda a CEE, todo o mundo, há que solidificar os mercados e descobrir novos, para os nossos têxteis, as nossas confecções”, proclamava entusiasmado o Eng.º Parafuso. “E também os nossos azeites, o nosso mel e o nosso presunto, de reconhecida qualidade”, acrescentou o D. Sebastião. “Sobre isso estamos de acordo e, claro, não vamos esquecer o turismo e os nossos emigrantes. O povo merece que nos interessemos por ele, que o iluminemos”, interrompeu o Pe. Rato, sempre rato nestas coisas.

Mas já se levantavam os problemas, que depois de muita discussão e bagaços entenderam ser de duas ordens. Como arranjar os largos milhões que seriam necessários para uma iniciativa destas e como convencer o povo a aceitar, a bem, uma despesa colossal, quando tantos viviam com

dificuldades enormes e mais de 20% na miséria?

Para o segundo constrangimento foi de imediato encontrada uma saída. Com festa o povo acalma e ainda por cima um acontecimento que faria o Cu-Mieira ser elogiado em todo o mundo e aparecer nas televisões internacionais. “Não se esqueçam do velho ditado, com Papas e bolos se enganam os tolos”, salientava o Melga. “Sua Santidade não estará presente, mas será de boa política convidar o senhor Bispo”, interrompia o Pe. Rato. Concordou-se em chamar ao evento todos os bispos nacionais e alguns estrangeiros sortidos. Seriam convidados, igualmente, muitas figuras gradas e algumas figuras miúdas da política nacional e internacional, muitos artistas de sucesso e personagens do jéte 6. Quanto aos problemas desta ordem tudo ficou



A BAS LES IMPIOTS

resolvido, ainda mais quando o Melga lembrou que se podia anunciar que a parte norte e velha da aldeia, junto à Ribeira, onde os casebres, casas em ruínas e velhos celeiros se amontoavam juntamente com habitações mais que modestas, seria o sítio ideal para se edificar as faraónicas construções destinadas à Expo. Bastava convencer as populações que graças a essa grandiosa obra não só a aldeia se tornaria mais bela, mais moderna, como também todos os moradores da vasta zona norte, que constituía metade do Cu Mieira de Baixo, seriam realojados nas mais modernas condições, em urbanizações dignas do século XXI. “Prometer não custa”, concluiu, exibindo o sebento sorriso que se tornara célebre nos meios monetário-culturais.

A partir daí foi um vê se te avias. Todos os políticos concordaram com o projecto, tirando pequenas questões de pormenor o consenso foi absoluto. Não foi por uns bradarem que é preciso não esquecer a cultura proletária, outros a cultura democrática e outros ainda a cultura empresarial, que se estabeleceram divergências. Afinal tratava-se do bom nome e prestígio do Cu Mieira de Baixo e de Portugal. O orgulho de produzir semelhante evento, de elevar tão alto a Pátria a que nos orgulhamos de pertencer, devidamente acompanhado por uma profusa distribuição de tachos fez desvanecer todos os entraves. O financiamento também não levantou problemas. Como diria o Comissário D. Sebas, “o mercado tudo resolve”. Isto é, tratou de se fazer dinheiro com tudo o que desse lucro, venda de terrenos, aluguer de espaços, publicidade descarada e encapotada, venda de andares, venda de bilhetes e até processos mais originais, como tatuagens Expo, ar Expo engarrafado, grandioso sorteio dos calos do Papa, lotaria especial do 13 de Maio a efectuar no recinto da Expo, comercialização da água miraculosa da Ribeira do Cu Mieira, leilão de

videntes e ossos de santos, entre tantos outros. Se tudo isto não chegasse para reunir os cabedais necessários, a Junta de Freguesia e o Estado suportariam o restante.

Durante anos as obras, as promessa e a propaganda avançaram, com poucos acidentes de percurso, se não considerarmos as mortes de trabalhadores emigrantes “ilegais”, logo não contabilizados. Os terrenos foram doados pela Junta, tendo sido destruídos os casebres dos pobres do sítio, cuja a presença estragaria a imagem de modernidade que já se adivinhava. À medida que a data da inauguração se aproximava, novas inferno-estruturas foram sendo criadas, até uma nova ponte sobre a Ribeira foi inaugurada com uma monumental garraia em pleno tabuleiro.

Aos pobres, aos trabalhadores que, vindos de todo o mundo, tinham construído aquele aparato, e a todos aqueles que de algum modo pudessem fazer empalidecer o brilho do espectáculo foram concedidos transportes gratuitos para fora da localidade e permitido que se instalassem provisoriamente nas lixeiras municipais. À medida que a abertura da celebrada Expo se aproximava os órgãos de comunicação de massas jorravam caudais de propaganda, mais intensos a cada minuto. A TV, a imprensa, a rádio, o cinema, os folhetos, os sinais de fumo, a face da lua cheia, a Ribeira do Cu Mieira, o dorso dos transeuntes, as fachadas dos prédios, as medalhas dos generais, os caixões pós modernos, os penicos “portuguese style”, os penteados “à CEE”, tudo descarregava imundice em prol do grande espectáculo, que, com as suas ditirâmicas inovações tecnológicas levaria o nome do Cu Mieira e do Portugal moderno e comunitário a todos os recantos do mundo. Ninguém podia escapar à promoção em curso, como dizia o Melga, que até propusera a expressão Expo Inter Galáctica como um desafio do futuro.

OD. Sebas revia tudo tudo isto orgulhoso, como é próprio dos varões e argolas da sua estirpe e relia o discurso que apresentaria daí a pouco, perante uma selecta assistência. "Senhores Presidentes, senhores primeiros ministros, Eminências, senhores embaixadores, senhores marechais, senhores generais, senhores ministros, senhores deputados, senhores banqueiros, senhores industriais, senhores comerciantes, senhores agricultores, minhas senhores e meus senhores. Encontramo-nos hoje aqui reunidos, a nata da sociedade internacional, para celebrar a inauguração da Iª Exposição Inter Galáctica, subordinada ao tema, "Os montes, novo horizonte da humanidade".

Com efeito, os montes têm sido injustamente esquecidos pelos especialistas, os media e pelas organizações políticas que nos regem. Mas não há modernidade sem montes. É isso que pretendemos dar a conhecer a V. Exas. e ao mundo. Os montes são o nosso destino, como o comprovam as conclusões a que chegaram os mais brilhantes especialistas por nós estipendiados. É dos nossos montes que se extrai a famosa uva de casta Cu Míeira, origem do celebrado tintol do mesmo nome. Os pifos apanhados por esses montes foram tornaram-se célebres ao longo da História.

Excelências, é com desmesurado orgulho que perante vós posso celebrar este grandioso espectáculo monetário-cultural, comemorativo de um Estado com 800 anos de história, cujo povo, montes fora, ajudou a descobrir novos caminhos, pôs em contactos as diversas civilizações montanhesas, originando os contactos e miscigenações entre povos diferentes. É com o máximo regozijo que verifico a presença dos Chefes dos Patilop's*, revelando o seu elevado sentido de Estado, que se pode traduzir na portuguesíssima expressão "o que lá vai, lá vai". Eu próprio estive presente na Guerra do Tramar e há

muito que me adaptei aos novos tempos. Somos hoje um Estado moderno, integrado plenamente na Europa Comunitária. Não renegamos o passado, mas apontamos para o futuro, para a cooperação e para os excelentes negócios que se podem estabelecer entre nós.

Permitam-me uma referência emocionada aos trabalhadores que edificaram este extraordinário conjunto arquitectónico. Vindos das sete partidas de Portugal e do mundo empenharam todo o seu querer e saber na consecução deste grandioso empreendimento, de acordo com o que foi planeado pelos técnicos da mais elevada craveira, que criteriosamente tudo conceberam. A todos o nosso mais rasgado elogio. Amanhã, acomodados nas suas modestas casinhas, poderão dizer orgulhosamente aos seus filhos e netos "eu tive lá".

Portugal está de parabéns. Evidenciamos claramente ao mundo, que os tempos da mediocridade e do derrotismo já lá vão. Esta espantosa obra fala por si. Depois de Fátima e da Expo, envaidecemo-nos ao apresentar ao mundo a primeira Inter Galáctica. E, já agora, permitam-me uma referência a esse extraordinário evento que se anuncia para o ano 2.004, o Campeonato Europeu de Futebol. Eu e todos os patriotas estamos comovidos com mais esta grande conquista da nossa pátria. Portugal prossegue no bom caminho. O progresso deu definitivamente entrada entre nós. A presença neste despassarado evento de representantes de todos os Estados democráticos e correlativos comprova a nossa pujança de nação multissecular, que depois de tanta descoberta, descobre desvairadamente os caminhos para ganhar a massa do futuro.

Excelências, podeis levar para os vossos países a certeza de que os cu mieirenses, todos os portugueses, estão abertos ao mercado global e às novas tecnologias. Partiremos por

esses montes fora, como há séculos o fizeram os nossos antepassados atravessando os ignotos mares, já não em busca de escravos e ouro, mas sim de mercados onde possamos fazer negócio, comprar e vender o que temos e o que não temos, na natural avidez de realizar mais valias. Com isto tudo lucrámos nós, as forças vivas das nações e quiçá as forças moribundas e até mesmo as forças mortas. Não há mais montes que nos separem, não existem montanhas ou desfiladeiros que travem a marcha do livre mercado, e aqueles sonhadores que anteviam uma sociedade mais rica e laboriosa poderiam vivê-la neste exaltante presente, graças às novas tecnologias, às realidades virtuais e outras façanhas tecnológicas que o mercado põe à nossa disposição.

Os milagres da era moderna, da ciência e da tecnologia, constituem a utopia contemporânea e estão à disposição de todos aqueles que, uma vez adquiridos os respectivos bilhetes, podem franquear os pavilhões respectivos e dar asas à sua imaginação, durante alguns minutos. Do homem das cem cabeças à vagina hidromasságica, do orgasmómetro à árvore da abundância, passando pela travessia dos mais agrestes Bancos e pela caçada aos índios e negros, tudo o que a moderna realidade virtual permite para satisfação dos mais inconfessados desejos e imbecis brincadeiras ali se encontra.

Excelências, do alto deste escadote, é com altivez que vos saúdo e às vossas nações. Nós já corremos seca e meca em busca de dinheirame, das descobertas à emigração, milhões e milhões partimos da Pátria idolatrada. Hoje, finalmente europeus de primeira, ou quase, propomo-nos fazer negócios a uma escala planetária, contando com o apoio da CEE, fazendo largo uso das novas tecnologias, tipo realidade virtual, *internet* e outras minudências do mesmo estilo.

Podem contar com a nossa mão-de-obra obediente e respeitadora, com o nosso celebrado desenrascanço, com a nossa experiência de capatazes, assim como a solidez das instituições mercantis, democráticas e eclesiásticas, sem esquecer a amenidade do clima e o bom vinho.

Portugal entrou por fim no sistema democrático, no mercado global e veio para ficar. A hora é de júbilo, é de festa. Que cada um avance para as mesas respectivas e não se encolha, coma e bebã à vontade. Teremos depois uma sessão com garganteadores internacionais, verdadeiros rouxinóis amestrados que, estou certo, a todos deleitarão. Segue-se a visita aos pavilhões, onde as actividades monetário-culturais estão representadas em profusão. Mas disso vos poderá falar, com mais detalhe, o senhor Comissário Melga.

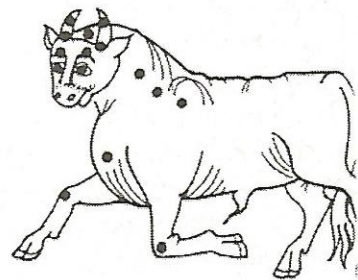
Avancemos pois. Que a alegria inunde os nossos corações. O espectáculo não pode parar.

Viva o Cu Mieira! Viva Portugal! Viva o mercado global! Viva a Expo Inter Galáctica!

O discurso pareceu-lhe perfeito. Compôs a gravata de marca e chamou o motorista, que o conduziria com a sua Maria para o local do evento.

Não tardaria a entrar em cena.

* Patilop's – Países africanos e Timor de língua oficial portuguesa



ENTREVISTA A ROBERTO FREIRE

No dia 29 de Maio de 1997, em São Paulo, a revista Utopia teve a oportunidade de entrevistar o nosso amigo e companheiro libertário Roberto Freire. A sua experiência é extremamente rica na construção do ideal anarquista no Brasil. Na actualidade, num contexto de intervenção muito específica – SOMA-Uma Terapia Anarquista – pode-se descortinar das suas posições. O seu percurso histórico é elucidativo. Sempre pautou a sua vida em prol da liberdade e da emancipação social, não obstante verificarmos que as suas teorias e práticas não sejam bem compreendidas por algumas correntes do movimento libertário.

A entrevista foi conduzida por J. M. Carvalho Ferreira.

UTOPIA – No quadro da história da sua vida, enquanto pessoa que começa a ter capacidade crítica relativamente à sociedade em que vivemos, quais são os aspectos que foram para si mais influentes para essa determinação?

ROBERTO FREIRE – Em primeiro lugar precisei de me livrar da minha formação burguesa e me livrar da minha obrigação de exercer medicina. A coisa foi feita pela minha família que tinha muitos médicos, professores, quer ainda por avós, tios e outras pessoas. Eu fui, pois, levado a ser um médico. Tentei sê-lo para fazer a vontade deles, mas também aproveitei para fazer uma formação científica boa. Adquiri conhecimentos científicos do homem bastante grandes, mas não me interessei muito pela medicina em si, embora houvesse dentro de mim uma paixão pela observação do comportamento das pessoas que me levava a uma certa inveja dos

escritores e uma certa vontade de poder escrever como os autores que eu lia.

A política, eu a via do ponto de vista partidário e logo a detestei desde o início da minha vida. Eu participei, durante essa minha formação, em duas ditaduras muito longas. A primeira a de Getúlio Vargas que durou 15 anos e logo mais tarde a segunda, a dos militares que durou outros 15 anos. Eu tenho 70 anos, hoje, e metade da minha vida foi vivida num quadro de ditaduras muito violentas. A do Getúlio Vargas foi muito mais violenta que a dos militares. Mas o Brasil não faz memória da sua história. As coisas vão sendo esquecidas, mas é um facto que foram terríveis.

Eu era um estudante secundarista e comecei a ter consciência da necessidade de liberdade quando a perdemos. Eu era estudante e não tínhamos liberdade de ler, de participar das coisas e eu me lembro de muitas correrias pelas ruas, fugindo da polícia. As nossas escolas eram invadidas para prender um

professor ou um aluno. Enquanto tudo isto se passava, em minha casa parecia que não tinha acontecido nada, porque eles tinham aderido à vida burguesa e aos governos autoritários. Começou a existir um conflito dentro de mim e uma diferença de visão do que devia de ser a vida social. Eles tinham uma visão de crescimento, de opulência, de riqueza, enquanto eu tinha uma necessidade de aprofundar meus conhecimentos. Eu queria entender melhor, eu sentia uma grande paixão pelo conhecimento, mas ainda não tinha despontado em mim uma capacidade crítica. Eu sofria a violência das ditaduras. Eu tinha muita raiva da polícia, do exército, do ditador, mas aquilo era uma coisa acima das minhas forças. A coisa começou a ficar mais profunda, a minha consciência tornou-se mais clara quando eu me formei em medicina e ganhei uma bolsa da UNESCO e fui continuar os meus estudos de pesquisa, abandonando a parte clínica. Eu fui fazer pesquisa no "Collège de France" em Paris. Aí eu fiz uma formação com um pesquisador extraordinário. O "Collège de France" era a escola de Claude Bernard. A metodologia científica da pesquisa, eu a conheci muito de perto. Eu fazia pesquisa sobre a condução nervosa. Eu trabalhava no

Brasil, no Instituto de Biofísica com o professor Carlos Chagas Filho e ele estudava o peixe eléctrico, que tem no seu corpo verdadeiros condensadores. É um material de pesquisa extraordinário.

Chegando a Paris eu tive uma explosão. A ciência sempre me interessou. O aprendizado no "Collège de France" foi uma coisa maravilhosa, mas eu percebi que o meu tempo era maior. Havia espaço para muitas outras coisas. Por coincidência fui morar num hotel onde morava um brasileiro que fazia teatro, e também pessoas que estudavam teatro. Começaram a levar-me, a conhecer o campo das artes. Eu comecei a frequentar o teatro, a fazer parte de muitas discussões sobre arte e cultura com essas pessoas, principalmente Sabato Magaldi, um grande estudioso de teatro e que recentemente foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, um dos maiores críticos de teatro que o Brasil já teve. Naquela altura ele estava a fazer cursos na *Sorbonne* sobre cultura teatral. Mas eram muitas pessoas. Eu comecei a frequentar teatros e fui enveredando pelo mundo da arte e da cultura. E nesse mundo eu percebi uma crítica muito maior à organização do Estado, ao funcionamento da sociedade. Alguns autores



que comecei a ler e a frequentar peças deles como Bertolt Brecht, foram um dos primeiros contactos críticos em relação à organização social e viriam a revelar-se muito importantes. Eu já tinha lido Marx – sobretudo o *O Capital* – e outros autores que criticavam o capitalismo. Longe da minha família, longe do meio onde tinha sido formado, daquele mundo burguês, eu comecei a formar uma consciência socialista com a convivência em Paris.

UTOPIA – Depois o Roberto volta ao Brasil e, segundo me parece, passa a ter uma relação estreita com o Partido Comunista. É correcta esta afirmação ou não?

ROBERTO FREIRE – Há uma coisa que é muito curiosa que é o facto de que nunca aceitei o Partido Comunista. As ideias marxistas chegavam a mim e eu achava-as interessantes. A análise do Marx sobre o capitalismo eu a achava muito curiosa. Mas quando começava a ler as propostas do marxismo para uma organização social nova eu tinha críticas, eu sentia o ranço autoritário. Quando eu voltei ao Brasil, casei. O meu pai morreu e eu não podia continuar a fazer pesquisas, tinha que ir trabalhar para sustentar a minha família, a antiga e a nova. Foi uma vida muito dura. Tive de reaprender a clínica. A medicina teria de ser o meu socorro. Eu arranjei emprego e fui médico de fábricas. Foi um período onde eu conheci o proletariado. Foi um período em que eu pude entender a crise entre o capital e o trabalho. Ali a teoria marxista começou a se formar e a crítica social a aparecer mais activa. Logo a seguir, comecei a fazer teatro, comecei a sentir uma grande vontade de escrever. O meu pai tinha morrido e percebi que era ele que me bloqueava a criação literária e artística. Aí escrevi a minha primeira peça porque eu já estava ligado ao

Teatro Arena de São Paulo, um teatro que produziu uma revolução. O Teatro Arena foi o primeiro teatro do Brasil que introduziu a questão do operariado, foi a primeira vez que um operário se tornou protagonista. Até aí os operários não iam à cena, porque estava invadida pela burguesia.

A minha primeira peça chamava-se “Quarto de Empregada”. Coloquei duas empregadas domésticas como sendo as actrizes principais. Praticamente antes as empregadas domésticas só passavam o pano de pó, atendiam chamadas, etc. Eu coloquei o problema da doméstica no Brasil como algo principal e ainda por cima junto com o pessoal do Teatro Arena. Eu me incorporei nesse grupo. De manhã trabalhava na fábrica enfrentando o problema do proletariado, colocando os conhecimentos marxistas na prática, permitindo práticas de um socialismo que eu nem sabia bem o que era. Até que um dia caí nas minhas mãos Bakunine, isto em finais da década 50, início dos anos 60. Quando comecei a ler Bakunine eu já tinha percebido que o meu socialismo era anarquista e que não era marxista, porque eu não tolerava o autoritarismo, na organização de um Estado autoritário, etc. E o Bakunine combatia isso. A partir daí comecei a estudar, a estudar anarquismo. Comecei a frequentar o Centro de Cultura Social. Comecei a ter amigos anarquistas. Até aí os meus amigos eram todos marxistas, naquela época tínhamos discussões terríveis. Discutíamos muito, nós produzíamos juntos teatro, mas a minha formação era diferente da deles. Foi a partir daí que comecei a produzir teatro, a me envolver na medicina social. Sentí que eu precisava de ter uma acção política mais séria. Achava que o teatro era pouco.

No fim dos anos 50 eu me apaixonei pela psicanálise. Comecei a ler coisas de Freud, que eu não percebia muito bem, mas que

achava que aquilo tinha uma profundidade muito grande, uma seriedade imensa. Achei que era uma revolução incrível dentro da psicologia da época. Quando eu li sobre a descoberta do inconsciente, quando eu vi colocar a questão da sexualidade na infância, a importância que Freud dava à libido na primeira infância, achei tudo isto muito revolucionário. Abri um consultório para trabalhar à tarde e de manhã trabalhava na fábrica para sustentar a minha família (já tinha entretanto resolvido o problema da minha mãe e irmãos). A minha mulher ajudava-me, ela também era médica e já tínhamos dois filhos. Então eu pude começar a pagar a minha formação de psicanalista. Foi uma formação caríssima. Tudo o que eu ganhava ia para as mãos do meu analista vienense. Confesso que foi uma das formações mais difíceis, porque eu não consegui entender as ideias de Freud. A descoberta científica dele era perfeita, mas o seu aparato nunca consegui entender.

UTOPIA – Sei que foi vítima da ditadura e que começou a ser escritor. É após a ditadura que passa a ser escritor? Nos anos 50 ou noutra período histórico?

ROBERTO FREIRE – Eu larguei a psicanálise e comecei a fazer críticas pelo elitismo da psicanálise, por ser muito cara, por ser só para clientes ricos. Comecei a perceber que os meus clientes eram todos ricos, enviados pela sociedade de psicanálise e eu não queria viver muito rico. Assim, em 1962, rompi com a psicanálise e fui procurar trabalho em jornalismo e até criei um jornal *Brasil Urgente*. Foi um jornal fortíssimo, muito corajoso, que naquela época, feito em conjunto com os padres dominicanos que exerciam uma influência muito grande na oposição de esquerda na política brasileira. Agora eu não era mais médico nem

psicanalista. Queria ir para a acção, não queria ser um espectador, queria ser um lutador, um jornalista. Escrevi um romance difícil de ser publicado, chama-se *Cléo e Daniel* que acabaria por ser publicado, em 1966, e foi o ponto de partida para o resto da minha vida. Mas voltando um pouco atrás. O jornal que eu tinha feito era muito violento, era contra a organização política do Estado. Denunciávamos tudo isso no jornal quando veio o Golpe Militar de 1964.

Antes disso, quando larguei a medicina e a psicanálise eu me envolvi com anarquistas no sentido de saber se eles estavam contra uma intervenção armada, contra uma luta armada. Senti algum desespero porque eles não queriam a luta armada. Procurei alguns companheiros marxistas e não marxistas. Estavam nessa altura a organizar a Acção Popular, que nasceu da Acção Católica Marxista-Leninista (da Juventude da Universidade Católica). Mas nessa transição, que não era ainda comunista (eu não me queria juntar ao PC), com esse grupo da Acção Popular, nós começamos a fazer um trabalho de consciencialização da juventude sobre a possibilidade do golpe militar. De repente veio mesmo o golpe militar, mais cedo do que nós esperávamos. Estávamos à espera que fosse lá para Maio ou Junho, mas foi em Março. As primeiras coisas que eles fizeram foi invadir e destruir o jornal, e eu fui preso logo de seguida e os meus colegas também.

Começaram uma perseguição muito grande às pessoas que militavam nessas organizações. Eu já estava casado, tinha filhos e foi uma vida horrível, porque enquanto que na primeira ditadura só se tinham incidentes na rua, agora não. Eles achavam que nós éramos o inimigo, todos os que reagiam contra a ditadura eram considerados comunistas. Como eles queriam ter o apoio norte-americano, quer para armas, quer para comprar navios, quer para obter

...então para isso acontecer, eles precisavam de dizer que estavam a combater os comunistas. Na realidade, o então presidente da República estava a fazer uma abertura social, propondo uma reforma agrária, coisas que tinham a ver com o socialismo, mas não era comunista, era latifundiário, era um homem contraditório. A juventude é que queria mesmo o socialismo.

Fui sendo preso e solto várias vezes, pensando que quando me soltavam eu iria ter com os companheiros. Continuei trabalhando fazendo teatro. Escrevi o romance em 1966, depois de uma prisão terrível, em que perdi o controle emocional. Não podia procurar nenhum psicólogo nem psiquiatra, porque nenhum deles declarava a sua ideologia. Se eu procurasse um para lhe dizer que estava a ser torturado pela polícia, logo eles pegariam no telefone e me denunciariam. Naquela época havia uma paranóia terrível, pais que entregavam filhos, filhos que entregavam pais, namorados entregavam a namorada e vice versa. Era uma coisa muito perigosa.

Foi nessa altura que me deu a ideia de que devia existir uma psicologia socialista, ao serviço dos homens socialistas, para que estes tivessem com quem conversar quando precisassem.

Eu passei por 12 prisões e por quase todos os tipos de tortura. Mas há uma tortura que me marcou bastante e viria a deixar lesões para toda a vida, foram os chamados "telefonemas", eram as pancadas que eles nos davam nos dois ouvidos em simultâneo com as duas mãos. Faziam isso 10 a 12 vezes ao dia e era horrível. Era uma dor lacinante, caíamos logo. Devido a isso as minhas duas retinas ficaram deslocadas anos a fio. Dez anos depois viriam mesmo a cair. Uma vista já não vê e a outra está muito mal.

As torturas foram fáceis de enfrentar, foi uma luta muito grande, longe da minha família não

sabendo nada deles nem eles de mim. Mas havia todo um heroísmo, porque acreditávamos que estávamos a lutar pela liberdade, contra a ditadura. Eu produzi muito nessa época e aprofundei muito os meus conhecimentos, a minha cultura libertária foi sendo feita nessas prisões, nesses contactos e acabou por ser a minha arma também.

UTOPIA – De entre os livros que produziu, quais os que foram mais importantes nesse período?

ROBERTO FREIRE – Nesse período eu não escrevi muito. Saiu o *Cléo e Daniel* que teve um sucesso incrível. Mas, infelizmente eu era roubado por uma editora marxista que não me pagava direito. Eles tiravam 50 mil exemplares e diziam-me que tinham tirado só 5 mil. Só fazia jornalismo nessa altura. Havia uma grande lista de subversivos. Se um patrão desse emprego para um jovem subversivo passava também a ser responsável. Assim, nenhum patrão dava emprego. Eu só conseguia sobreviver porque minha mulher era médica e ela trabalhava. Eu mandava artigos para um amigo meu, Samuel Viner, que conseguiu publicar artigos meus com pseudónimo e me pagava por fora. A minha sobrevivência era muito difícil. O livro que saiu era um livro muito estranho porque não falava de política, não se podia. Eu o escrevi na cadeia em folhas de jornal que mandava a minha mulher, que depois as mandava dactilografar. Fiz um livro sobre o amor. Dizendo que o amor era impossível no Brasil. Fiz um *Romeu e Julieta*. Era a visão política da sociedade brasileira que estava a acabar com o amor. Este livro mexeu muito com a juventude. Ainda hoje vende como vendeu em 1964 e 1965. Ele mexeu muito com o lado da injustiça social.

O livro que veio em seguida foi *Utopia e Paixão*. É um livro que escrevi quando me

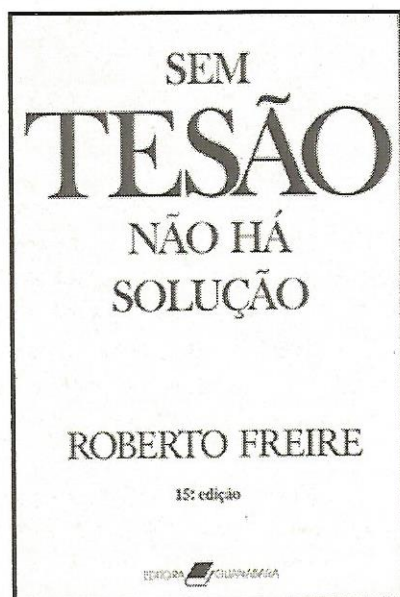
caíram as duas retinas, estava cego no hospital. Então eu conversava com um amigo meu que ia gravando as conversas sem eu saber. Mais tarde me deu as fitas a partir das quais eu fiz o livro. É um livrinho onde comecei o meu trabalho de comunicação libertária anarquista.

UTOPIA – Em que ano é que esse livro saiu?

ROBERTO FREIRE – No início dos anos 70.

UTOPIA – Na sua abertura para a perspectiva libertária anarquista, esse livro é o começo de toda a transformação do seu pensamento libertário?

ROBERTO FREIRE – Há um outro livro que eu escrevi onde fiz a primeira declaração pública aberta da minha opção anarquista. Onde expliquei o que era o anarquismo para a população. Chama-se: *Viva eu, viva tu, viva o rabo de tatu*. Já o retirei entretanto de circulação porque considero que já está ultrapassado. Foi a partir daí que rompi com



todos os meus companheiros marxistas. O livro *Utopia e Paixão* só veio depois. Daí em diante todos os meus livros são exclusivamente anarquistas, têm histórias, assuntos variados, mas o objectivo, a base, é a discussão sobre o socialismo libertário.

UTOPIA – Concretamente quando é que consegue formar a SOMA em vários estados do Brasil?

ROBERTO FREIRE – A SOMA teve um momento preciso. Foi em 1970. Na minha formação para ser psicanalista nunca me falaram de Wilhelm Reich. Foi simplesmente omitido, para eles nunca existiu. Depois de 1970, eu estava na Europa, por razões políticas, para fazer contactos políticos (eu nunca fugi do país com medo da acção política). Saí do país para trazer coisas boas. Sempre que saí foi para estabelecer contactos e arranjar dinheiro, comprar armas para sustentar a revolução contra os militares.

Estava na Europa e fui assistir a um espectáculo de teatro, porque eu continuava a gostar de teatro. Mesmo durante a ditadura eu criei com os estudantes da Universidade Católica um teatro, no qual montámos uma peça de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*. Para o efeito, eu peguei um estudante de arquitectura e pedi para me musicar um poema, e esse menino chamava-se Chico Buarque de Holanda. Foi um sucesso imenso no Brasil, foi um grande desafio. As críticas que os militares faziam aos jovens!!! O espectáculo foi de uma criatividade imensa. Fomos a vários países e mesmo a Portugal (Lisboa, Sintra e Porto). Em França ganhámos o Festival Internacional de Nancy. Foi uma das experiências mais ricas que tive. Essas representações abriam espaço para discutirmos política. A peça de então falava sobre a miséria. Em Portugal estava-se na

época do Salazar. Os estudantes portugueses tinham o teatro e o espectáculo acabava sempre com a invasão da polícia, porque se falava contra o Salazar, falava-se contra o que se queria. A censura não podia fazer nada. Fiz uma peça sem palavras em que se percebia que era uma crítica contra a ditadura, demonstrava-se o conflito entre o fonema "A" que é aberto e o fonema "O" que é fechado. Os reaccionários eram os "O" e os estudantes eram os "A". A peça era uma espécie de expressão cultural que quase não se fazia no Brasil. Foi um sucesso fantástico, com músicas também de Chico Buarque.

Voltando atrás, eu estava na Europa e fui ver um espectáculo de Living Theatre dirigido por Julien Beck. Era um teatro anarquista norte-americano que não ficou nos Estados Unidos porque não queria pagar impostos. Saiu pelo mundo fazendo um sucesso tremendo, porque actuava de uma forma completamente revolucionária. Eu fiquei fascinado. Fui então entrevistar o Julien Beck e disse-me que a sua arte de representar era simples porque eles estudavam Wilhelm Reich. Eu perguntei quem era, e ele respondeu-me que era um psicanalista dissidente e discípulo de Freud. Levou-me para casa dele e deu-me a ler uma série de livros de Wilhelm Reich e outros. Comecei então a estudá-lo em pormenor mesmo na Europa pela mão de um director de teatro. Fiquei completamente fascinado e comecei a estudar toda a psicologia daquela época e percebi que não tinha conhecido nada igual. Li muito, voltei para o Brasil e fui ver se havia algum trabalho sobre Wilhelm Reich. Não havia nada no Brasil, aliás havia muito pouca coisa sobre a bio-energética.

Decidi então criar uma técnica, uma prática terapêutica que pudesse ser útil, sobretudo, à juventude e sobretudo ser útil a quem tem uma visão crítica do capitalismo gerador de neuroses. Foram então mais 10 ou 12 anos de

estudos e pesquisas, após os quais comecei a praticar a técnica com estudantes de psicologia. Fiz então um grupo de terapia. A SOMA é basicamente isso, uma técnica derivada da obra de Wilhelm Reich. É uma terapia que acredita que a neurose vem de fora para dentro, ou seja, nós somos neurotizados pela sociedade, na luta de poderes que se estabelece entre nós e as pessoas da nossa família, as pessoas da nossa escola, da sociedade, numa luta ideológica permanente. O desejo de liberdade e autonomia é essencial ao ser humano. Mas para manter o controle social autoritário, as pessoas são castradas nesse desejo de liberdade, de autonomia. Nessa luta os que perdem ficam neuróticos. Comecei então a fazer terapia grupal. Só de grupo, e não individual, porque o Reich dizia que se a neurose é um produto social, então para uma pessoa se libertar disso tem que ser dentro de um grupo social. A relação individual é insuficiente para se perceber o fenómeno social da génese da neurose. Todavia, e isto é também importante, não me fiquei apenas por Reich. Analisei também Frederic Perls, expsicanalista analisado por Reich que foi para a África do Sul criar um Centro de psicanálise, mas que desistiu. Casou com uma física que trabalhava na *Gestalt*, nos estudos de *Gestalt* física. Ele começou a estudar com ela e teve uma intuição maravilhosa em perceber que se não se souber organizar as *Gestalts* psicológicas, como se consegue organizar as físicas, então a pessoa não consegue equilibrar-se, as pessoas desequilibram-se, perdendo o controle *gestalt* da sua existência quotidiana. A *Gestalt*, segundo os físicos é um estado de atenção selectiva. Por exemplo, no lado psicológico, se se está a ver uma paisagem só com mar e céu, a sua atenção vai só para o mar e o céu. Se surge de repente um barco a figura da sua atenção fica no barco, o resto é o "fundo" que fica em segundo lugar. Quando

o barco passa, a figura da sua atenção volta a ser o mar e o céu outra vez. Nós vamos mudando. Vamos dando mais atenção ao que nos interessa. Um neurótico é uma pessoa que perde o controle das *Gestalts*. Por exemplo, alguém que precisa de pagar uma conta e que tem dinheiro, mas não paga a conta; é o caso de alguém que precisa de dizer que ama, mas que não tem coragem, não consegue dizer e fica sofrendo; é alguém que precisa de trabalhar para se sustentar mas que não trabalha.

Através da terapia pode resolver-se as *Gestalts* que estão abertas em cada pessoa, começando por fechar primeiro as que são mais pequenas até se chegar às que são grandes e fechá-las também. A metodologia da *Gestalt* começou a ser utilizada na SOMA, e com essa aplicação constatamos que uma terapia que durava 4 a 5 anos, passou a durar no máximo 1 ano. Foi uma solução metodológica fantástica⁽¹⁾.

Depois começámos a estudar a anti-psiquiatria que foi algo descoberto por Gregory Bateson, antropólogo norte-americano que fez pesquisas extraordinárias e que viriam mais tarde a ser disseminadas. Surgiram várias pessoas que passaram a desenvolver a anti-psiquiatria, como David Cooper e Ronald Laing, na Inglaterra, e Franco Bassaglia na Itália. Esse movimento alargou-se mesmo no mundo inteiro, chegando à conclusão que a psiquiatria era uma farsa. Demonstraram que a esquizofrenia pode ser curada, tornando-se assim anti-psiquiatria. Para eles a psiquiatria não trata dos esquizofrénicos, mantem-nos internados com violência, fazem-nos sofrer com múltiplos tratamentos. Na Universidade de Palo Alto, Califórnia, um grupo de especialistas, durante anos, estudaram famílias onde aparecia a esquizofrenia na juventude. A esquizofrenia é algo que é fabricado nos filhos pelos pais através de um mecanismo de

fabricação. Este mecanismo é algo defeituoso a que chamamos *Duplo Vínculo*, que consiste na técnica de afirmar e negar em simultâneo, em dizer sim e não, ao mesmo tempo, criando na cabeça das pessoas uma grande confusão que dará lugar a uma forte dependência, porque se as pessoas não percebem, sentem-se incapazes de resolver sozinhas os seus problemas. Fica-se, pois, dependente, o que leva ao desinteresse, angústia e abandono da vida quotidiana.

Nesta universidade da Califórnia associaram-se antropólogos, psicólogos, estudantes de psicologia com o objectivos de analisar um conjunto de famílias com problemas esquizofrénicos. Levaram mesmo os esquizofrénicos para lá e curaram-nos. Ficaram completamente bons, num ano e num quadro de referência de esquizofrenia assinado por psiquiatras de renome. Evitaram aplicar a técnica do *Duplo Vínculo*, de afirmação e negação em simultâneo. Fizeram um tratamento na família para que os pais parassem de aplicar o *Duplo Vínculo*.

Constataram que o *Duplo Vínculo* é a técnica mais eficaz de controlar os filhos: a um filho que é traquina aplica-se o duplo vínculo e ele fica bonzinho. Porém, não sabem, os pais, é que estão lesando profundamente a vida dos filhos.

Uma outra descoberta maravilhosa foi a de que é o amor o grande responsável por tudo isso. Como exemplo, vejamos uma família que tinha quatro filhos, em que um fica esquizofrénico e os outros três não. A educação foi igual para todos. O que é esquizofrénico é o que realmente ama os pais e os pais amam-no muito também. Numa relação pouco amorosa isso não sucede. Uma relação amorosa, uma dependência afectiva muito grande marca muito, é propiciadora do *Duplo Vínculo*, enquanto sem amor não funciona.

UTOPIA – Essas três ou quatro grandes técnicas/teorias revolucionárias”, a nível da psicologia, como é que se articulam com a perspectiva anarquista?

ROBERTO FREIRE – Estas foram as técnicas psicológicas e faltava mais uma técnica. Mais tarde viria a descobrir mais uma: a massagem bio-energética. Criei exercícios bio-energéticos para mobilizar energia que está estagnada - segundo a teoria reichiana a neurose surge sob a forma de uma couraça. Apliquei 30 e tantos exercícios para isso. Faltava ainda mais um exercício que se revelasse bom fazer durante a terapia, mas essencialmente depois da terapia. Ou seja, o cliente deveria fazê-lo para o resto da vida. Foi quando descobri a “capoeira” de Angola, capoeira mãe, descoberta pelos escravos aqui do Brasil. Descobri que a capoeira era fundamental. A luta de capoeira é uma massagem bio-energética extraordinária. Descobri também que nenhuma terapia é suficientemente boa se não ensina o cliente a lutar, se não prepara a personalidade para enfrentar a vida com um espírito de luta. Sendo a capoeira uma luta e a pessoa sabendo-se capaz de lutar, logo sabendo capoeira, uma pessoa sai pela vida muito mais corajosa, mais preparada para qualquer espécie de luta, física e psicológica. Incorporámos então a capoeira. A prática estava pronta. Faltava o essencial. Faltava não. Já existia desde o início: a consciência política.

UTOPIA - O que é que produz o sintoma?

ROBERTO FREIRE - O sintoma vem da sociedade, vem das relações humanas, as pessoas adquirem angústia e depressão. Mas o que é que produz a depressão, as fobias? Reich provou que o que provoca isso é o

conflito de poder, é o conflito de ter mais força sobre o outro, é o conflito de ter propriedade sobre o outro, de dominar o outro. É o que existe nos sistemas autoritários (monarquia, ditadura e em algumas democracias). É algo que sempre existiu. É preciso que as pessoas tomem consciência que são neurotizadas dentro da “praga” que Reich falava. As pessoas amam seu pai, sua mãe, e estes fazem chantagem com os filhos e dominam os filhos. Recebe-se a neurose através de uma luta política de poder na família, de uma luta de poder na escola, na vida social (há a polícia, o Estado, o exército), de uma luta política no casamento onde existem regras diferentes para o homem e mulher, etc... Era preciso determinar quem era o causador do sintoma. Assim que se determinou que o causador era o autoritarismo nas relações humanas, ficou evidente que era preciso que uma pessoa tomasse consciência que não podia sair da sua neurose se não adquirisse uma outra consciência que combatesse a praga capitalista.

Quando Reich ainda vivia ele pensava que o marxismo, ao implantar-se na União Soviética pós 1917, iria possibilitar o desenvolvimento do socialismo no mundo e que este iria ser a grande arma de combate dos efeitos neurotizantes do capitalismo. Como se sabe não deu certo. Ele ainda viu que eles voltaram atrás em todos os seus projectos (liberdade sexual “versus” repressão sexual, amor livre, etc...) e implantaram a ditadura do proletariado. Então, do sonho socialista que podia sobrepôr-se ao capitalismo só sobra o anarquismo.

Quando um cliente vai fazer SOMA tem de passar por uma cura psicológica e ao mesmo tempo tem de adquirir uma consciência libertária para poder enfrentar a sua luta durante a vida inteira.

UTOPIA – Depois de desenvolvidas essas técnicas, qual foi a sua aceitação? Quantos grupos se formaram? Como se generalizaram essas práticas no tecido social brasileiro?

ROBERTO FREIRE – Foi uma luta terrível. Como a SOMA é um trabalho corporal e em grupo, as técnicas analíticas que trabalham individualmente ou que não mexem com grupos reagiram por um problema de mercado. Eles não sabem que a neurose está no corpo. Eles não lêem Reich. Então eles reagiram através do poder. A psicanálise é o instrumento oficial do burguês capitalista para resolver os seus problemas psicológicos. É algo inodoro, insípido. Pode fazer-se durante 5, 10 ou mais anos. O burguês tem o consolo de encontrar ouvidos. Como tem dinheiro para pagar então é algo que parece que alivia. Passou pois a ser a arma oficial.

A SOMA apareceu como algo concreto, real, com toques verdadeiros, movimentos. Por isso, inicia-se uma campanha difamatória realizada por terapeutas analistas. Só pude comprovar isso quando a *Folha de São Paulo* publica a minha foto no suplemento em que acusavam as terapias alternativas de serem charlatanescas e afirmavam que a única terapia que era positiva e eficaz era a psicanálise. Fomos designados de charlatães. Quando saíu esse suplemento deu para entender que havia um poder da psicanálise sobre a *Folha de São Paulo*.

Depois soubemos de outros casos. Nós nunca respondemos a isso. Uma vez, numa conferência para 1000 pessoas em Porto Alegre, um jornalista perguntou-me se era verdade que na SOMA eu já tinha “comido” todas as minhas clientes. Eu respondi que isso era uma infâmia porque só tinha “comido” as gostosas. Provoquei um certo humor e assim desmoralizei a pergunta. Houve uma

repercussão muito negativa nas famílias e no meio científico. Mas eu nunca recebi por escrito uma crítica, nem da parte de psiquiatras nem de ninguém e já há mais de 15 anos que esta terapia existe.

UTOPIA – Quantos grupos existem hoje?

ROBERTO FREIRE – Temos grupos em 8 Estados do Brasil. Em São Paulo tem 5 grupos, o Rio de Janeiro tem 3. Penso que teremos 15 grupos em funcionamento (com uma média de 20 a 30 pessoas por grupo). O grupo etário vai dos 17 aos 25 anos, embora apareçam pessoas com mais idade.

UTOPIA – Para além da SOMA, como terapia, sei que também há edições de livros, publicação do Boletim/Revista “Tesão”, produção de vídeos e outros eventos. Como articulam tudo isso?

ROBERTO FREIRE – Achei em determinada altura que tinha de apresentar ao público o que era a SOMA em termos científicos. Fiz 3 volumes a partir do livro *SOMA - Uma terapia Anarquista*. O primeiro volume *A Alma e o Corpo* expõe toda a fundamentação científica da SOMA; o segundo volume *A Arma é o Corpo* aborda as técnicas de aplicação das sessões de SOMA, explica como se pratica a SOMA, e o terceiro volume *Corpo a Corpo* constitui uma síntese dos outros dois.

Com estes três livros qualquer pessoa tem todas as informações (bibliográficas, científicas, ...) sobre o que é a SOMA.

A partir de certa altura também sentimos a necessidade de ter uma central. Temos uma casa aqui em São Paulo, a que chamamos a “Casa da SOMA”. É uma casa onde 13 grupos praticam capoeira ininterruptamente ao longo do dia. Também produzimos aqui a revista



boletim “Tesão” (sem periodicidade certa, publicamos quando podemos, quando temos disponibilidades financeiras para isso, mas sai 3 a 4 vezes por ano). Fazemos também muitos debates e conferências (onde o Zé Maria já tem participado). Temos inclusivé um curso permanente “Pedagogia Libertária”, sendo um meio de melhorar a pedagogia no grupo para livrarem-se desse autoritarismo gerador da neurose. Este curso já tem 3 anos. Já publicámos um primeiro livrinho designado *Pedagogia Libertária*.

Este ano vamos participar pela primeira vez num encontro nacional sobre terapias que tiveram origem em Wilhelm Reich. Vai ser realizado em Agosto de 1997 e será patrocinado pela Universidade Católica de São Paulo. Entretanto, estão a ser abertas mais casas de SOMA.

UTOPIA – Sendo o Roberto Freire uma pessoa multifacetada e tendo escrito muita coisa – romances, manuais, novelas para TV, etc. – eu sei que agora tem uma nova aventura que é um reencontro com

o jornalismo: isto é, a publicação da revista *Caros Amigos*. Fale-nos desse projecto.

ROBERTO FREIRE – A televisão é uma grande paixão, é um grande instrumento de comunicação. Pensei (ingenuamente?) que as ideias anarquistas poderiam passar por aqui, mas enganei-me. A televisão impede violentamente a comunicação. O único defeito que a televisão tem, é não ser minha, porque se fosse minha seria o grande instrumento de consciencialização para uma sociedade mais justa. De facto, eu trabalhei em algumas novelas, criei alguns capítulos de *Malu Mulher*. O jornalismo foi uma grande paixão, mas tive de o deixar para me dedicar à SOMA e à militância política. Estou com 70 anos, em termos de saúde estou um pouco cansado, vejo muito mal e o coração está cansado. Então comecei a aposentar-me devagar. Parei com a SOMA, mas tenho cinco assistentes. Achei que a minha vida estava acabando. Aí uns amigos me contactaram para criar uma revista onde pudéssemos exprimir em liberdade o nosso pensamento libertário. Trabalhámos

durante seis meses. Investimos sem patrão. Fomos nós os quatro que financiámos a nossa revista com as nossas poupanças. Arriscámos e a revista saíu.

Teve uma repercussão muito boa, está muito bonita, muito interessante. Parece que descobrimos um espaço dentro da imprensa brasileira. Trabalhar para a revista foi como que uma ressurreição. Voltei a me sentir jovem. Voltei a sentir uma alegria muito grande pelo trabalho e cheguei à conclusão de que tudo o que fiz na vida, eu só fiz para dar certo, quando senti paixão. O Zé Maria é igual (põe uma grande paixão em tudo o que faz) e os meus companheiros da revista também. Estamos a fazer jornalismo paixão, o que é uma coisa maravilhosa. Fazer jornalismo burocrático, jornalismo de função, apenas noticiário, como que empurrando a barriga é horrroso.

Já fizémos 3 números da revista, a terceira sai dentro de dias. Da 1ª edição de 50 mil exemplares, vendemos 30 mil. Da 2ª aumentámos as vendas em 10%, e já vendemos 35 mil exemplares. Se continuar tudo a correr bem, esperamos um dia vender 100 mil exemplares e aí ficamos "ricos". Estamos mesmo combinando passar um Natal e Ano Novo em Lisboa, com o Zé Maria, se isso acontecer.

Uma boa notícia também é que enviámos 5 mil exemplares para Lisboa, como teste para ver se interessa aos leitores portugueses.

É uma sensação muito boa estar a fazer uma revista onde podemos dizer o que queremos e pensamos. E todas as pessoas que escrevem na revista dizem o que pensam. Temos 30 colaboradores e nunca dissémos para eles o que tinham ou não tinham de escrever. Não há a menor censura, não há qualquer pauta. Nós conhecemos as pessoas, sabemos que nenhum fascista, nenhum capitalista burguês escreveria na revista. São pessoas libertárias, alguns anarquistas como eu. As ideias

anarquistas saem da análise da realidade, da crítica da realidade. A finalidade da revista é de comunicação popular. Nós escrevemos com o coração, com a cabeça e com os testículos anarquistas.

A aceitação da revista é um índice muito grande do interesse pela abertura anarquista que nós temos.

UTOPIA – Bem, Roberto vamos terminar, agradecendo imenso a sua disponibilidade para dar uma entrevista à revista Utopia.

- (1) "A Gestalterapia, como é utilizada na Soma, possibilita o desbloqueio de personalidades neuróticas e favorece o desenvolvimento do potencial humano de cada um dos clientes. A confrontação no grupo, a focalização sobre o presente e a experiência corporal e emocional vividas coletivamente, provocam catarse, aumentam as descobertas interiores e desenvolvem em pouco tempo grande fraternidade" (Ver: Roberto Freire, *SOMA-Uma Terapia Anarquista*, (vol.1), Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, p. 62).



O Anarquismo Societário de PEDRO KROPOTKINE (1842-1921)

ELSA CERQUEIRA

Abordar um teórico (e prático) do anarquismo constitui sempre uma tarefa complexa e de difícil consecução. Depara-se, frequentemente, com dois obstáculos.

O primeiro reporta-se à heterogeneidade de espécies, por vezes antinómicas, dentro do género 'Anarquismo'. Fala-se, por exemplo, em anarquismo individualista (Stirner), comunista (Kropotkine) e colectivista (Bakunine).

Longe de se constituir numa doutrina, o movimento anarquista assenta a sua base dinâmogénica nessa pluralidade de pontos de vista. Mas os benefícios que advêm do diálogo entre as diversas mentalidades de tendência anarquista, transmutam-se em dificuldades quando se trata de explicitar os fundamentos de um movimento que, por natureza, admite a convivencialidade de enfoques diferenciados.

O segundo radica nos riscos e defeitos do senso comum que toma como verdades absolutas ideias simplistas e redutoras. É testemunha disso a associação feita entre a anarquia e o caos ou a extrapolação abusiva de que a crítica anarquista a toda a autoridade despótica encerra a assunção de um estado de desordem.

A ANARCHIA. A SUA PHILOSOPHIA - O SEU IDEAL¹

A anarquia é para Kropotkine "*uma parte integrante da philosophia nova*"². A que filosofia se refere Kropotkine?

À filosofia herdeira dos grandes pensadores iluministas que impulsionaram a mudança que o séc. XIX protagonizaria ao nível do desenvolvimento das ciências naturais e do apelo que fazia ao recurso a uma explicação em bases científicas.

O anarquismo aparece como parte desta nova tendência filosófica cientista, que recorrendo ao método indutivo³ legitima a explicação naturalista. É, portanto, "*uma das manifestações*

múltiplas d'esta evolução"⁴ que visa tornar inteligível todas as relações que regulam o universo natural e humano.

Por isso, *"a anarquia é uma concepção do universo, baseada na interpretação mecânica dos fenómenos, que engloba toda a natureza incluindo a vida das sociedades. O seu método é o das ciências naturais; e, através deste, todo o resultado científico deve ser verificado."*⁵

Este pensador faz decorrer a emergência da anarquia de um progresso que brota, e espelha, da evolução natural das ideias ao nível de todos os ramos do saber.

Entendida enquanto teoria, deve fundar-se em bases racionais, alheando-se das explicações teológicas e metafísicas, deve entrar no domínio da ciência. Enquanto práxis, empreende uma tarefa de crítica integral a todas as instituições que regem a vida do ser humano, deduzindo leis naturais para a organização de uma nova ordem. Com intentos revolucionários⁶ pretende edificar um novo cosmos, uma sociedade melhor.

OS (NOVOS) VALORES DA SOCIEDADE FUTURA

O reino social deve pautar-se por uma ordem que existencialize a igualdade, o auxílio, pois *"(...) no mundo animal e humano, a lei do apoio mutuo é a lei do progresso."*⁷

Com efeito, para Kropotkine a solidariedade é o motor do progresso e o fundamento do sentimento moral: *"Seria mais fácil ao homem habituar-se a andar a quatro pés, do que a privar-se do sentimento moral.(...) A Igualdade nas relações mutuas e a solidariedade que d'ella deriva eis a mais poderosa arma do mundo animal na lucta pela existêcia e a Igualdade é Equidade. Mas a Igualdade em tudo - synonymo de Equidade - é a Anarchia."*⁸

Para se implementar estes valores é preciso que *"o governo, o homem de leis, o religioso sejam banidos."*⁹ O Estado, o governo do homem pelo homem é uma humilhação, retrato da escravatura política e económica que o regime capitalista sustenta. É preciso abolir o Estado, bem como demolir toda a autoridade que cerceia a iniciativa do indivíduo, as leis e os mecanismos que as impõem. Acabar com a submissão implica, também, na óptica kropotkiniana "acabar" com a Igreja pois *"A Igreja teve por missão aprisionar o povo no domínio intelectual. A missão do Estado foi de o reter encarcerado, na escravatura económica."*¹⁰

Este apelo a uma sociedade justa, baseada em ideais de igualdade, nada mais é que o reconhecimento do respeito pelo indivíduo: *"reconhecemos a plena e inteira liberdade do indivíduo: queremos a plenitude da sua existêcia, o livre desenvolvimento de todas as suas faculdades (...). Renunciamos a mutilar o indivíduo em nome d'um ideal seja elle qual fôr."*¹¹

No ideal social anarquista encontra-se a afirmação da vontade de cada um sob o ponto de vista moral, político e económico. Com o desaparecimento do Estado, desaparecerá também o direito jurídico. Posto que a lei é a obediência à autoridade e implica a cristalização dos costumes e, portanto, o descrédito na evolução social, o anarquismo admitirá o direito natural no qual se basearão as novas relações sociais, sob a forma de um contrato voluntariamente consentido.

A expressão "comunismo-anarquista" engloba para Kropotkine duas tendências fundamentais

nas modernas sociedades: a tendência para a igualdade económica e a tendência para a igualdade política.

O comunismo-anarquista mantém, como conquista mais preciosa, a liberdade do indivíduo. É o fim da propriedade privada, no plano económico e da desigualdade perante a lei, no plano do direito. Por isso, para Kropotkine, comunismo e anarquismo são complementares. Só depois de se haver suprido as necessidades elementares à existência comum dos indivíduos, repartindo equitativamente os instrumentos e produtos de produção, é que podem desabrochar as potencialidades inscritas em cada pessoa.¹²

É esta tendência anti-autoritária, anti-centralista e anti-teísta, propugnando o livre entendimento entre os indivíduos, que o anarquismo kropotkiniano aclamará. Razão pela qual permitirá a eclosão de novas formas de vida social.

A REVOLUÇÃO QUE TARDA

A revolução será feita em proveito dos desfavorecidos, por isso terá forçosamente um cunho popular ou operário e fundar-se-á na 'acção directa'¹³: "*A revolta individual primeiro contra o Capital e o Estado, depois a revolta colectiva, a greve, a insurreição operária, preparando ambas nos espíritos como nos factos, a revolta em massa, a revolução.*"¹⁴ A propaganda pelo facto, que alia a teoria à acção violenta sob a forma de atentados, roubos e boicotagens, foi defendida por Kropotkine, por Jean Grave e Elisée Reclus.

O recurso à violência e à força, testemunha que a evolução nem sempre se faz de forma pacífica. A velha ordem, que se tenta abolir, não pretende alienar-se dos seus privilégios. Assim, o apelo de Kropotkine é claro: "*revolta-te contra a iniquidade, contra a mentira, contra a injustiça. Lucta! A lucta é a vida tanto mais intensa quanto aquella for mais viva.*"¹⁵

Na obra *L'entr'aide, un facteur de l'évolution*, 1910, referem-se outras formas de intervenção: os sindicatos;¹⁶ as associações; os clubes e as sociedades de cariz humanitário como as "Friendly societies anglaises"; ou de cariz científico e pedagógico como as "Unions Froebel", são exemplos desse espírito de ajuda mútua ou solidariedade que é imperioso desenvolver.

Na sociedade futura, a entreaajuda, a solidariedade, a evolução e o progresso, ante o bem estar da humanidade, será uma realidade. O garante do bem estar de todos será pré-requisito do garante do bem-estar de cada um.

Assim, uma educação plena e integral ajudará a libertar o indivíduo do encarceramento intelectual a que foi sujeito.

O anarquismo refuta toda e qualquer concepção fatalista do futuro: a crença na 'moira' ou no destino pré-fixado não tem sentido. Um ser humano activo, com reconhecidas capacidades para alterar o futuro e participar na edificação de um outro devir, é ponto assente do anarquismo.

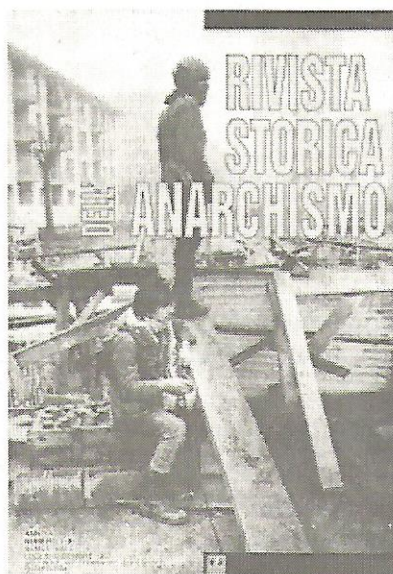
O indivíduo desalienado, em todas as esferas da sua vivência social: política; económica e cultural, será livre na humanidade livre.

A anarquia é ateia e clama pela liberdade absoluta, no domínio do pensamento e das acções, numa sociedade de iguais.

Esta conquista da liberdade é para mim, tal como para Kropotkine, ainda uma busca inquieta e peregrina.

NOTAS

- 1 Este é o título da obra de P. Kropotkine publicada em 1908, Lisboa, Typ. Francisco Luis Gonçalves.
- 2 Ob. cit., p. 19.
- 3 Quanto à importância de que se reveste o método indutivo, Kropotkine dirá: “Vê-se assim que os pensadores do séc. XVIII não mudavam de método, quando passavam do mundo das estrelas ao mundo das reacções químicas, ou ainda, do mundo físico e químico ao da vida das plantas e dos animais, ou ao desenvolvimento das formas económicas e políticas da sociedade, à evolução das religiões e assim por diante. O método permanecia sempre o mesmo. A todas as ramificações das ciências aplicavam sempre o método indutivo.” Ob. cit., p.11.
- 4 Ob. cit., p. 8.
- 5 *La Science Moderne et L'Anarchie*, Paris, P.V. Stock & Cie, 1913, p. 46.
- 6 Sobre a destrição entre as doutrinas revolucionárias e reformistas, consultar *O Anarchismo* de Paul Eltzbacher. Lisboa, Biblioteca de Educação Nacional, 1910.
- 7 *A Moral Anarchista*, Coimbra, Typ. Lima & irmão, 1901, p.36.
- 8 Ob. cit., pp.39-40.
- 9 Ob. cit., p.5.
- 10 *La Science Moderne et L'Anarchie*, Paris, P.V. Stock & Cie, 1913, p.123.
- 11 *A Moral Anarchista*, Coimbra, Typ. Lima & irmão, 1901, pp .52-53.
- 12 Jean Grave sustentará que “uma repartição equitativa dos productos seria o bastante para que todos comessem à boca cheia. Mais ordem na partilha da terra, e o justo emprego dos instrumentos do trabalho, trariam a abundancia e o conforto social.” in *A Anarchia. Fim e Meios*, Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho. s.d., p.15.
- 13 Vide conceito de ‘acção directa’ na obra de Edgar Rodrigues, *A, B, C do Anarquismo*. Lisboa, Assfrio & Alvim, 1975, p.23.
- 14 *A Anarchia. A sua Philosophia - o seu Ideal*, Lisboa, Typ. Francisco Luis Gonçalves, 1908, p.62.
- 15 Op. cit., p. 68.
- 16 Segundo João Freire, assistia-se em Portugal , entre 1900-1910 a um período de ascensão do sindicalismo libertário ou anarquista e “através dele se tenta concretizar a ideia de igualdade entre os indivíduos (...); procurando salvaguardar os direitos - isto é, a liberdade - dos indivíduos e das minorias, para que não sejam subjugados pela vontade das maiorias; e finalmente, com a noção de que uma organização social complexa se constrói ‘de baixo para cima’, do simples para o composto.” in *Anarquistas e Operários. Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940*. Porto, Afrontamento, 1992, p.197.

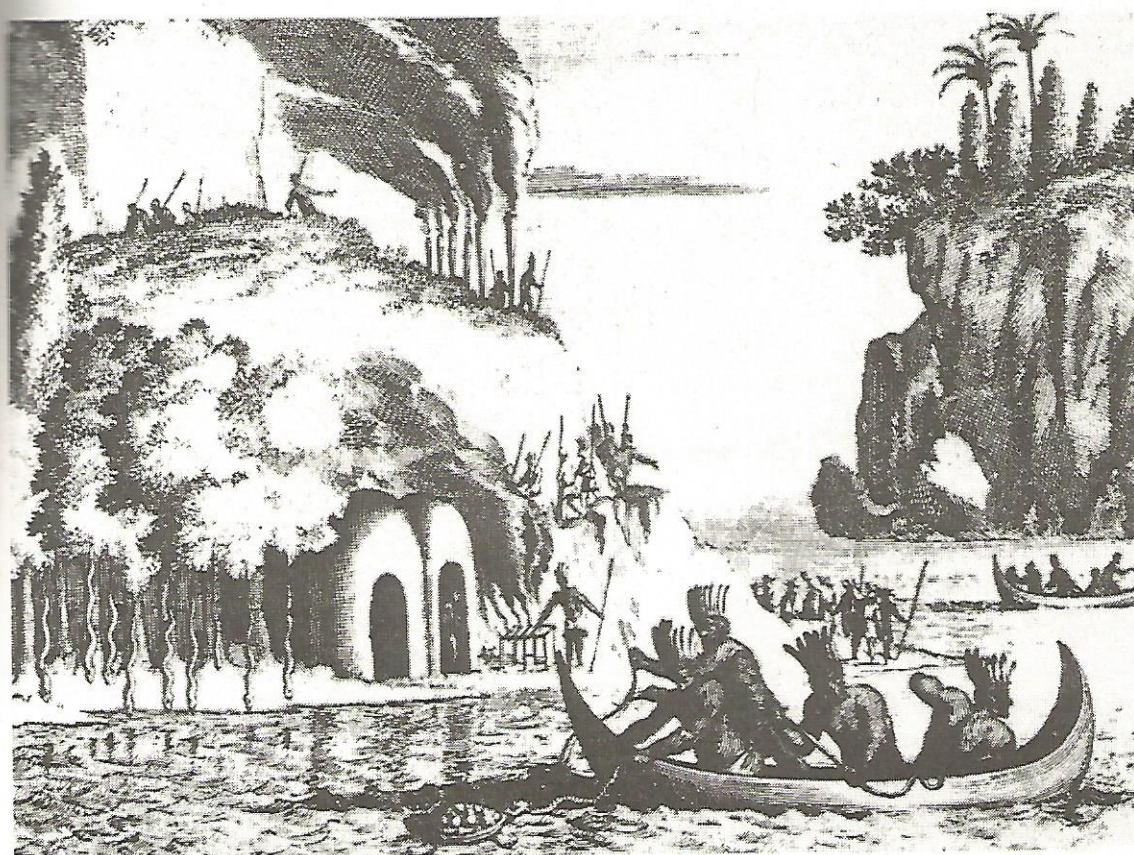


Contacto: Biblioteca Franco Serantini,
Cas. Post. 247, 56100 Pisa, Itália.

REVIRAVOLTA E RESTABELECIMENTO DA CULTURA CONVIVIAL

ALAIN-CLAUDE GALTÉ

“Queremos construir uma sociedade democrática onde o homem tenha a liberdade de se desenvolver num progresso harmonioso, etc, etc...”



LUZES OBSCURECIDAS

Não importa quem, pode sempre colocar ao serviço do projecto mais antipático as palavras que ainda fazem vibrar: democracia, liberdade, progresso.... Publicidades em campanhas eleitorais, deslizes insensíveis de revirar o sentido, a linguagem e as ideias “progressistas” tornaram-se ferramentas da manipulação das consciências.

“Quem tem o direito de ser livre, quem se sente no direito de reclamar à sociedade as condições de existência que lhe permitirão consagrar-se, se o quiser, a favor de uma libertação interior, este tem igualmente o dever de exercer esta liberdade, porque se o espírito não se mobiliza contra a inércia da linguagem no seio da própria palavra, arrisca-se a ver estereótipos verbais penetrar nas suas iniciativas mais íntimas, usurpar as suas motivações, decidir por si, em suma, fazer de si uma coisa, o que poria fim à nossa aventura nesta terra” (Yves Bonnefoy, *Entretiens sur la poésie*). Porque a vontade pode colocar-se ao serviço de uma má causa, se o pensamento é trémulo ou impotente para bem formular o sentimento. E, quando este sentimento é camuflado e desfigurado não apenas pela linguagem mas também pelo condicionamento à dominação de toda uma cultura, então o projecto afasta-se do bom senso e a ilusão do consciente pode perder-se no irracional.

“(...) há uma grande diferença entre os sentimentos e os pensamentos que despertam em mim a partir do que me rodeia e os sentimentos e os pensamentos que me são fornecidos prontos a usar, já completos. Deus, imortalidade, liberdade, humanidade são deste último tipo: inculcam-se-nos desde a infância e enterram em nós mais ou menos profundamente as suas raízes; (...)” (Max

Stirner, *O Único e a sua Propriedade*). Entre o que suporta a motivação de qualquer levantamento contra a ordem inícuca, o sentido da “comunidade dos interesses sociais” (Rudolf Rocker, *Da Doutrina à Acção*), e os projectos, as próprias formas que se crê “dar-se” o movimento, intercala-se uma névoa em que se reconhece sobretudo uma mensagem: o instinto e o bom senso geram quimeras e é necessário salvar-nos da nossa natureza, pressupostamente má, e da natureza mesma, onde fervilham todos os demónios. Este nevoeiro é tanto mais eficaz quanto se tece de doutrinas que passaram, num outro contexto, por ideias emancipadoras. Quatro de entre elas retêm a atenção:

— O *antropocentrismo*, que tendo substituído o Homem por um Deus à imagem do Homem⁽¹⁾, afirma mais alto que nunca o domínio sobre a natureza e, por consequência, sobre os próprios homens, em nome de interesses pretendidos da divindade, como o progresso, o crescimento, o desenvolvimento, o mercado mundial, etc...

— O *individualismo*, que incita a focalizarmo-nos sobre um só nível de organização, e portanto em detrimento do conhecimento dos vários níveis que o constituem (células, bactérias...) como níveis que o englobam, na economia dos quais “o indivíduo” deveria participar plenamente (comunidade, ecossistema, biosfera...). O individualismo desvia da empatia natural para com os outros seres vivos e para com o conjunto da natureza, e dissocia os laços da solidariedade comunitária estimulando o egocentrismo e o desenvolvimento de interesses múltiplos e contraditórios.

— O *neo-darwinismo* decorre da ideia individualista. Se bem que o seu nome venha de Charles Darwin os pais mais conhecidos desta teoria são Alfred Russel Wallace e Thomas Huxley, que refrescaram uma velha

... de todas as dominações afastando a hipótese da selecção natural. O neo-darwinismo defende, então, que tudo é competição e confronto: “a luta de cada um contra todos” (Thomas Hobbes), porque os interesses dos indivíduos seriam divergentes. É esta feira de empunhar geral que permitiria aos melhores (enfim, aos melhores na agressão e na aldrabice) de emergir para conduzir os outros na via do progresso. O neo-darwinismo e, na sua esteira, o “darwinismo social”, pretende que a evolução é obra de indivíduos excepcionais e isolados. O neo-darwinismo não teria agradado a Charles Darwin, que tinha entendido bem que a cooperação é um meio de sustentação da vida e da evolução bem mais eficaz e alargado que a luta sem quartel (*The descent of man*).

O individualismo, o neo-darwinismo e mesmo o antropocentrismo têm por suporte o materialismo, que afirma que apenas existe o que é mensurável e quantificável. É, dizem-nos os dicionários, a doutrina que sustem que não há outra substância senão a matéria. Os mesmos dicionários descrevem a matéria como a substância que constitui os corpos, é objecto de intuição no espaço e possui uma massa mecânica. De facto, “a matéria” é um conceito historicamente datado. Há muito tempo, a inércia, a duração e a massa foram atributos da matéria. É no séc. XVII, com Galileu, Newton e Descartes que se cristaliza o complemento ideológico do materialismo: o mecanicismo, que reduz qualquer coisa a um conjunto de interacções mecânicas entre corpos sólidos e afirma que os seres vivos não são senão espécies de máquinas. Contando sempre com ardentes aderentes, o materialismo mecanicista visa a objectividade científica, isto é, a detenção da verdade e, logo, os seus pressupostos excluem as dimensões do universo e do que é vivo, e os seus dinamismos, que a biologia, a ecologia, a

cibernética e outras abordagens já revelaram.

Com as descobertas dos dois últimos séculos, os atributos da matéria não resistiram muito tempo. Houve cada vez menos matéria na “matéria” e cada vez mais incerteza nas cabeças. O tempo foi reconhecido, o desequilíbrio termodinâmico e a entropia também o foram. Começou-se a fraccionar a matéria até se descobrirem as partículas de massa nula em repouso (fotões, neutrinos, gravitões, ...). As dimensões consideradas multiplicaram-se: quatro com a teoria gravitacional de Einstein, dez com a teoria dos supercondutores, além de outras teorias.

Hoje, retomando a concepção platónica de uma matriz comunitária despida de qualquer forma, os físicos viajam em espaços estranhos povoados por partículas virtuais e efémeras, e por ondas imateriais. A “matéria” não é mais do que um fenómeno à superfície de um “oceano agitado”⁽²⁾, sobre a natureza do qual toda a gente se interroga. Han Ryner, na *Enciclopédia Anarquista*, sublinhava já que “apenas conhecemos fenómenos. A substância é-nos inacessível e alguns filósofos ditos fenomenologistas negam a sua existência ou negligenciam-na, como os materialistas negam a existência do espírito, como os idealistas (no sentido metafísico) negam a existência da matéria. Se, com o sorriso do séc. XVIII ou com o rigor positivista, opusermos metafísica e conhecimento, repetiremos de bom grado com Voltaire: “os sábios aos quais perguntamos o que é a alma respondem que sobre isso nada sabem; se lhes perguntarmos o que é a matéria, darão a mesma resposta”. E, do espiritualismo ao materialismo, Han Ryner ordena na metafísica todas as dissertações sobre a substância⁽³⁾.

Carregados de sentido como estão, “matéria” e “materialismo” já não são, nunca mais serão, termos inocentes. Não esqueçamos que eles se referem apenas a uma velha

especulação sobre os níveis de organização do microcosmos. O conceito de matéria e a doutrina materialista mecanicista cristalizaram quando as definições se tornaram muito limitadas para poderem incluir descobertas posteriores, como a segunda lei da termodinâmica, a relatividade geral, a teoria quântica e tudo o que diz respeito ao conhecimento do que é vivo.

Há muito tempo que a ideologia materialista mecanicista serve para degradar a percepção complexa e sensível da natureza, do que é vivo, do universo. Concentra a atenção sobre o imediato e o palpável, ocultando tudo o que é interação e reorganização. Assim, o mundo e a vida foram reduzidos a nada mais do que a serem entendidos como um vulgar stock de objectos inanimados, sem ligações entre si, e cuja exploração intensiva deveria permitir um progresso ilimitado. A Terra e o que ela contém existem “para o desenvolvimento e a aplicação da ciência química e mecânica, bases do progresso do homem” (Thomas Ewbank, *The world, a workshop*). Este mito, que permitiu uma indiferença cada vez mais acentuada em relação à economia das sociedades humanas e aos seus ecossistemas, serviria para a edificação do economicismo e do império da mercadoria. “É assim que a ideia geralmente aceite que se faz da matéria conduz a Sociedade ao domínio da força e do arbitrário e não à da razão e da justiça que são necessárias à vida social e à manifestação da liberdade” (Elie Soubeyran, *Enciclopédia Anarquista*, p. 1477).

O redutível materialismo mecanicista, com as suas pretensões totalitárias, ameaça-nos de facto com o domínio o mais totalitário: o dos especuladores e dos tecnocratas.

Mostrando apenas a dissociação e oposição de interesses incompatíveis, antropocentrismo, individualismo, neo-darwinismo, materialismo mecanicista faz-se mais que “desencantar o

mundo”, eles “desconvivializaram-no”. Assim, a ordem do domínio e da exploração pode parecer credível, mesmo com o preço da destruição da natureza e das sociedades humanas. Estas doutrinas que deformam a percepção do mundo constituem o esqueleto do que os históricos das ciências Donald Worster baptizou de: “cultura imperialista”.⁽⁴⁾

“Hoje, no momento em que a Utopia de Bacon, o domínio da natureza na prática”, está realizado a uma escala telúrica, a essência do constrangimento que atribuía à natureza não dominada surge claramente. Era o próprio domínio. E o saber, no qual Bacon via a “superioridade do homem”, pode daqui em diante empreender destruí-la. Mas face a uma tal possibilidade, a Razão, ao serviço do presente, torna-se uma mentira total para as massas porque “qualquer tentativa que tenha por objectivo quebrar o limite exercido pela natureza quebrando esta natureza apenas atinge uma submissão maior ao jugo daquela”.⁽⁵⁾

O pensamento que se queria emancipado, o pensamento crítico das Luzes, deu lugar a uma Razão fria, redutora, sectária, inseparável companhia da dominação e do crescimento que, após o sec. XVIII, serve admiravelmente os interesses da burguesia mercantil e da tecnocracia. Esta reviravolta do pensamento, este pensamento inverso, do qual muito poucos tomaram consciência, é causa do rasgar entre a natureza convivial das motivações e o totalitarismo dos projectos.

Jamais o pensamento crítico deve parar para adormecer sobre os louros cujo domínio logo se preparará. O que não se divorciou da sensibilidade nem da empatia para o mundo deve poder voar de consciência em consciência para libertar as falsas prioridades. Mas, para isso, é ainda necessário poder apoiar-se noutras referências, conhecer pensamentos diferentes, ou pelo menos saber da sua

existência.

Ora, como não nos querem mostrar senão uma imagem hostil, brutal e implacável da natureza, apenas nos ensinam verdadeiramente a face tenebrosa da história dos homens.

A CONFUSÃO CULTURAL, OU O INIMIGO INTERIOR

Ao contrário da cultura imperialista, a maioria das culturas tradicionais e a ecologia põem em evidência as interrelações e as diferentes formas de associação (comensalismo, entreatajuda, cooperação, mutualismo, simbiose,...) que são as dinâmicas essenciais da construção do universo, e, claro, do que é vivo. Infelizmente, este conhecimento está largamente recalcado, mesmo nos actores do movimento social, excepto muito raros ecologistas libertários.

A falta de conhecimento das origens e dos desenvolvimentos da família cultural estruturada por valores diferentes dos do sistema dominante é causa de inúmeras dívidas, confusões e faltas de confiança que nos tetanizam individualmente e em conjunto. Alguns não renunciam, mas como lutar eficazmente contra dominações de tão longa experiência apenas por intuição, quando a propaganda é descarregada por todo o lado com argumentos “científicos” e que, da esquerda à direita, muitas pessoas sérias dizem que a “mundialização” do domínio mercantil e financeiro é a única via? O futuro parece sem esperança para os que têm apenas a íntima convicção e a indignação a opôr à arrogância das dominações. Declarar o condicionamento e a propaganda, e tentar atrair uma alteração necessita de um enorme trabalho de crítica e de propostas. Então, claro, os obstinados gastam o seu tempo e as suas forças a desbravar caminhos que muitos outros já

percorreram e descreveram. Em suma, é todo o movimento social que está limitada pela falta de memória.

A força de persuasão da omnipresente cultura imperialista é tal que mesmo os espíritos mais críticos podem ser por ela influenciados.

Em *La Nouvelle Grille* (1974, capítulo “Informação-estrutura e informação circulante”), Henri Laborit diz: “Toda a infelicidade do homem advem de ele ainda não ter encontrado o meio de incluir esta estrutura fechada (“o indivíduo”) no maior conjunto cuja finalidade seria também a sua e a de todos os outros”. É sobretudo a infelicidade de todos cuja sensibilidade que permite a abertura ao mundo foi reprimida por condicionamentos subliminares. Mesmo Laborit que muito fez para despertar sobre uma compreensão mais complexa da vida e do universo não conseguiu, na época, fazer saltar o principal ferrolho construído pela cultura de dominação.

E no entanto Laborit foi um dos raros contemporâneos a pôr em relevo a organização de qualquer coisa por níveis de organização ou de complexidade, cada um tendo a capacidade de funcionar de forma autónoma: partículas elementares, átomos, moléculas, bactérias, células, organismos complexos, comunidades, ecossistemas, etc... Feito isto, ele sublinhou que os níveis de organização não se resumem a uma simples soma de elementos que os formam; as suas propriedades ou qualidades são de uma outra natureza que as dos seus constituintes, é a virtude holística da cooperação.

Destas constatações familiares da cultura ecologista decorre a consciência da relatividade da posição dos constituintes e dos meios, e das relações que se tem com eles: cada nível de organização “tem duas faces orientadas para direcções opostas: a face virada para os escalões internos e a de um

todo autónomo, a que olha para o exterior pertencendo a uma parte dependente” (Arthur Koestler, “A busca do absoluto”). Koestler dizia “holons” para “níveis de organização”; comumente, também se denominam “sistemas” após os trabalhos de Bertalanffy, Ashby e Weiss⁶.

Todos os sistemas vivos, a todos os níveis de organização, são pois abertos no plano informacional. Isto significa que eles bebem na informação que provem dos níveis de

constatava entre a célula, o órgão e o organismo: “(...) é mantendo a estrutura global do organismo que a manutenção da estrutura de cada nível de organização pode ser realizada” (“Deus não joga aos dados”, 1987). Mas, quando ele exprime isto, Laborit não estende esta lógica aos conjuntos orgânicos maiores e mais complexos que o nível do “indivíduo”. Permanece prisioneiro da preeminência acordada a este pela cultura da dominação.



organização que os englobam. Esta informação, ou informação-circulante (Laborit) não influencia forçosamente sobre a estrutura, mas está descriptada para definir o comportamento em relação ao meio. Isto faz-se sempre no sentido da melhor coordenação possível afim de que a estrutura da parte e a estrutura do conjunto se mantenham em harmonia. É esta a dinâmica que Laborit

Os ecologistas observam a mesma dinâmica em toda a hierarquia do que é vivo.

Edward Goldsmith batizou-a de “homeotelia” (do grego *homoi*, o mesmo, e *telos*, o objectivo, a finalidade); “é significativo (diz-nos ele) que não exista nenhuma palavra que exprima de forma explícita o carácter essencial da cooperação com o todo com o objectivo de preservar a sua ordem

específica”, porque depende do interesse de cada parte⁽⁷⁾. A homeotelia exprime pois a ordenação e interrelação a todos os níveis da organização para construir e manter um todo que é necessário e agradável a cada um.

Contrariamente à primeira constatação desiludida de Laborit, a cultura ecologista (incluindo as filosofias tradicionais) e, particularmente, o conhecimento holístico e homeotélico mostram que o interesse de cada um é indissociável do interesse geral. Isto significa que a existência e o bem-estar da parte depende da homeostasia do todo, etc...

O que Laborit tendia a perceber negativamente para além do nível do “indivíduo”, o ecologista lê-o positivamente na economia dos seres vivos. E ele junta-se a Robert Leclaire, o tradutor de “O único e a sua propriedade” de Max Stirner em 1899 (Ed. Stock) que, no prefácio evoca Nietzsche: “O único é pois para Stirner o eu gedankelos que não oferece qualquer limitação ao pensamento e desabrocha além e aquém do pensamento lógico; é o vazio lógico de onde saem os meus pensamentos e vontades como uma fonte fecunda. Traduzimos, e prosseguindo a ideia de Stirner um pouco mais longe do que ele o fez, acrescentamos: é este eu profundo e não racional sobre o qual um pensador magnífico e inconsistente disse: “Oh meu irmão, por detrás dos teus sentimentos e pensamentos esconde-se um mestre poderoso, um sábio desconhecido; e ele designa-se tu próprio. Ele habita o teu corpo, ele é o teu corpo (...)”. Este único que Stirner abordou sem reconhecer o solo novo que pisava, crendo tocar o último termo da crítica e o obstáculo em que deve soçobrar qualquer pensamento, aprendemos hoje a conhecê-lo: No eu não racional fazem-se antigas experiências acumuladas, engrossado de instintos hereditários e de paixões (...), neste “Único” do lógico, a ciência demonstra o fundo comum

a todos sobre o qual deve levantar-se (...) uma solidariedade nova (...)”. Desde que os biólogos do início do século⁽⁸⁾ descobriram que os antepassados dos organites constitutivos da célula foram bactérias autónomas, isto é, desde que – como se se confirmassem múltiplos pensamentos tradicionais – se pode verificar que a vida surgiu da cooperação, associação e simbiose para evoluir, posso com efeito dizer: este egoísmo que Stirner desembarçou de todos os condicionamentos que o desnaturalizam, é a expressão do meu corpo, a expressão da memória-conhecimento-lógica estrutural das vias intimamente associadas para o constituir e produzir este Mais holístico que sou eu. O que incha o meu egoísmo é a quinta essência da experiência da evolução desde os primeiros frêmitos de vida (e, talvez, mesmo antes) e é uma mensagem muito diferente da sua caricatura: “o egoísmo” versão judaico-cristã e neo-darwinista, dado que é tecido pelo seu conhecimento infável da homeotelia. O meu egoísmo – e, claro, a minha compreensão da liberdade, esta ideia tão manipulada – liga-me evidentemente aos outros; comporta a consciência de ser parte integrante de um vasto conjunto comunitário: o ser vivo.

Henri Laborit, que tanto pesquisou, não podia não o descobrir: “A palavra “Amor”, tão suspeita (...), não significa simplesmente viver, viver com todos os outros?” (conclusão de “Deus não joga aos dados”).

Trata-se, de facto, viver próximo dos outros para que em conjunto demos vida a estas entidades holísticas, estes “níveis de organização” (comunidades, ecossistemas, biosfera) que, por sua vez, criam as condições necessárias à nossa vida. É este laço vital de reciprocidade, este laço homeotélico, que é a fonte da “simpatia natural” (Charles Darwin), da empatia, do amor, de todas as formas de “entreajudar” (*L’Entraide. Un facteur de*

l'evolution, Pierre Kropotkine, 1897) e de convivialidade.

De próximo a próximos, de simpatia em apoio mútuo, de entreajuda em acordos, de solidariedade em simbiose... o ser vivo aparece ao ecologista europeu, ameríndio ou papou como uma comunidade de comunidades, e a evolução sobretudo um processo colectivo, ou, mais exactamente, comunitário e holístico.

Em relação à cultura imperialista, é uma reviravolta filosófica ou antes, um restabelecimento. Com as diferentes teses da ecologia, a análise dos sistemas de dominação/exploração e dos seus defeitos, e a redescobertas dos saberes vernáculos, começamos a reatar com uma compreensão convivial do mundo e da vida.

O SENTIDO DA LIBERDADE

A convivialidade é uma ideia que nós agrada? Estais bem perto do ser em simpatia com os modos de organização comunitários. Então, não faltará quem vos acene debaixo do nariz o exemplo impossível de gastar das colónias de insectos onde o indivíduo é olhado como um zombi esmagado pela comunidade. E de vos lembrar os princípios de base: a terra, o húmus, a natureza e, claro, a comunidade são refúgios anti-progresso, lugares onde a lei da selva triunfa sobre a cultura, os objectos de uma nostalgia totalitária, etc.

Toda a história da vida, que surgiu pela associação de associações, leva a pensar que está, sobretudo, num divórcio com o sentido comunitário que o indivíduo arrisca a aniquilar a semente; tanto que ele é apenas indivíduo porque se quer esquecer que ele é a criação de um longo processo simbiótico. A luta de "cada um contra todos" cara aos materialistas neo-darwinistas é também absurda como o era a luta de cada organite contra a célula, de cada

célula contra o organismo, de cada ser contra o seu ecossistema, de cada ecossistema contra a biosfera.

A liberdade enfraquece na solidão. Ela não aprecia muito os constrangimentos da competição conflitual perfumada há mais de dois séculos. A liberdade é relativa ao bem-estar de cada um e de todos: quanto melhor estiver o meu meio, mais eu me sinto e mais estou disponível e capaz de lhe dar, e reciprocamente. A liberdade tem pois um sentido que está de acordo com o sentido da convivialidade. É o sentido da homeotelia. Ele encontra-se no respeito pela vida e na cooperação de cada um com todos para criar e manter as comunidades sociais, os ecossistemas e a biosfera. Desde que não sejam parasitas por mecanismos redutores (tais como as hierarquias de poder), são estes conjuntos que nós queremos construir – e que nos englobam – que nos oferecem a possibilidade de agir e de nos satisfazer. E quanto mais formos livres de criar em associação com os outros, mais as interrelações são numerosas e estritamente tecidas, mais estes conjuntos são diversificados e complexos, maior é o estímulo, maiores são as possibilidades de acção e satisfação sem conflito. É todo o segredo do princípio de divergência enunciado por Charles Darwin, que descreve a tendência para a invenção de novos modos de vida, para a criação de novas formas, de novas relações que permitem, evitar a competição no mesmo espaço ecológico. Porque, em oposição à divisão em partes que esgota estes "objectos" cujo condicionamento materialista dissimula que são feitos de trocas por outras trocas, a troca livre de informação, de ideias, de serviços mútuos, de simpatia, o desenvolvimento das interrelações, enriquecem o mundo e a nossa vida. A apropriação diminui e esteriliza o que a troca convivial aumenta e fecunda.

Desde a noite dos tempos, a vida no seio das comunidades e dos ecossistemas (antes de serem devastados) raramente foi sinónimo de opressão e penúria. Para além da opulência material e uma segurança total – do que o produtivismo capitalista nos separa tanto como os piores cataclismos – é sobretudo a possibilidade de abrir as suas capacidades e uma abundância de emoções e de satisfações que ela evocou para a maioria das pessoas. É um terreno estéril para a dominação, a especulação e todas as estratégias de espoliação. Para fazer nascer os medos propícios à manipulação, era pois necessário dissociar complementaridades, opô-las e tornar malélicas as fontes de abundância e da convivialidade. Todo um aparelho ideológico com vista a fazer-nos crer na inevitabilidade da penúria e da hostilidade para nos condicionar ao revirar sobre si, desampara-nos e precipita-nos nas armadilhas mais grosseiras.

Alguns, acreditando fazer obra emancipadora deram tanta atenção ao indivíduo que quiseram libertá-lo da tutela da “natureza” e da sociedade, parecendo não mais ver nestes conjuntos, no entanto feitos de indivíduos, senão forças hostis e totalitárias. A agressividade face à comunidade e a agressividade face à natureza são autorizadas por uma dicotomia esquizofrénica do que é indissociável: o espírito e o corpo, o indivíduo e a comunidade, a cultura e a natureza. Se não se é capaz de abraçar a realidade com um mesmo olhar, de relativizar uma coisa em relação ao seu contexto, então, todas as deformações, todas as inversões são possíveis. Desde que a prioridade sobre tudo esteja acordada ao indivíduo, a definição do interesse deste já não se faz através da relação com a economia dos conjuntos nos quais deveria participar e da qual não pode libertar-se - o grupo social, o ecossistema, a humanidade, a biosfera... Focalizarmo-nos sobre o que se crê ser essencial é muitas vezes

contraproducente. É parecido com a liberdade. A inversão da hierarquia dos níveis de organização autoriza a invenção de interesses desregulados que se opõem à recriação dos conjuntos envolventes, quando eles não têm por ambição a sua destruição. Ao contrário do sentido da economia do ser vivo, a maioria dos homens oscila para a redução voluntária das interrelações e das formas, e para o empobrecimento da complexidade sem a qual os indivíduos não seriam quem são. É assim que a ideia individualista liberal, permitindo a confusão entre liberdade e permissividade, abre a via a tudo o que reduz as possibilidades de satisfação (das liberdades) ao pretender favorecer o seu desenvolvimento.

A subida para o poder não é a via da emancipação. O poder sobre os seres e as coisas trava domínios mais implacáveis que aqueles que queríamos libertar.

O que pôde ser um acidente de percurso filosófico tornou-se uma manipulação maquiavélica. Entre ingenuidade condicionada e duplicidade política, o individualismo deforma a percepção das realidades ao ponto de acreditar em patranhas. Por exemplo: que uma evolução social inchada ao longo dos anos, que um indivíduo se encontre no topo da onda – tenha ou não calculado a sua trajectória, que seja um bom surfista ou chafurdeiro calamitoso – e eis que é promovido a iniciador do movimento! E todos os outros esforços, as imensas evoluções, as iniciativas e suas interacções que fizeram o movimento de ser pelo elan de fervor para com o novo “líder carismático”.

A negação da estrutura holística do ser vivo, a ocultação da inteligência comunitária e a crença nas virtudes do elitismo matam a confiança que se abria no movimento social. Então pode impor-se a maçadora ideologia da raposa no galinheiro: o “liberalismo”. Jogando com uma concepção de liberdade reduzida do

indivíduo dissociado dos outros e do meio, substituindo o “pensar com” (com o outro, com a natureza) pelo “pensar contra”, o liberalismo conduz à competição sem dó nem piedade (“competição reforçada” dizem eles agora), Assim modificando a compreensão do interesse particular e da relação com os outros, a cultura imposta pelas dominações insinua-se nas motivações mais íntimas e deforma-as para fazer de cada um artesão da reprodução das hierarquias de poder. E de cada um tornar-se um instrumento da desregulação liberal, cada um de oferecer o seu esforço ao mecanismo que tritura as outras vias e a sua.

A escroqueria é tanto melhor vestida quanto mais as comunidades e os ecossistemas são desestruturados pelas dominações e o liberalismo e mais a penúria e os conflitos resultantes são mostrados como fenómenos naturais para os quais apenas a dominação capitalista e as soluções macroeconómicas podem salvar-nos.

Tudo isto nos reporta para outras questões; à mesma questão no fundo. Pôr exemplo, o trabalho e a abundância para todos. Dado que não se ordena sob estes nomes apenas o salariato e o consumo de mercadorias supérfluas cuja produção custa cara à vida que irão prontamente juntar à poluição, dado que se pensa mais em termos de diversificação (de “divergência”), de proximidade e de bem-estar dos indivíduos e das comunidades associadas⁽⁹⁾, então, é com a dominação e a especulação, o desemprego e a penúria que já não se consegue imaginar.

O SENTIDO DA ECONOMIA

A vida consome matéria e energia para se manter, evoluir e produzir satisfação. Toda a economia está aqui, nada menos.

Mas há muito tempo que os homens se

afastaram desta compreensão. Com estes, a proporção do processo económico que merece atenção não tem cessado de se reduzir. Hoje, muito poucas actividades recebem a unção dos economistas. De facto, a maioria das acções humanas escapam às investigações e às planificações de uma ortodoxia economista que, no entanto, pretende tudo reger. É o caso do trabalho doméstico e de todos os “trabalhos fantasmas” salientados por Ivan Illich⁽¹⁰⁾. Além disso, utilizando a palavra “trabalho”, arriscamo-nos ficar ainda sob a influência do modo de pensamento materialista e mecanicista. Para ampliar a consciência a tudo o que é necessário à manutenção da vida, creio ser preferível falar de acções fantasmas. De entre estas, há o sono para a recuperação da capacidade de trabalho, o exercício para manter a forma, o jogo, a jardinagem (no entanto muito produtiva), todas as relações conviviais, o amor, a crítica social e ecológica, a difusão das informações vitais, o voluntarismo e todas as trocas sem mais-valia, a criação artística, etc. Todas as acções indispensáveis à boa vida, ou a que ela não seja muito ameaçada, e, logo, eminentemente económicas.

Há mais grave. A proporção do processo económico que ocupa os “economistas”, os industriais, os financeiros, os governantes, os sindicatos e as instituições internacionais não é nunca pensada em perspectiva com o sistema que engloba e do qual dependem as actividades que monopolizam a sua atenção: a economia da natureza. A “Economia” é ali utilizada em todas as suas acepções, e sobretudo no seu sentido primeiro: organização.

Esta pequena omissão foi parida pelas ideologias que colocam o Homem – o homem ocidental, depois o homem industrial, e por fim o homem dominante – fora da natureza. Abstrair-se das leis da natureza (das suas

regras económicas), deixar de se solidarizar com a própria vida das sociedades humanas conduziu os adeptos desta visão a conceber a economia de algumas actividades como um sistema fechado funcionando em círculo e externalizando tudo o que não lhe agrada. Este economicismo pelo pequeno objectivo do binóculo não se situa, pois, nos fluxos da vida, da matéria e da energia: energias e matérias em stocks limitados, energia solar e qualidade da atmosfera, albedo e equilíbrio térmico do

transformada em trabalho, e a energia não utilizável ou ligada, que não pode ou já não pode mais sê-lo. Ela descreve a degradação da energia (e, como descreve Georgescu-Roegen, da matéria) de baixa entropia em alta entropia, de forte potencial em potencial fraco perdido para a humanidade, por toda a vida por vezes. No caso das actividades industriais, a alta entropia produzida reveste geralmente formas nocivas: detritos incómodos ou poluentes, dissipação de calor ou partes da



planeta, vidas revoltadas e aniquiladas a montante e a jusante dos processos de produção e de consumo, diversidade, complexidade e densidade biológica, e funcionamento (economia) da biosfera, etc.

Exceptuando Bertrand de Jouvenel, Nicholas Georgescu-Roegen, René Passet e Herman Daly, muito raros são ainda os economistas que têm a consciência da segunda lei da termodinâmica que distingue entre a energia utilizável ou livre, que pode ser

biosfera desertificadas e que, por sua vez, modificam os climas, etc.

“A ciência económica” oficial tudo fez à medida dos interesses de mercadores e banqueiros, e nada pelo interesse geral. Não tem pois em conta o consumo de capital não renovável, nenhuma consideração pelo estado de saúde dos sistemas biológicos integrados, da bactéria à biosfera. Não tem qualquer consciência da importância das destruições cometidas, e considera as suas “intrans”

tomadas às populações e aos ecossistemas como gratuitas, e os efluentes ou as exclusões como de pouca importância. O autismo desta “ciência” é responsável pela desregulação das actividades de produção, de distribuição e de consumo, porque autoriza que os comportamentos mais irresponsáveis, os menos cívicos, pareçam ser positivos, pareçam ser produtivos, que sejam mesmo incentivados, como sublinhava Bertrand de Jouvenel⁽¹¹⁾. Não é a cegueira – a incompetência – dos economistas oficiais que fez cair em desuso a procura da durabilidade, do menor impacte ecológico possível, e que estimula a cultura da obsolescência e do gasto? Produzir inútil, senão incómodo, tornou-se positivo, ao ponto de o armamento ser um dos pilares da “economia” e que uma poluição, desde a produção até às consequências sanitárias e ecológicas, passando pelas acções de despoluição, possa ser compatibilizada várias vezes de forma positiva. O corte com o mundo e a vida é de tal forma profundo que a desregulação é reivindicada como uma qualidade e chega a parecer por vezes por objectivo.

Assim, a “globalização”, ou “mundialização”, visa suprimir todas as formas de regulação que protegem ainda as sociedades e os seus ecossistemas, reduzindo as diferenças de potencial insuportáveis. No programa da Europa do Euro, os “ajustamentos estruturais” do FMI, da Alena, do Banco Mundial, da OMC: o branqueamento directo, sem nenhum fusível, de cada um e de cada ecossistema sobre o sector alta-tensão da competição especulativa. E querer colocar na mesma arena, arbitrada por uma bolsa mundializada em tempo real, a cidade chinesa, a família indiana, a tribo Papou, as multinacionais e o dinheiro da droga ou de fundos de pensões.

De facto, o projecto do liberalismo de mercado consiste em penetrar a informação-

estrutura – a que determina a forma específica (Laborit) – das sociedades e de cada comunidade para as enfraquecer e vampirizá-las de todo e qualquer prazer. Não corresponde isto à definição do “baixo impacto conflitual” teorizado pelo neo-colonialismo?

A todos os níveis, o aumento da entropia e a destruição das redes de vida são encorajadas. A destruição do capital ecológico e humano (designado como “recursos”) não é sinónimo de crescimento económico? Por exemplo, o roubo das comunas pela nobreza, a Igreja, depois a burguesia e o Estado para dar lugar à grande propriedade e à especulação sobre o trabalho – o salariado e o desemprego – é visto como um progresso. A destruição do património arquitetónico e a dispersão das comunidades sociais de inúmeras grandes cidades, das quais Paris, devastada pela especulação após o séc. XIX, foram interpretadas como contribuições para a prosperidade.

Um olhar um pouco menos superficial e orientado que o dos economistas e dos especuladores revela todo o absurdo do sistema. Assim, a exploração tipo caça-pescacolleita-jardinagem das florestas tropicais é pelo menos duas vezes mais produtiva que a exploração industrial mais rentável e doze vezes superior à recolha regular de madeira, isto mantendo a complexidade biológica e os equilíbrios climáticos⁽¹²⁾. Mas, que importa! Tudo em redor do planeta, a destruição dos ecossistemas mais complexos continua a progredir vertiginosamente e as pessoas que viviam felizes no seu seio são expedidas lá onde não há mesmo desemprego: na morte, directamente ou via periferias para as portas das cidades poluídas. E, claro, tudo isto se faz sob as cores do progresso da civilização, do desenvolvimento e do crescimento, da mesma maneira que a sabotagem dos movimentos sociais e a espoliação da cidadania se fazem

em nome da democracia. Além disso, os "experts" não gratificam as regiões onde as destruições são as mais importantes das melhores performances "económicas"?

Que se torna então o crescimento económico tão louvado quando se observa na proa da economia da natureza, contabilizando as poluições, os péssimos stress e as doenças induzidas, as espoliações, as vidas quebradas, a elevada entropia produzida com toda a força, a ruína da biosfera? Com evidência, o balanço das actividades mais acarinhadas pelo economicismo clássico faz aparecer um gigantesco passivo, porque se há trabalhos ou acções económicas fantasmas, há ainda mais custos fantasmas.

Por vezes, uma ponta da pesada cortina da propaganda é levantada mesmo no seio das instituições do economicismo. Por exemplo, uma tentativa do Banco Mundial e do Gabinete das Estatísticas da ONU para estimar a degradação da natureza em Papuásia Nova-Guiné revelou que o custo desta anulava quase todo o Produto Interno Bruto. A origem do estudo permite supor que o passivo foi calculado pelo mais justo e que uma tese menos dependente da ortodoxia economista teria dado resultados muito menos severos. Esta tese proposta por Herman Daly e Cliff Cobb, já não para a Papuásia Nova-Guiné mas para "a economia mais poderosa do mundo". Definiram um instrumento de medida económica que integra inúmeros dados desprezados pela "ciência económica": o GPI (Indicador do Progresso Genuíno). Sem surpresa, este instrumento mostra que, contrariamente ao que se diz do PIB, o nível de vida baixou claramente nos Estados Unidos desde os anos cinquenta; apesar da pilhagem de mais de metade do planeta.

A economia moderna que tenta tornar-se a economia global, permanecendo sempre também parcelar e limitada, consome cada vez

mais valor para produzir cada vez mais insatisfação (mesmo nos garantidos) e de infelicidade, ao ponto de comprometer o futuro.

Como poderia ser de outra forma, dadas as bases da economia de mercado?

Os pais fundadores do liberalismo económico acreditaram poder conceber um "mercado" capaz de se autoregular não tendo em consideração as pessoas. Quiseram-no independente da religião, da moral e mesmo do político; enfim, de todas as relações desenvolvidas no mundo para, justamente, prevenir as derivas contrárias ao interesse geral e à ecologia. Sem dúvida que subestimaram a eficácia das estratégias da cupidez e do arrivismo num universo mental estruturado pela crença no inesgotável da natureza, os valores materialistas e o individualismo. E qual é pois a magia admitida dotar o mercado da faculdade tão rara de autoregulação num mundo em que os sistemas vivos, a todos os níveis de organização, são regulados pela informação que provem do sistema envolvente, ou nível de organização superior (Henri Laborit)? São os preços. Os preços que apenas compreendem os custos a montante, e a jusante do mercado, os preços que ignoram a informação indispensável à sua regulação!⁽¹³⁾

Após Ter decretado a ruptura com a economia da natureza, após a eliminação dos factores da regulação ecológica e social – as práticas comunitárias –, o mercado liberal continua a sua fuga para a frente autodevorando-se. Viu-se isso com a pequena propriedade, mesmo o capitalismo moderado tornou-se a proa do capitalismo de expansão que já é um campo de batalha coberto de ruínas industriais e financeiras. Nos antípodas dos preceitos antigos, o dinheiro parido do dinheiro, a especulação alimenta-se agora da especulação. Esta luta interna sem piedade é paga por destruições ecológicas e sociais ainda

maiores.

Ignorando a cibernética e mais ainda a ecologia, os fundadores do liberalismo económico e os seus seguidores não mediram que eliminando os principais factores de regulação capazes de exercer uma retroacção, fabricavam um sistema fechado extraordinariamente fechado do ponto de vista informacional, um sistema extraordinariamente simplista, uma monstruosidade que não pode passar senão de uma crise para outra, destruindo todo o mundo em volta.

Se fosse necessário, os destroços do mercado-rei mostram que a liberdade deve ser entendida de forma muito mais relativista, subtil e imaginativa do que o teorizaram os liberais.

Porque tudo neste mundo é interdependente, a economia dos processos de produção, da distribuição e do consumo de mercadorias tem um sentido. É o das dinâmicas que fazem que toda a vida tenha conjunto, que se organize, evolua e produza satisfações. Todas as actividades desreguladas devem reentrar no reçoço da economia por sua vez global e vernácula da natureza e das sociedades humanas começando, por exemplo, por integrar a lei da entropia. O mesmo se diz do contentamento de cada um como da sobrevivência da humanidade.

É preciso orientarmo-nos não para o “estado estável” que foi proposto nos anos 1970, mas para o decrescimento, como o ilustrou Nicholas Georgescu-Roegen. Muito brevemente, podem destacar-se três orientações que podem concorrer para este resultado:

Integrar nos preços os custos a montante e a jusante do segmento produção/distribuição/consumo (assim, segundo um estudo britânico, todos os preços relativos ao automóvel deveriam ser multiplicados por seis). Eis quem deveria desartilhar as dinâmicas capitalistas cuja força reside principalmente na externalização dos custos.

Relocalizar, para reduzir os transportes de mercadorias, o gasto energético e as poluições, e produzir o mais perto possível dos consumidores para recriar actividades autónomas e solidariedades comunitárias.

Desapertar o laço da propriedade privada sobre o interesse geral.

De facto, embora estas orientações possam ainda parecer inspiradas por uma reacção um pouco tecnocrática ao sistema imperialista, elas não deveriam, para sua própria eficácia, senão ser as resultantes práticas do desenvolvimento do movimento social.

A CONVIVIALIDADE ROUBADA

O essencial desta reflexão sobre a economia despreza a duplicidade de todos os que, a coberto da ideologia e da ciência, apenas sonham em açambarcar o bem de outrem. Porque, no fundo, sob a máscara, o mercado livre não é senão a economia da usura e da rapina.

O “crescimento” enfeitado de todas as virtudes, o “desenvolvimento” – que não deveria ser confundido com a primeira mas que, agora, é sobretudo o da especulação, a “modernização” disto, a “modernização” daquilo, não são discursos e projectos verdadeiramente novos. Pertencem a estratégias que se inscrevem na longa história da alienação dos bens comunitários; uma história semeada de manobras incessantes, de revoltas, de bonitas realizações comuns e de repressões ferozes⁽¹⁴⁾. Ontem, tratava-se de pântanos, de prados, de florestas, dos respigos, da vã comida, etc. Todos bens e usos comunitários confiscados propriamente porque eram “obstáculos ao progresso científico”, à liberdade, à república, ao Estado.

Porque cada um está envolvido pela sua preservação, quer a sua gestão seja um ensinamento prático de ecologia, quer a comunidade de interesse desenvolva a solidariedade, os comunais são a melhor das garantias contra a miséria. Antes, todo o mundo estava bem consciente disso. Assim, sob a Constituinte revolucionária e sob a Convenção, seguidas à promulgação de leis que visam suprimir os usos comunitários para reforçar a propriedade privada, e seguidas à invasão das comunas pelo Estado em 1794, a cólera exprimia-se claramente: “Esta lei só pode ter sido feita por ricos e para os ricos, num tempo em que a liberdade não era ainda senão uma palavra vã e a igualdade uma quimera (...). A classe dos indigentes não podia crer que a Revolução tenha querido privá-la dos meios de existência” (os *Sans-Culottes de Parly, Yonne*, Agosto 1794. Referido por H. Luxardo).

Os procedimentos de colonização europeia dos outros continentes são conhecidos, mas a colonização interna, a da etnia ou, mais comumente, de uma oligarquia em detrimento de outras populações e do conjunto social parece passar despercebida. No entanto, desde a mais extrema violência até às argúcias relativas a uma legislação de circunstâncias, completamente nova face à ocupação do solo e aos usos imemoriais, passando pelas técnicas da desestruturação económica largamente aplicadas hoje (por exemplo, o sistema da dívida e as manipulações sobre os preços), a colonização interna assemelha-se à outra; ela é também dolorosa e devastadora⁽¹⁵⁾.

Assim, no ocidente, a causa das comunas parece curiosamente esquecida, ou calcada, mesmo para aqueles que ela devia mobilizar — quando ela não levantada pela acção dos partidos e dos sindicatos que se dizem de esquerda! Ela parece como apagada da história, o que é bastante chocante para uma

causa que mobilizou os nossos antepassados desde há muito. Não é para dissimular que a propriedade foi fundada sobre a espoliação das comunidades, logo, que “a propriedade é o roubo”, como dizia Pierre-Joseph Proudhon?

Tudo começa com a invenção do “direito de propriedade”, que nega oportunamente todos os direitos anteriores, seguida da vedação (ou murado) das terras. Este emparcelamento destrói as redes comunitárias, reduz de forma drástica as interrelações, isto é, mata a fonte das dinâmicas da diversificação e da complexificação (princípio da divergência). Ali, onde muitas funções se sobrepunham ou se sucediam, não restam senão já muito poucas, quando não é apenas uma só. Assim, para a prosperidade material efémera de uma minoria, a propriedade hegemónica empobrece o mundo.

A questão das comunidades está longe de pertencer ao passado. Há pouco tempo, vimos o desvio ou a eliminação da maioria das cooperativas. Vimos suprimir as moedas francas, as de antes como as do séc. XX inspiradas pelo trabalho de Silvio Gesell (“A Ordem Económica Natural”). Hoje, os “sem terra” da América, De África, da Ásia, e os povos autóctenes travam o mesmo combate que os sem terra da Europa ontem. Além disso, na Europa de hoje, após tantas restrições à liberdade de ser, outros bens comunitários estão em perigo, porque a espoliação é ilimitada. São agora os media livres, os serviços públicos, a Segurança Social, os meios de transporte económicos, pouco poluentes, integrados na vida social e úteis a todos, que são recuperados pelo dinheiro, desmantelados ou cujo desenvolvimento é travado para dar lugar aos projectos e aos lucros da megamáquina⁽¹⁶⁾. São também, como o sublinha Illich, o silêncio, a qualidade do ar, a água potável, a beleza da paisagem, o céu virgem dos jatos, a Amazónia, a liberdade dos

bushmen, dos tuaregues, dos mentawaïs, a Narmada sem barragens, a vida das baleias azuis... e depois, as práticas de troca que desenvolvem a convivialidade, a consciência, a cidadania e, no conjunto, o bom viver; enfim, “a arte de habitar”, tanto o seu meio imediato como todo o planeta Terra, tudo está ameaçado pelo liberalismo científico de mercado⁽¹⁷⁾.

A causa das comunas está no centro dos problemas ecológicos e sociais. E seria bem útil que os ecologistas e todos os que são sensíveis ao desemprego e à precariedade o entendessem.

O quadro estaria incompleto e injusto se não evocássemos a pequena propriedade capaz de se integrar na economia das sociedades e da natureza produzindo coisas úteis e simpáticas. Ela é também bastante ameaçada pela concentração financeira e industrial, e, com ela, desaparecem um pouco mais a diversidade e da complexidade necessárias à existência das sociedades.

Em França, a exaltação da Quinta República marcou o início de um novo episódio notável desta história da espoliação e do sacrifício dos homens e da natureza à cupidez e à megalomania. Paralelamente à preparação de uma muito relativa emancipação dos povos sob o jugo colonial francês, a colonização interna foi relançada para “modernizar” as estruturas de produção afim de suportar um novo esforço de expansão, desta vez nos mercados internacionais. É sobretudo a agricultura e os campos que tiveram os custos desta “política de grandeza” e de grandes lucros. Tendo sido interrogados, os tecnocratas foram formais: “(...) o mecanismo dos preços não substituirá o seu gabinete no sector agrícola, senão infligindo aos agricultores quase em permanência, um nível de vida sensivelmente inferior ao de outras categorias de trabalhadores (...)”. E o governo gaulista fez abolir a indexação dos preços agrícolas,

violando mesmo o tratado de Roma⁽¹⁸⁾. É notável a diarreia das estruturas “representativas” que os grandes sindicatos agrícolas tenham suportado esta política feita “(...) por ricos e para os ricos (...)” e que as organizações mais preocupadas pelo interesse geral sejam ainda hoje minoritárias e excluídas de todo o processo de decisão. Após 1958, o “mecanismo dos preços” permitiu de facto a expansão das exportações agrícolas, mas ao preço da falência de seis milhões de camponeses (e de quantos artesãos e comerciantes?), da dispersão das famílias e das comunidades, da perda dos saberes e das identidades, da desertificação dos campos, da explosão das periferias, da entrega dos campos aos especuladores, da destruição dos ecossistemas (por exemplo, as matas) e da ruína dos solos fertilizados por séculos de trabalho, o desabrochar do “assistanat” tarifado em substituição das solidariedades familiares e comunitárias, do acréscimo da delinquência, da explosão do desemprego, da precariedade e da exclusão, etc. Os promotores desta política e todos os que ainda hoje imaginam lucrar incitam e ensaiam uma reacção em cadeia de degradações de todas as ordens cujos custos se tornarão insuportáveis.

Da privatização do solo à privatização das fontes de vida (patente sobre os códigos genéticos), é a mesma tentativa de controlo absoluto sobre a vida da maioria – antes da exclusão – que progride.

Os tecnocratas de hoje, que num golpe de tratamento de texto suprimem as razões de viver e das vidas, são os dignos descendentes dos fisiocratas que, desde o sec. XVII, que pretendiam desenvolver a agricultura científica apenas para melhor usurpar as comunas. O seu “liberalismo” ultra, a sua “mundialização”, a sua “globalização” são apenas uma nova maquilhagem da espoliação. Mas, desta vez, a escala da sua acção é ilimitada. Eles estão

Unidos no mesmo esforço – um último esforço desta vez – para pilhar o que séculos de colonização não tinham de todo conseguido esgotar ou atingir.

O seu investimento da quase totalidade das divisagens ideológicas e das organizações desconhecidas, os seus objectivos totalitários que poupam qualquer bem comum, a importância sem precedentes das forças mobilizadas, os sinais de ultrapassagem da resistência da biosfera, dizem-nos que estamos envolvidos no que poderia ser a última batalha.

Para sair do delírio, dados os antecedentes e as finalidades, é sem dúvida tão vão contar com uma mutação das instituições dominantes como esperar resolver as poluições e o aumento entrópico graças a um desenvolvimento tecnológico espantoso. Além do mais, a acção de um poder de repente esclarecido seria, por natureza, ineficaz porque não poderia estar atrás de cada um para soprar o que convém fazer. Como em todos os domínios, uma alteração profunda e a adaptação a todas as situações não podem ser atingidas senão com investimentos sobre a inteligência de cada um e de todos.

O SENTIDO DA DEMOCRACIA

Como lembra Alfred North Whitehead citando Platão: “A criação do mundo – quero dizer da ordem civilizada – é a vitória da persuasão sobre a força”⁽¹⁹⁾. Mas a persuasão é inoperante sobre os que não cultivam a sensibilidade e a empatia como valores primeiros. Aqueles são inacessíveis. Eles permanecem fechados nas suas certezas, prisioneiros de um esquema mental limitado às relações de predação violentas. Mais que frutos de um esforço puramente intelectual, a paz, mas também o conhecimento ecologista,

a convivialidade e a democracia provêm primeiro de uma sensibilidade aberta e da empatia para o mundo. Elas são o fermento de todas as relações de boa inteligência.

Mas como puderam a sensibilidade e a empatia prosperar numa sociedade onde se tomam os valores materialistas e o célebre individualismo francês, objectos ideológicos talhados pela dominação mercantil e financeira, para as causas da emancipação? “O animismo tinha dado uma alma à coisa, o industrialismo transforma a alma do homem em coisa” constatam Max Horkheimer e Theodor Adorno.

Consequência da atonia da empatia: a força da desconfiança face a todos os outros e, logo, a incapacidade em crer na viabilidade da democracia – da democracia em que, por definição, cada um participa efectivamente. É esta desconfiança que conduz a procurar os homens e as estruturas de “confiança” para lhes abandonar a organização da comunidade. É ali que tudo se estraga.

Uma vez depreciados todos os envolvimentos da simpatia natural que fizeram a grande comunidade do ser vivo, as formas de se organizarem uns com os outros (o político) não podiam senão degenerar na “política politizante”.

Sendo rara a confiança, o seu travestimento tornou-se o fundo de comércio dos limitados de inteligência que apenas sabem viver em detrimento dos outros, em destruidores. É para submeter os outros, para substituir duradouramente a sua lei ao anarquismo natural das comunidades (a democracia directa ou participativa) que estes se reuniram em hierarquias piramidais. O sentido destas construções é evidentemente contrário ao do espírito democrático das comunidades que eles parasitam. São formações de combate que têm apenas por objectivo a sua própria conservação por meio de uma guerra perpétua.

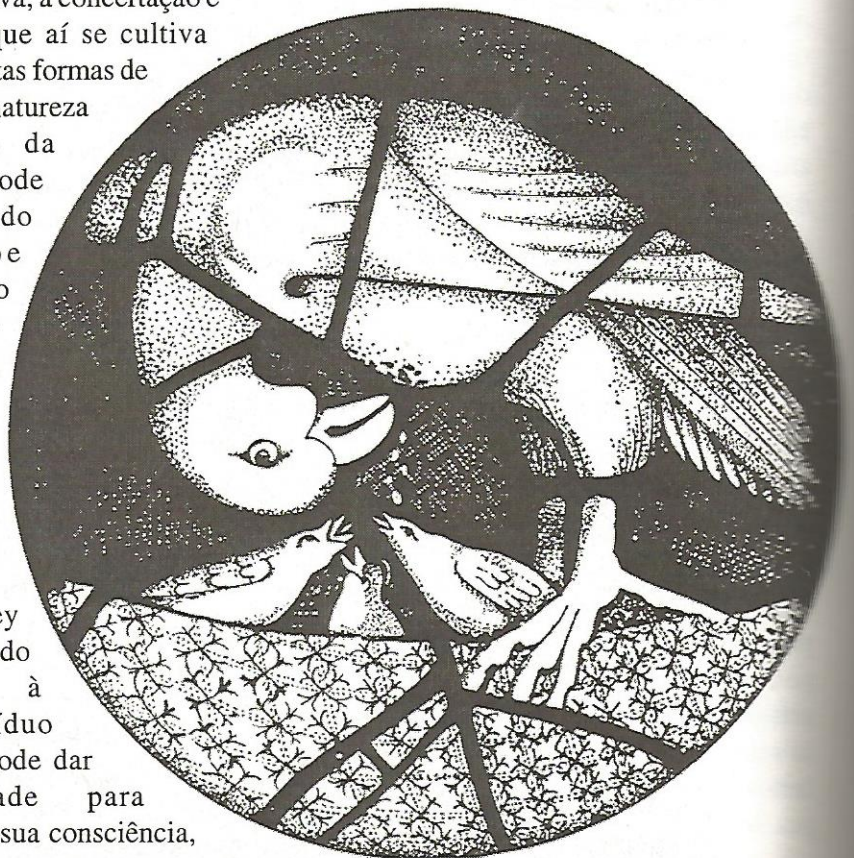
Que a sua pretensão de incarnar a democracia e o interesse geral seja engolida pela maioria é indicativo do grau de inconsciência – ou de moleza - ao qual chegaram. Porque, enfim, do que se trata? Trata-se, primeiro, de uma redução absoluta da qualidade do cidadão pelo jogo da delegação “de poder” que se assina em branco. É um completo revirar de sentido e uma flagrante usurpação das motivações. No melhor, a democracia revista e corrigida pelas hierarquias de poder não põem senão sobre a inteligência, a consciência e a honra mais que incertas de alguns indivíduos, uma “elite” automaticamente refém de lobbies. E quando não o é que espécie de elite selecciona uma hierarquia de poder?

Longe, muito longe da imagem que querem dar as empresas, associações burocratizadas e partidos, não são a competência, a responsabilidade, a iniciativa, a concertação e o espírito de conjunto que aí se cultiva comumente. Nenhuma destas formas de ser inspiradas pela nossa natureza e pelo conhecimento da economia do ser vivo pode desabrochar nas febres do arrivismo, do eleitoralismo e das lutas intestinas pelo menor assento. Viver sob as hierarquias de poder habitua mesmo os bravos a valores e a práticas muito estranhas para os que exigem a felicidade individual e o futuro do planeta.

Como ilustrou Stanley Milgram com o seu estudo sobre a submissão à autoridade, um indivíduo honesto e benevolente pode dar provas de crueldade para desconhecidos “porque a sua consciência,

que controla primeiro as suas pulsões agressivas, é sistematicamente posta em guarda quando ele entra numa estrutura hierárquica”. Isto sem relembrar a tendência à deriva de todo o subconjunto cortado do meio. A tendência ao abuso de poder é ainda agravada quando a acção é executada por outros, como é frequente nas estruturas de poder. Então, “A maioria estima estar envolvida face à autoridade dirigente, mas não se sente responsável pelo conteúdo dos actos que esta lhe prescreve”.

Sejam quais forem as motivações iniciais, a luta pelo poder comandado pela estrutura vertical e centralizada apenas selecciona a força brutal, o sadismo e seus complementos: a despersonalização, a submissão, a duplicidade e o lachismo⁽²⁰⁾. Nada mais que “qualidades” incompatíveis com a compe-



ência necessária para deslizar na vida sem nada afundar, se possível acreditando em todos os outros.

Pode-se rapidamente identificar várias causas de incompetência inerentes a estas organizações: o fechar à informação-circulante externa, nós vimo-lo.

A cegueira perante o carácter holístico da maioria das coisas. Em consequência, a incompreensão face a tudo o que não é centralizado e que é baptizado de “desordem” (de facto, mais ou menos tudo o que se criou após o Big Bang).

A selecção das competências individuais está subordinada à selecção da capacidade de adaptação às estruturas de poder.

A evicção ou a desmotivação das competências relativas à economia do ser vivo que apenas podem chocar a lógica dominante.

As obstruções à circulação de informação, porque, do topo à base da hierarquia, esta torna-se moeda de poder, porque a tomada a cargo e a desresponsabilização atingem a maioria dos neurónios, porque o medo das sanções desencoraja as melhores iniciativas, etc. É inútil sonhar que os Perfeitos possam fazer o percurso sem se corromper. Seriam rapidamente evacuados como corpos estranhos ou postos em placard e objectos de um “mobbing”⁽²¹⁾. Inútil sonhar que os génios políticos possam aparecer no topo dos edifícios hierárquicos, tendo desenvolvido uma competência capaz de se substituir à inteligência abundante de um conjunto democrático. A fraqueza do sistema é estrutural:

“A eficiência dos modos de organização com vista ao domínio de alguns sobre a maioria nunca se afirmou tanto como na produção da corrupção, da incompetência e da crueldade”.

Estou tentado a chamar áquilo “o princípio do Ubu”, porque as pretensões de gerir a complexidade depois de um “elevado” auto-célebre derivam inexoravelmente para a

tragédia grotesca. Vêmo-lo ilustrado, por exemplo, em muitos negócios de corrupção, de poluição e de envenenamento (amianto, sangue contaminado, encefalopatia espongi-forme...) onde os comportamentos mais insociáveis e os mais perigosos não são verdadeiramente dissimulados nem condenados.

É quando os próprios mutantes se apoderam de poder, que poderiam eles fazer dele (à parte destruí-lo)? Contrariar? Mas então, como nos soprou Arne Naess – o filósofo da ecologia profunda -, seriam necessárias tantas leis e regulamentos, tanta polícia que isso seria intragável e inviável. Não, não é possível regular “pelo alto” as múltiplas acções desreguladoras que permitem a este “elevado” existir! Fazer crer o contrário é a mais chocante das coisas conseguidas pelo sistema dominante. Max Horkheimer e Theodor Adorno denunciaram esta ilusão: “(...) a gestão precisa de todo o mundo. O poder das coisas ensinará a todos a passar-se finalmente do poder”.

A democracia tem um sentido que não é o dos simulacros actuais que anulam a igualdade de direitos e desencorajam a cidadania. Como a vedação facilitou a espoliação das comunas e o voo do capitalismo, a divisão do espaço político entre eleitores e eleitos fora de controle, espectadores impotentes e actores embriagados, traduziu-se num duplo movimento de demissão e de não possessão do poder de pensar e de agir por si próprio e com os outros. É porque ela não dissocia o interesse de cada um do interesse geral, que ela compreende o preenchimento do ser através da construção da comunidade, que ela é por essência holística e favorece o deabrochar da inteligência colectiva pela acção responsável de cada um, que a democracia é o modo de organização mais eficaz, mais criador de satisfações. É por isto que os grandes doentes do ego não têm outro fim senão caçá-la e

substituí-la por um simulacro. Porque, como com a exploração ecológica das florestas desde sempre, como com a partilha das comunas de ontem aqui também, que os benefícios sejam repartido entre todos, mantendo os conjuntos ecológicos e sociais, não interessando nada as elites autopromovidas. A sua estrutura de pensamento e a posição em que se colocaram não lhes deixa qualquer escolha: Não querem nem sabem senão na servidão ou na morte para conter, uniformizar, condicionar, capitalizar e concentrar. E tanto pior se o seu delírio esteriliza tudo, sociedades e ecossistemas, tanto pior se elas dominam um campo de ruínas; “Depois de mim, o dilúvio!” é o seu credo.

A democracia não pode acomodar-se a esta forma de individualismo que é fechado aos outros e uma ruga sobre interesses fantasmas. Uma das funções da dinâmica democrática, é ao contrário de controlar as derivas ideológicas e os projectos que arriscariam a parasitar a sociedade, o seu meio e endividar o futuro. Isto para favorecer a eclosão e o desenvolvimento das energias, das competências e das iniciativas acordadas no sentido do interesse geral. Tal como a hierarquia de poder que confisca a cidadania, a propriedade privada, quando ela é destruidora, é naturalmente posta em causa pela democracia; como o é também pelo reconhecimento da economia da natureza. É o que reclama a grande maioria dos povos dos quais conhecemos as esperanças e as lutas: “(...) Que não se destrua nenhum bem comunal” (um caderno de queixas em 1789), “Nós tendemos para (...) o bem comum ou para a comunidade dos bens” (Gracchus Babeuf, “Manifesto dos Iguais”), porque “A comunidade, eis o grande princípio da república” (Grenus). Os dominantes nunca se enganaram acerca disso, porque, para além da repressão das revoltas ou do isco do ganho

gerado pela especulação sobre os bens de todos, os massacres em massa, as demolições de vilas ou de bairros, a interdição das práticas colectivas e a invasão das comunas, a industrialização da agricultura esvaziando os campos nas periferias, as operações imobiliárias sob pretexto de salubridade ou de descentralização, são bem inspiradas na preocupação de quebrar as estruturas comunitárias e a convivialidade. Porquê? Para secar as fontes de autonomia relativista dos grupos, das cidades, dos povos, para deixar o indivíduo isolado e desamparado face à maquinaria da acumulação do capital e do poder, para extirpar as raízes da democracia.

Da “lei do mais forte” neo-darwinista aos “quatro quintos dos homens que não servem para nada e merecem ser abandonados” de um economista contemporâneo, o liberalismo actual utiliza a ideia de liberdade apenas para a reverter numa ditadura sobre toda a vida.

Ao contrário, o génio da ideia democrática é querer cultivar esta inteligência que se desenvolve entre as pessoas e as comunidades que comunicam sem entraves. O sentido da democracia, é o da cooperação e a entreajuda, é o da conjugação de simpatias, o da simbiose das motivações conviviais e das competências para atingir um nível de organização e de consciência superior a todas as capacidades particulares.

A vitalidade da democracia, logo, a inteligência comunitária, é inversamente proporcional à das hierarquias do poder. Ela depende da qualidade e da intensidade das trocas entre os cidadãos gozando de toda a sua liberdade de associação.

RESTAURAR O POLÍTICO

Muitos, que desejavam inicialmente mais justiça e convivialidade, esforçaram-se por

fazer evoluir as coisas aproximando-se dos mecanismos de dominação até neles participarem. Agindo assim, acreditavam ser mais eficazes. Ontem, inúmeros socialistas, comunistas e, hoje, ecologistas perderam-se neste caminho. Todos se recuperaram, ou viraram, ou castraram; quando não eram desde o início – como eu conheci mais de um -, mais do que impostores infiltrados para sabotar o movimento social no seu interior.

É inútil obstinar-se a mudar as marionetes na palco de fantoches (a farsa desempenhada será sempre a mesma) ou de evitar a sua própria responsabilidade fazendo subir ao cadafalso estes “responsáveis” que sabem apenas o que eles fazem.

O desejo impotente sob o delírio todo poderoso, como mudar isto? Podem-se mudar os hábitos sem cair numa outra escravidão?

Quando tudo está tricotado do avesso, a solução está em cada um; em cada um e entre todos.

Muita gente queixa-se do clima apodrecido e entristece por estas destruições que vêm na tela sem a consciência de que dão quotidianamente murros aos algozes. Os que fantasiam sobre o automóvel ao ponto de crerem que não podem passar sem ele, seja qual for o custo para a saúde dos seus filhos e dos seus parentes idosos, estes que se metem no carro para dar o seu dinheiro aos patrões dos supermercados, estes que, a sorrir, vos vendem um produto adulterado jurando que é biológico, os que afundam os seus colegas continuando a mostrar-lhes um ar simpático, os que colocam as suas economias em acções ou fundos de pensões especulativos, todos aqueles para os quais a inconsequência e a fuga perante as responsabilidades se tornou uma segunda natureza, não são todos visceralmente maus e irrecuperáveis. Fazem-no como que por inadvertência, porque é a normalidade do meio cultural e institucional que

imprime neles estes hábitos que o pensamento crítico já não se inquieta.

Também, como nos diz Max Horkheimer, Theodor Adorno e Yves Bonnefoy, o primeiro trabalho de quem aspira viver em boa inteligência com todos os seres vivos é desmanchar as linguagens e as pseudo Luzes que, pretendendo a emancipação dos constrangimentos banais da vida, nos fazem servir a tirania dos arbitrários e das incompetências. Felizmente, são numerosos os que, sobre as encostas distantes dos territórios imperialistas, fizeram para nós bonitas recolhas⁽²²⁾.

As ideias, e mais profundamente, o desejo que eu tentei representar constituem o que Donald Worster designou “cultura arcaica”. Sendo a Arcadia hoje um pouco esquecida, esta designação pode ser um obstáculo à compreensão fácil do conteúdo. Eis porque prefiro “cultura convivial”, para a primeira acepção de convivialidade e para a proposta por Illich.

Pela sua deformação da história dos homens e das suas fantasias sobre a ordem da natureza, a cultura imperialista apenas podia sustentar utopias. Embora o termo seja muitas vezes entendido com simpatia, o desfasamento destes projectos em relação às realidades implica o recurso a subterfúgios e à violência para pôr em prática. Do liberalismo de mercado ao comunismo de Estado, passando pelo fascismo, o movimento khmer, as colonizações “internas” na Indonésia e na Amazônia, etc., tivemos e temos ainda inúmeras ocasiões de verificar que não sai nada de bom da ruptura com a natureza e com a nossa natureza. É um traço característico do pensamento imperialista querer realizar o que se torna tecnicamente possível, sem se preocupar com o contexto e consequências ecológicas e sociais. “Administrar um país, é adaptar as suas estruturas às suas

técnicas⁷⁷⁽²³⁾. Apelar os seus opositores de utópicos não é senão uma manobra mais de dominação, onde uma das principais palavras de ordem a utilizar internamente é: “adaptar o mundo à utopia”.

Estamos muito longe de tudo isto com a cultura convivial, longe de qualquer utopia. Dado que ela se enraíza no viver sensível de cada um e das comunidades, na história, no conhecimento da vida, a cultura convivial só pode inspirar projectos democráticos e mensuráveis. Estes projectos visam não o esquivar-se os constrangimentos da participação no conjunto vivo, mas a acomodar-se a eles; melhor: a deles retirar prazer e inspiração. Ao medo da natureza e dos outros seres, neles incluindo homens diferentes, que conduz ao ódio e à dominação, a cultura convivial opõe a empatia para o mundo, a empatia por todas as formas de vida. Ela é a cultura reconciliada com a natureza, na lógica da própria evolução, como o próprio Darwin o compreendia. É uma forma de ver e estar aberto ao mundo que volta a dar toda a sua importância às interrelações, à relatividade das situações, à interdependência, pelo facto de todos os seres, todas as entidades, serem próximos que participam no projecto de vida. À “luta contra”, a cultura convivial substitui o “viver em companhia”, a cooperação e a diferenciação complementar dos interesses e das formas.

As hipóteses de conseguir reatar com os valores que não mentem e a reconstruir os laços sociais e económicos proveitosos para todos reside, paradoxalmente, no triunfo aparente das estruturas do dinheiro e do poder que se calou em demonstração de fracasso. As contestações e o pôr em causa foram por isso estimuladas, fazendo nascer muitas iniciativas e movimentos sociais que vão no mesmo sentido das antigas revoltas. É a sinergia destes movimentos e das procuras pessoais que pode vencer a incómoda

omnipresença da cultura imperialista e dar à luz uma civilização acordada para a economia da natureza.

Há, claro, o movimento ecologista que está longe de se reduzir aos seus avatares eleitoralistas. Traz em si uma mensagem convivial universal, a cultura do interesse geral, o laço entre democracia e comunidade, a redescoberta (ocidental) das comunas⁽²⁴⁾... Enfim, algumas pequenas coisas que lhe valeram, desde as suas origens, ser o alvo de tentativas de sabotagem da burguesia liberal. Um critério de qualidade!

É o movimento dos *Let's systems*, ou Sels (sistemas de trocas locais), das trocas de saber também, que cultivam as relações de entreajuda e de reciprocidade.

E depois são os numerosos movimentos que, em todo o mundo menos ou pouco industrializado, resistem à ditadura dos mercados e dos seus servidores.

São os povos autóctenes e os que se lhe juntam no seu combate, muitas outras correntes populares também, que defendem as comunas, os saberes, a diversidade biológica, os modos de produção e de vida económicos de acordo com a economia da natureza.

É aquela comunidade de sessenta e quatro pessoas que, graças a um movimento de solidariedade via internet em 1997, resgatou a ilha de Eigg, no arquipélago escocês das Hébridas, a sua ilha, que tinha sido espoliada pelo sistema de terratenentes há dois séculos e meio.

E há ainda o movimento anarquista, onde as correntes do comunismo libertário – de que Kropotkine é, com Bakounine, um teórico – estão bem vivas. Este movimento sempre jovem e o movimento ecologista estão naturalmente próximos, através da crítica da cultura e das estruturas imperialistas e da compreensão das dinâmicas holísticas e

homeotéticas. As reflexões e as experiências autogestionárias e federalistas são uma fonte de inspiração, na perspectiva da reorientação da economia e do político.

Estes movimentos, e os milhares de associações de entreatajuda e de defesa, testemunham a vitalidade da noção de interesse comum que continuamente ressurgem.

Não há pois nada de novo a inventar mas talvez muito a redescobrir, a desenvolver de novo, eventualmente a readaptar.

É o caso da democracia cujas caricaturas fazem quase esquecer o conteúdo. Em particular, a “democracia representativa” e “a política” pretendem constituir o espaço da concertação e da coordenação não constituindo senão hierarquias de poder, estruturas fechadas por excelência. Elas são, para o essencial, o campo de uma luta contínua entre clãs que, pelo menos, se entendem sobre um objectivo: assassinar qualquer manifestação de verdadeira democracia através do clientelismo, do desencorajamento e da demissão, ou da repressão. Em França, já o vimos, o simulacro da democracia esconde a espoliação dos bens comuns e a partilha do saque desde 1789.

Um novo exemplo é-nos fornecido no momento em que termino este artigo: o parlamento francês, da direita à esquerda, votou por uma esmagadora maioria a extensão por sete meses por ano o período de caça aos pássaros migratórios. Com estes pássaros que fazem viver os céus e os ecossistemas do Norte da Europa à África do Sul, é uma outra vez a vida – bem comunitário internacional – que é sacrificada por uma falsa democracia curvada aos fantasmas de uma ínfima minoria usurpadora.

O opróbrio deitado cada vez mais frequentemente sobre a política politiqueria não deve, no entanto, desviar do político, gestão dos negócios da cidade. Bem pelo contrário,

convém retomar os seus negócios em mãos, reconquistar a cidadania para restaurar este espaço do político que merece mais do que ser preenchido de edifícios de corrupção e de incompetência.

A nova emergência da compreensão do mundo, que a cultura imperialista tinha calcado é acompanhada de uma exigência democrática forte que é sustentada pela percepção mais clara das interacções entre a comunidade, a nação e a humanidade, entre o vernacular e o planetário. Um trabalho de memória sobre a espoliação histórica das comunidades, que permita melhor desalojar o inimigo e interpretar as formas actuais do mesmo processo, deveria estimular este movimento de abertura das consciências e de redefinição dos valores e das práticas.

Não são necessárias grandes declarações, de definições precisas de modelos a aplicar à letra, de criar destas instituições que, rapidamente, não ouvem senão a si mesmas. Tentemos pois a via contrária aos sistemas dominadores: a da abertura e da convivialidade. Embora as minhas experiências cidadãs sejam mais decepcionantes deste ponto de vista, não imagino no entanto outra para evitar cair nos mesmos carris.

A vida ensina-nos, o mais importante é que a informação, que toda a informação circule livremente. Se “liberalismo” tem um sentido na economia da natureza, bem longe de ser o da “livre troca” das mercadorias e dos capitais à escala planetária dirigida pelos monopólios industriais e financeiros, é o da informação liberta de retenções, dos aterros e das manipulações exercidas pelas estruturas de poder e do dinheiro; é o da informação disponível para todos.

Um exemplo muito actual da superioridade da livre troca de informação sobre a liberdade reservada ao capitalismo é o sucesso de Linux, software de exploração que o seu criador,

Linus Torvalds, não quis comercializar, propondo o seu “código fonte” (a sua partilha) à imaginação de todos. Em sete anos de trocas que implicam espontaneamente milhares de pessoas, o Linux, que no início tinha 50 000 linhas de código, enriqueceu-se de 950 000 linhas, afundando os seus muito poucos concorrentes comerciais que não podem, mesmo com os mais avultados meios financeiros, rivalizar com a consciência colectiva.

A cada nível de organização, cabe a cada um explorar a informação livre para criar a sua vida de acordo com o interesse geral, como o músico ousa as suas variações no ritmo, como o surfista dança o seu prazer sobre a onda.

Informação na informação, movimento no movimento, por sua vez estímulos e estimulantes, nós podemos favorecer o desenvolvimento das interrelações afim de ajardinar estes espaços intermediários tantas vezes férteis em ideias, em simpatias e em iniciativas. É o meio de desenvolver a empatia para os outros e para o mundo sem o qual não se pode esperar revirar as lógicas imperialistas.

Traduzido por Guadalupe Subtil

NOTAS

- 1 - “l’homme est pour l’homme l’Être supreme”, Ludwig Feuerbach.
“Se durante os tempos ditos feudais nós recebíamos tudo em feudo de Deus, o período liberal colocou-nos no mesmo estado de vassalagem face ao Homem”, Max Stirner: *L’Unique et sa propriété*, ed. Stock, tradução de Robert L. Leclair, ou ed. *L’Age d’Homme*, tradução de Pierre Galissaire e Andre Sauge (ed. portuguesa *O Único e a sua Propriedade*, ed.....)
- 2 - Hubert Reeves: *L’heure de s’enivrer*, Ed. Seuil (ed. portuguesa *A Hora do Deslumbramento*, Gradiva, 1986).
- 3 - Realizada sob a direcção de Sebastien Faure, *L’Encyclopedie Anarchiste* foi publicada em 1934.
- 4 - Donald Worster: *Nature’s Economy: a history of*

- ecological ideas*, Cambridge University Press, 1985.
- 5 - Mais actual que nunca, Max Horkheimer e Theodor Adorno: *La Dialectique de la Raison*, Ed. Gallimard, 1974 [1944].
 - 6 - Encontra-se este conhecimento nas tradições chinesa, budista e hebraica. Os “níveis de organização” ou de “complexidade” foram também designados “orgs” por Ralph Gerard, do Grupo Ecológico de Chicago.
 - 7 - Edward Goldsmith: *The Way, an ecological world-view*, Shambhala 1993.
 - 8 - Ver *L’Univers Bacteriel* de Lynn Margulis e Dorian Sagan, Ed. Albin Michel (capítulo 7: “Nouvelles cellules”).
 - 9 - Ivan Illich: *La convivialité* (ed. portuguesa *A Convivialidade*, ed. Europa - América, 1976) e E. F. Schumacher: *Small is Beautiful* (ed. portuguesa *Small is Beautiful. Um estudo de economia em que as pessoas também contam*, D. Quixote, 1980).
 - 10 - Ivan Illich: *Le Travail Fantôme, Le Genre Vernaculaire*.
 - 11 - Bertrand de Jouvenel, 1976, *La Civilisation de Puissance*.
 - 12 - *5000 jours pour sauver la planète*, Goldsmith, Hildyard, Bunyard, McCully, Ed. Chene. *The economic value of non-timbers forest products in Southeast Asia*, Jenne De Beer e Melanie McDermont, UJCN Pays-Bas.
 - 13 - As moedas que, integrando de qualquer modo a lei da entropia, perdem o seu valor ou mudam, tal como as mercadorias por que são trocadas, e que não podem ser, portanto, nem entesouradas nem utilizadas para qualquer especulação.
Guy Deffeyes e Catherine Celimenes: *Le nouveau pari monnaie-terre*, Documents Terre Active.
 - 14 - Kropotkine: *L’Entr’aide*, capítulo 7, “L’Entr’aide chez nous”. Hervé Luxardo: *Les paysans, les républiques villageoises. 10e-19e siècles. Rase campagne. La fin des communautés paysannes*.
 - 15 - No sul de Sumatra, os Kubus viviam ainda, em 1970, numa floresta que se estendia por 12 000 km². Djakarta concedeu uma grande parte a exploradores, depois implantou “transmigrados” para cultivar aveia e arroz (para exportação). Em menos de vinte anos de “política de desenvolvimento”, dois terços da floresta original foram destruídos com as comunas dos Kubus, e os grandes animais desapareceram. O que resta tornou-se muito pobre para sustentar os Kubus. Não há sequer produtos suficientes de colheita (como os rotins) para vender para poder comprar arroz, o qual não é um alimento habitual nos Kubus. Em 1979, o serviço dos assuntos sociais enumerava 12 000 Kubus. No fim do ano 1990, não eram mais

do que 2 642.

16 - O exemplo dos transportes é elucidativo: "La fin de l'aberration T.G.V.?", *Silence* n° 215, março 1997.

17 - Ivan Illich: *Dans le miroir du passé*, ed. Descartes & Cie, 1994.

18 - "Relatório Louis Armand", Jacques Rueff, 1960.

Philippe Desbrosses: *Le Krach alimentaire. Nous reviendrons paysans*, ed. Le Rocher 1988.

Eric Fottorino: *La France en friche*, ed. Lieu Commun 1989.

19 - Alfred North Whitehead: *Aventures d'Idées. Dynamique des concepts et evolution des sociétés*, ed. Du Cerf, 1993.

20 - Nas estruturas de educação fortemente hierarquizadas, encontram-se facilmente as duas faces desta cultura com a exemplar praxe dos caloiros [bizutage], tão considerada por muitos daqueles e

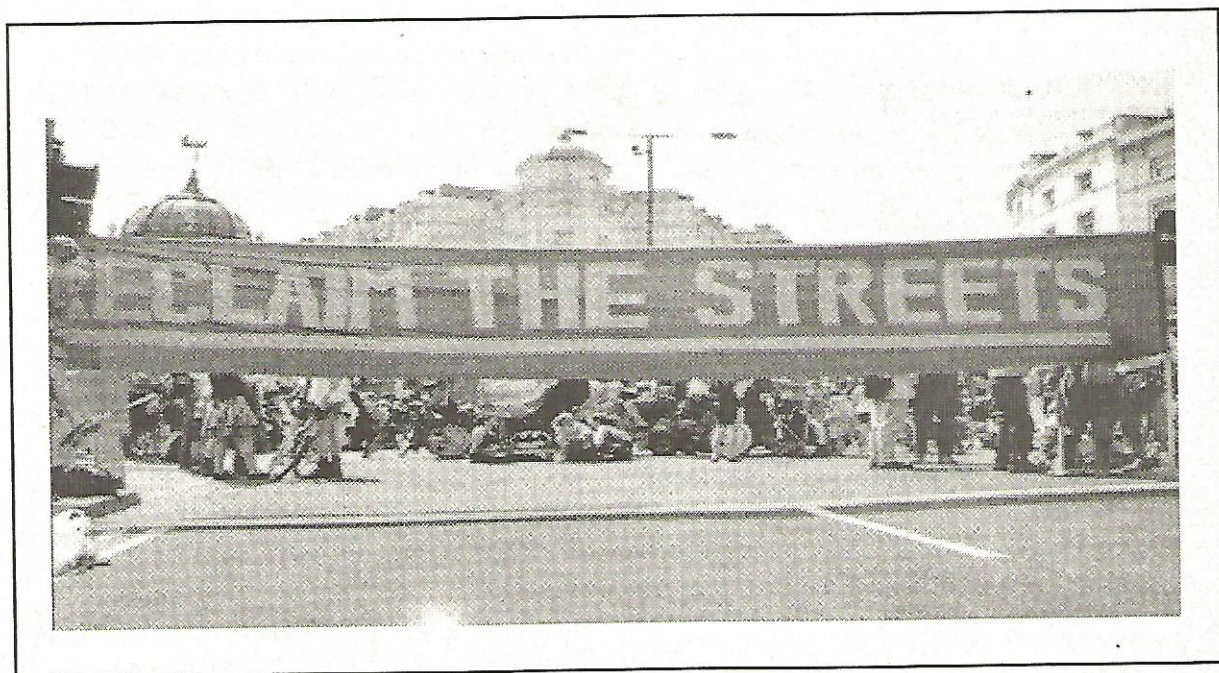
daquelas que são puxados para funções "respeitáveis" e "responsáveis".

21 - Heinz Leymann: *Mobbing, la persecution sur le lieu de travail*, ed. Seuil.

22 - Entre outros: Lamarck, Goethe, Humboldt, Thoreau, Darwin, Proudhon, Bakounine, Kropotkine, Salt, Gandhi, Aldo Leopold, o Grupo Ecológico de Chicago, os filósofos da Escola de Frankfurt, Jouvenel, Georgescu-Roegen, Laborit, Illich.

23 - Louis Armand, co-signatário do relatório que deu o golpe de misericórdia ao mundo rural, herói da tecnocracia francesa, perante os alunos da Escola Nacional de Administração.

24 - O volume 22, n° 4, de Julho/Agosto 1992, de *The Ecologist* era inteiramente consagrado à questão das comunas.



Paisage del Cerro

Las hojas se arremolinan
En las veredas del Cerro.
Los árboles desvestidos
Alzan sus ramas al cielo.
Como mil brazos desnudos
En plegaria de silencio.

Se vuelca la gurisada
Con sus cabezas al viento
Un arcoiris de pelos,
Castaños rubios y negros.
Y cien matices de piel
Que vienen desde muy lejos.

Una tribu de mil tribus
Corriendo tras la pelota.
Grita ríe, se apasiona
En el remolino de hojas.
Entre dos arcos simbólicos
dribleando sueños de gloria.

Que imagen para el recuerdo
de instantes que se repiten
en el ciclo de estaciones
entre el Cerro y la bahía.
Grisés, azules, dorados
Y la vida que palpita..

Quiero llevar en los ojos
En la sangre y en alma,
Este retazo de suelo
Este universo de razas
Este entreñable paisaje
Adonde quiera que vaya

Esta patria sin fronteras
Este universo de patrias

Noviembre de 1998

DEBORA

Notas & Comentários

ANDRÉ KELB

A ESQUERDA NO PODER

Uma vez mais as eleições serviram para fazer crer aos despojados que colocando o boletim de voto dentro da urna e se transformando em *cidadãos eleitores*, eles dispõem dos meios para decidirem do seu futuro. Mais do que isto, eles são convidados a verem na vitória da esquerda, a *sua própria vitória*. A *Máquina* (os meios de comunicação de massas) declarou o *triumfo da democracia*. E, no entanto, esta vitória é a vitória deles. Do partido de esquerda que é governo e dos restantes partidos de esquerda. Eles celebram o seu próprio campo, o terreno dessa esquerda e dos seus sindicatos que, desde o princípio da terceira década do século vinte, são os piores inimigos dos despojados. Para estes últimos, não há vitória nenhuma a celebrar, nem a mais pequena ilusão sobre aquilo que essa esquerda diz ir fazer. A política do novo governo socialista será a mesma do governo socialista anterior, aquela que é imposta pelo capitalismo sem fronteiras: mais performances de trabalho & desemprego, mais austeridade, mais miséria. Assim, não é por acaso que a classe política, desde a direita de P. Portas, até ao *Bloco de Esquerda* de M. Portas, fala amiúde, e não só já, em *mudar de política*, mas *mudar a política*. Todo um programa!

O P.R. DA MINORITÁRIA CLASSE POLÍTICA

Nas últimas eleições para o parlamento europeu, o *presidente da comissão nacional de eleições* de Portugal insultou os abstencionistas portugueses, chegou mesmo a afirmar que eram uma cambada de maus cidadãos. A violência verbal foi de tal ordem, que muitos políticos sentiram necessidade de se demarcarem das suas afirmações. Todavia, após ter insultado mais de 60% dos portugueses inscritos nos cadernos eleitorais, o *fulano* continuou firme no seu posto, como se nada tivesse ocorrido. Já nestas últimas eleições para a *assembleia da república*, foi a vez do *presidente da república portuguesa*, Jorge Sampaio, insultar, no dia das eleições, os portugueses que não se deixam convencer pela classe política, da esquerda ou da direita, e recusam ir votar. Com esta atitude, o socialista Jorge Sampaio decidiu abandonar mais de metade da população e passar a ser somente o presidente da minoritária classe política. O representante de 40% dos eleitores. Abandonou os restantes e, desta forma, é abandonado às mãos dos seus consortes.

Não votar, aos olhos do abstencionista activo, (indivíduo minoritário no seio dos abstencionistas) é o único acto útil em vista da conquista de uma maior liberdade e

felicidade. O indivíduo abstêm-se de ser um amo ou um escravo. Abstêm-se de cooperar na construção de um edifício social para ricos e poderosos. É tempo de reagir contra o ambiente que proporciona esta situação, uma das soluções continua sendo a **grande abstenção**. Para começar, sair do terreno das abstrações para dever concretizar um pensamento lúcido, com algumas fórmulas tangíveis sustentadas na experiência da vida. E constituir, na diversidade dos indivíduos, um *movimento abstencionista activo*.

**TERÁ SIDO
CAMILO BERNERI ASSASSINADO
POR TER INVESTIGADO
CASOS DE SUBORNO?**

Na revista *Expresso* de 25 de Setembro de 1999, António Louça, escreveu um artigo sob o título: *O Ouro E A Guerra*, onde às tantas afirma:

«Entre os políticos republicanos responsáveis por negócios ruinosos na compra de armamento encontra-se o ministro do Interior, Galarza. Segundo Howson, terá sido ele a mandar assassinar o anarquista italiano Camillo Berneri, que até há pouco tempo se julgava ter sido vítima dos esquadrões da morte estalinistas, na mesma altura em que estes raptaram e assassinaram Andreu Nin. Berneri era, com efeito, um crítico de esquerda do estalinismo, mas ao mesmo tempo um tenaz investigador e um publicista temível que, na versão de Howson, teria na manga algumas provas demolidoras contra Galarza. Na confusão que se seguiu à revolta de Maio de 1937 em Barcelona, a GPU estalinista aproveitou para assassinar adversários políticos de esquerda, como

era o caso de Nin, e Galarza terá aproveitado para lançar na conta dela o assassinio de Berneri.»

É provável que Berneri não tenha sido assassinado pela GPU, polícia política dos comunistas da Rússia, antecessora da KGB, porém contrariamente ao que afirma o articulista, esta tese, veiculando a opinião de Howson, não é nova. E, embora Berneri fosse de facto um feroz crítico não só dos comunistas, como dos “anarquistas” governamentais, o seu jornal nunca chegou a ser conhecido, nem foi muito difundido. Só depois da sua morte a sua obra como «investigador e publicista» foi conhecida. O que não obsta a que, obviamente, não pudesse estar na posse de «provas demolidoras contra Galarza» que o levaram a ser assassinado, mas é de notar o facto de que a divulgação dessas provas, se elas tivessem dependentes de Camilo Berneri, ficaria reduzida a um pequeno círculo.

Há testemunhos que provam o que acima ficou dito, um destes testemunhos é o de Juan García Oliver, empregado de mesa, homem de acção do grupo de Durruti, *Los Solidarios* e, em 1936-37, ministro da Justiça do governo. Portanto, um individuo bem colocado para algo saber, e uma das figuras importantes do *Movimento Libertário Espanhol* (CNT-FAI-FIJJL e Mujeres Livres). Participou nos anos vinte e trinta, os anos que precederam a revolução e a guerra civil de Espanha (1936-39), nas lutas do proletariado catalão de Barcelona, desempenhando um papel fundamental na história dos anos de glória da CNT e do «proletariado militante». Numa entrevista, realizada para um trabalho audiovisual, *Memória e Revolução 1936-1939*, a cargo do ANCR de Torino (Itália) e registada em Paris no dia 29/6/1977, García Oliver declarou, a propósito da morte violenta de Camilo Berneri o seguinte:



«Os incidentes do assunto de Barcelona são de todos conhecidos. Não sou daqueles que acreditam que os companheiros tivessem sido sistematicamente perseguidos. Não existe nem um só nome de um companheiro que tivesse sido expressamente assassinado. Porque o caso de Camilo Berneri, é um caso à parte. Não corresponde à história da CNT. Produziu-se naquelas circunstâncias porque, seguramente, alguém quis aproveitar a confusão do momento para o eliminar. Entendo, e eu tenho a convicção disso, que foi um ajuste de contas de tipo pessoal. Berneri não tinha nada a ver com o movimento que houve em Maio (Barcelona 1937). (...) Convém esclarecer o seguinte: quando digo que não houve assassinatos de companheiros, mas alguns morreram, como Domingo Ascaso, com a espingarda na mão, lutando contra os comunistas ou contra os separistas, caíram na luta, deste

modo morreram... Não sabemos de nenhum que tenha sido assassinado, embora pudessem existir. Ajustes de contas pessoais ou de grupo, eu nisso já não digo nada. Existe uma relação na forma como foi assassinado Camilo e o companheiro que estava com ele, Barbieri, com a execução em França dos irmãos Rosselli. Existe, repito, uma grande relação. Dois mais dois...» Pergunta: - «Queres tu dizer que foi obra de fascistas italianos...»

García Oliver: - «Sim. Havia agentes... tanto italianos como alemães e outros. Eu tive que intervir junto das Brigadas Internacionais devido a uma reclamação diplomática que houve em torno de um agente detido dentro de uma dessas unidades. Tratava-se de um indivíduo inscrito com um nome qualquer e que na realidade era um barão italiano. Uma vez descoberto por membros das Brigadas Internacionais, foi julgado em Conselho de Guerra sumaríssimo e fuzilaram-no. Intervi, como disse, na minha qualidade de ministro da Justiça em consequência de uma reclamação formulada por o governo belga. Simplesmente, nestas lutas sempre existem agentes que vão e vêm. Convém, por conseguinte, distinguir umas e outras circunstâncias. Eu, não acredito na morte dos companheiros Berneri e Barbieri estivessem relacionados com o problema de Maio. Pessoalmente, para que vejas, eu não conhecia Berneri. Digo, nunca tinha falado com ele. Se eu não o conhecia, os outros também não... As relações que ele tinha eram reduzidas a um grupo; o das suas amizades. Imputou-se a morte de Berneri aos comunistas. Mas, porque haveriam estes de o matar? Compreendo que os comunistas tivessem querido matar-me a mim, a Marianet, a Federica, a qualquer desta-cado companheiro da Organização.

Mas Berneri... ainda que ele tivesse sido combatente, o que é que ele tinha que ver com a orientação da guerra? Não, estou em dúvida. Porque não se sabe. Gostaria que se investigasse a morte de Berneri a fundo, mais a fundo ainda do que a morte dos irmãos Rosselli em França. Porque é que se não o faz?».

AS LINHAS DE ORIENTAÇÃO DE 1939

«Os primeiros considerando que a actual paralisia do movimento libertário mundial se deve à incapacidade que os anarquistas têm mostrado de conviverem com a esfera pública administrativa, aceitam e estimulam a participação política dos anarquistas, reinventando o conceito de democracia como expressão directa da vontade popular, enquanto os segundos desencorajam essa participação, permanecendo fiéis às linhas de orientação do movimento desde 1939. Entre os primeiros, sobressaem hoje os defensores do municipalismo libertário...» (*A.C.F. in A Ideia, 1998*)

As linhas de orientação, referidas pelo autor das linhas acima transcritas, António Cândido Franco, são, contrariamente ao que afirma, a da participação política, como ministros, secretários e gerais que provinham de organizações que se reivindicavam do anarquismo em Espanha entre 1936-39 (CNT-FAI). Estas organizações deram bons funcionários à administração pública do governo republicano. O pedreiro anarco-sindicalista Cipriano Mera, tornou-se general, enquanto o empregado de mesa, membro do grupo de expropriação e propaganda *Los Solidários* e militante da CNT, García Oliver, tornou-se ministro da Justiça, etc. Participaram no governo e aceitaram a militarização. Foi

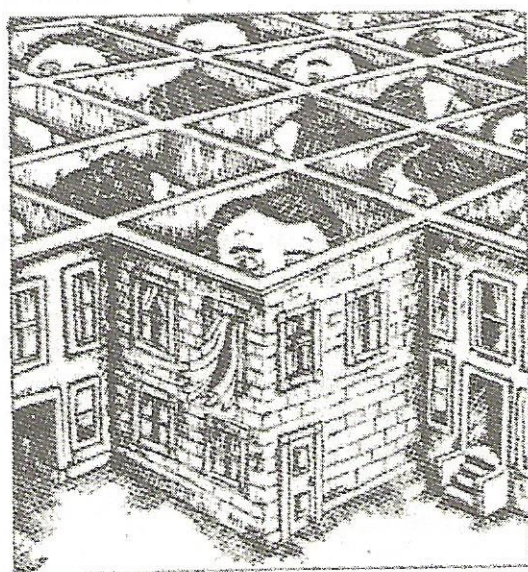
esta a tendência que predominou após o levantamento popular de 19 de Junho de 1936. Foi essa a linha de orientação, privilegiando a colaboração e a participação política, que os “libertários ou anarquistas” políticos até 39, e mesmo depois já no exílio, seguiram. E foi essa a linha de orientação derrotada. Esse outro anarquismo «anti-político», já antes de 36 se encontrava derrotado, por influência da prática leninista, da *Plataforma de Archinov* e da redução da luta de emancipação individual e colectiva de toda a tutela à luta por melhorias parciais e corporativas. Por exemplo, o anarco-pacifismo e o anarco-individualismo tinham sido cilindrados pelo sindicalismo puro e duro.

EDITOR REFRACTÁRIO?

O sócio gerente das edições *Antígona*, Oliveira, recusou conceder uma «entrevista» a um membro desta revista. O pretexto seriam os vinte anos da *Antígona*, uma editora que se tem caracterizado pela edição de alguns autores e livros de *fora do rebanho*. Mais do que uma vez, a *Antígona* tem feito publicidade dos seus livros nesta revista, por outro lado, o «entrevistador» tem publicitado, sem encomenda, alguns dos livros editados na *Antígona*, nomeadamente *Nós e Mendigos e Altivos*. A entrevista, que o membro da redacção da *Utopia* queria realizar com o editor da *Antígona*, não seria nem subserviente, nem fanática. Queria falar de bons livros que a editora, com regularidade, tem editado, e de maus livros que, irregularmente, também edita. Pretendia interrogar o editor da razão de ser da sua actividade, ouvi-lo falar da vida e do amor, e também fazer-lhe perguntas inquietantes, por exemplo, sobre a recente saída da *Antígona* do seu mais prolífero tradutor e colaborador,

Júlio Henriques, ou sobre a edição de um livro que serviu para a editora comemorar os seus vinte anos a, *Antologia de Poesia Erótica e Satírica*, afinal uma reedição da mesma obra lançada nos anos setenta por Fernando Ribeiro de Melo. A entrevista tinha razão de ser. O responsável da editora recusou. E não se dignou sequer a justificar a recusa. Talvez Oliveira temesse as perguntas, particularmente as de um «entrevistador» que não lhe pouparia os elogios, mas que também não iria deixar de abordar *o lado negro* de um editor que já aconselhou os outros «a cultivarem a revolta»? Porém, semanas após esta má performance do editor, surgiu no *Diário de Notícias* uma entrevista a Oliveira. A coisa estava esclarecida. De facto, não é necessário

publicar entrevistas à *Antígona*, por exemplo, nesta revista, já que Oliveira tem acesso garantido nos *grandes olhos* (meios de comunicação). De resto, o leitor da *Utopia*, como de outras publicações assumidamente de fora do rebanho, não esperam encontrar aqui os personagens que se encontram nos *órgãos instituídos*. Aliás, estas personagens, no geral, desprezam publicações como esta. Aham-se demasiadamente *não sei quê* para conceder entrevistas a quem nem o cartão de jornalista possui. E, no entanto, essa atitude é já uma escolha de campo. Assim, Oliveira, auto-proclamado *editor refractário*, é refractário, por exemplo, a conceder entrevistas à *Utopia*, e este é um gesto com significado. Fica, pois, mencionado.



Livros e Leituras

ARQUEOLOGIA DAS PRÓXIMAS RUÍNAS

MANUEL DA SILVA RAMOS,
Portugal, e o Futuro?
Fenda, Lisboa, 1999

Há escritores portugueses contemporâneos de cuja obra não podemos falar sem referir o silêncio que a envolve. Porque este fenómeno específico se revela muito eloquente a respeito das mais genéricas circunstâncias mentais que o suscitam. Ou seja, que a mentalidade portuguesa dificilmente acolhe, comenta e critica quem, em literatura, mija fora do penico.

É este o caso, e bem paradigmático, de Manuel da Silva Ramos. A este autor, em parceria com Alface, devemos a mais portentosa trilogia romanesca moderna sobre a sociedade portuguesa, *TUGA*, que inclui *Os Lusíadas*, 1977, *As Noites Brancas do Papa Negro*, 1982, e *Beijinhos*, 1996. Sintomaticamente, nenhum destes livros foi objecto de análise da crítica literária. O que significa, também neste ramo e sem sombra para dúvidas, que o subdesenvolvimento da sociedade portuguesa não é apenas material, é sobretudo mental. E de facto este subdesenvolvimento não se expõe apenas na exploração da mão-de-obra infantil ou nos salários de miséria, nas habitações caóticas e deficientes, no plantio generalizado de eucaliptos, nos rios poluídos ou na devastação da «natureza», revelando-se também (ou antes

de mais) nas formas de tratamento e nos servilismos mentais concomitantes.

Manuel da Silva Ramos publicou a solo, a propósito do 25 de Abril, uma narrativa aparentemente delirante mas na realidade muito *produtiva* sobre a sociedade portuguesa. O título, desvio do célebre livro de Spínola (*Portugal e o Futuro*) que tanta importância teve no período que precedeu a popular Abrilada, e a foto da capa, em que vemos um soldado, de costas, a coçar o traseiro, remetem para a trama escatológica (no seu duplo sentido) em que assenta a novela. A ideia é simples na sua aparência: Portugal no ano 2020, visto por um narrador que não esconde ser o autor, então com a bonita idade de 72 anos. Este homem, que pratica desporto (corre através das perigosas artérias lixentas de Lisboa), tem a sua paixão verdadeira e nostálgica nos vinhos, vendo-se e desejando-se para ouvir uma voz que lhe grite: «Volta, volta para trás! Hoje há uma prova de vinhos!» Mesmo assim, sente-se bem quando corre «nos corredores do metro entre mendigos que fornecam e estudantes discursivos que cantam e fazem de cada dia uma festa definitiva».

Portugal em 2020, graças a todos os progressos iniciados nos anos 80 do século XX, é então um território bastante avançado. As idosas, por exemplo, através duma simples solicitação ao Junto, entidade administrativa local, podem requerer passar a noite com jovens, coisa que se tornou o último ganha-pão desta faixa etária. Note-se que uma tal medida é profilática e corresponde «aos velhos critérios de Maastricht»: acabar com a velhice

através duma insistência sexual. Do ponto de vista laboral, muita gente trabalha agora em casa; por esse motivo a vida no lar tornou-se extremamente violenta, implicando isso a criação de mais uma polícia especial; a corporação policial, de resto, é a que mais significativamente aumenta. Mas uma parte ainda mais significativa da população dedica-se agora ao desemprego a tempo inteiro. O vasto Alentejo, quanto a ele, tornou-se uma região especializada em cemitérios e respectivos enterros, activando-se nisso a tropa; há vários Casais Ventosos em Lisboa; criaram-se associações importantes como a Associação Recreativa dos Amigos da Metadona; a ponte sobre o Tejo (cujo Presidente é um padre cheio de filhos e amantes juvenis) é monumento nacional onde só passam peões de luxo ou turistas depressivos; os carros são à prova de bala, cruzando as avenidas a toda a velocidade, e nas ruas da capital «os mendigos, aos bandos, lutam com sacos plásticos cheios de lixo ou procuram neles pequenas pérolas de comida», sendo também correntes «os grupos rivais de desempregados em estados levíticos de pré-pedintismo», os «prédios em demolição inacabada, o barricadismo perpétuo».

Neste clima de progresso, naturalmente, os Antiquários adquiriram importância, atarefando-se com «os curtumes de Alcanena, a cutelaria de Fafe, os bordados da Lixa, as filigranas de Gondomar, os sapatos de São João da Madeira, os penicos eróticos das Caldas da Rainha, as cantareiras do Fundão, as

passadeiras do Peso, os tapetes de Arraiolos, as samarras alentejanas», tudo coisas com grande valor de estimação e muita procura, especialmente em Lisboa (onde está tudo concentrado) na zona pedonal de S. Bento, «onde milhares de lojas de antiquários com as velharias do País rodeiam o Parlamento por todos os lados». Os deputados, aliás, são agora em sua maioria antiquários, sendo quase todos eles eleitos «no polígono Rato, Jardim da

Estrela, Largo do Conde Barão, Bairro Alto e Jardim Botânico».

Por outro lado, quase todas as «Indústrias Ligeiras e Pesadas desapareceram ou foram rechaçadas para os Museus Periféricos do Esquecimento», com a excepção notável de uma que continua a desenvolver-se e a dar elevados lucros, «a manufatura das lágrimas». Com efeito, «as pessoas choram por tudo e por nada» e «a maior parte do tempo sem motivo», encontrando-se o

Arsenal de Lágrimas à venda em quiosques, cafés cibernéticos ou paragens dos transportes colectivos, e havendo até preservativos de lágrimas, extremamente necessários.

Esta devastadora fábula de Manuel da Silva Ramos assenta em dois registos opostos, cuja contraditória confluência se revela grandemente expressiva: um muito discreto, as *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, outro o figurino das anti-utopias vindas a lume neste nosso desgraçado século, de que o *Admirável Mundo Novo* de Huxley é talvez a obra mais conhecida (figurino esse, todavia,



nitidamente abandalhado pelo autor, na sua visão satírica de um universo democrático fundamentalmente grotesco). No tocante às *Viagens*, será de referir, a propósito desta paisagem urbana onde o lixo impera, uma passagem em que Garrett descreve, com mal disfarçado nojo, «a desgraciosa confusão de entulhos» que já então se via numa cidade portuguesa, a de Santarém, «labirinto de ruínas feias e torpes».

É de sublinhar a importância que a paródia e o desvio assumem nos livros de Manuel da Silva Ramos (e de Alface), processos

estilísticos certamente alicerçados na teia em que se urde o tempo português. Esta sátira, promotora dum riso desbragado, com a alegria sacudindo o peso morto de reles convenções (destas que em Portugal nos rodeiam como a merda dos esgotos), faz hilariantes incursões pela sordidez das relações sociais na época dum democracia que progride com os cornos do dinheiro enfiados no cu, e por isso se vê cheia de tumores cujo fedor, inelutavelmente, se vai apoderando da paisagem.

Júlio Henriques

A TECNOLOGIA E O CAPITAL

DAVID WATSON, *Against the Megamachine: Essays on Empire & Its Enemies* (Nova Iorque e Detroit: Autonomedia, s/d [1998])

Na senda de Walter Benjamin, Lewis Mumford, Jacques Ellul ou Jerry Mander, o livro de David Watson tenta articular uma crítica integral do sistema tecnológico da civilização contemporânea, caracterizando-o como uma megamáquina que destruiu toda a autonomia individual. A combinação particular do modo de produção capitalista com a tecnologia, alicerçada na ideologia do progresso científico irreversível, teriam produzido as sociedades urbanas industriais do nosso tempo, que Watson caracteriza como uma tecnosfera destinada essencialmente a alimentar a reprodução do capital e a manter as hierarquias de poder nela baseadas. À medida que o capital e a tecnologia alargam as suas fronteiras aos espaços mais remotos

do planeta e às esferas mais íntimas da imaginação, o resultado é a destruição da diversidade cultural e o empobrecimento comunicativo e espiritual. Estas duas consequências, há muito visíveis no coração do império tecnológico, ameaçam hoje todas as culturas periféricas. O corolário deste processo não se limita no entanto à esfera humana, mas reside num ecocídio sistemático, isto é, na destruição da biosfera e das condições que tornaram possíveis todas as formas de vida neste planeta.

Watson mostra cabalmente, para quem isso ainda é necessário, que a expansão da megamáquina capitalista tem a mesma natureza imperial doutras civilizações do passado: a sua manutenção e expansão depende da criação de zonas sacrificadas, seja de milhões de seres humanos mantidos no limiar da escravatura e da fome, seja de vastas extensões de terra, ar e mar envenenados pelos resíduos industriais criados pela produção maciça de energia e de toda a espécie de mercadorias. A destruição planificada por um estado de guerra permanente tem sido outro dos elementos essenciais deste processo de

conquista imperial, exemplificada pelas guerras periódicas do império americano. A expansão da megamáquina é garantida pela estreita ligação entre dois subsistemas tecnológicos essenciais na produção de subordinação à ordem económica: um aparelho militar de dominação e extermínio, constituído pelas modernas tecnologias de vigilância, coerção e violência; e um aparelho ideológico de doutrinação, constituído pelos meios de massas, de que se destaca a televisão. A produção da hiper-realidade televisiva tornou-se mesmo um elemento essencial de arregimentação e consenso: o fluxo constante das suas imagens tem a função de conferir consistência narrativa à ficção das mercadorias e à ficção do processo político. A mobilização da passividade das massas, na guerra contra o Iraque por exemplo, testemunha bem a função ideológica dos media na fabricação da realidade e na legitimação das atrocidades militares.

A crítica de David Watson ao império tecnológico difere de outras críticas da tecnologia essencialmente em dois aspectos. Por um lado, Watson considera que a tecnologia não é socialmente neutra, isto é, ela própria implica um conjunto de relações sociais e reconstitui a organização e hierarquias sociais à sua medida, tornando-se um elemento essencial para a produção e reprodução do capital. Ao contrário de muitos antropólogos e historiadores, Watson vê uma mudança fundamental entre as tecnologias relativamente simples das sociedades arcaicas pré-históricas, ou mesmo pré-industriais, e as complexas tecnologias das sociedades pós-industriais. Esta diferença de escala seria também uma diferença qualitativa: a divisão do trabalho inerente ao modo de produção industrial culminou na criação de sistemas hipercomplexos de produção em que a própria lógica mecânica ou automática do processo

determina o trabalho e a consciência humanas, doravante desprovidos de qualquer autonomia. Nesta medida, a tecnologia tornou-se a ideologia da sociedade pós-científica, na qual a expansão do capital, promovida por instituições produtivas e burocráticas cada vez mais complexas, seria exclusivamente justificada por peritos, eles próprios beneficiários directos dessa expansão, escapando a qualquer decisão política colectiva. A tecnocracia seria assim a forma política particular a que o capitalismo industrial assente na inovação tecnológica deu origem.

Por outro lado, Watson considera que os problemas humanos e naturais criados pela tecnologia não podem ser resolvidos por mais tecnologia. Daí a sua crítica à teleologia progressista das teorias capitalista e marxista, pondo em causa quer o crescimento económico contínuo, quer a equalização da plenitude de mercadorias como objectivos sociais inquestionáveis. Pelo contrário: se aquilo que a história revela é que a produção constante de novas mercadorias e novas necessidades assenta numa exploração inaceitável da natureza e na expropriação dos meios de subsistência de milhões de seres humanos, reduzidos a mão-de-obra dos fluxos irracionais do capital, ambos os objectivos devem ser postos em causa. Para Watson, ao efectivo empobrecimento material de todos aqueles que na Ásia, em África, na América Latina ou nas policiadas bolsas de pobreza dos países industrializados se vêem obrigados a alimentar a megamáquina do ciclo consumo-produção, sobrevivendo desenraizados nas periferias urbanas, soma-se o empobrecimento espiritual e cultural de toda a humanidade, em vias de se tornar uma monocultura em cujo inconsciente e memória o desejo de comprar se tornou a única fantasmagoria e na qual os laços comunitários se desfazem a ritmo acelerado.

Watson propõe por isso a rejeição da tecnocracia, isto é, da ideia cada vez mais corrente de que um universo tecnológico mais total e mais complexo, que automatize ainda mais actividades humanas, seja a solução dos problemas sociais e dos problemas tecnológicos, como a poluição petroquímica, o armazenamento de resíduos nucleares, a contaminação do meio ambiente com resíduos tóxicos, a extinção das espécies ou a mudança do clima. Estes problemas ecológicos seriam o resultado da relação intrínseca entre tecnologia, capital, indústria e Estado que desde sempre caracterizara a civilização tecnológica. De igual modo, as desigualdades e hierarquias sociais são essenciais na cadeia de comando necessária para esta escala de reprodução tecnológica do capital. Por isso, o que Watson propõe é nada menos nada mais do que o desmantelamento da megamáquina: uma inversão no processo industrial que volte a dar à técnica uma escala humana, permita reconstituir a vida comunitária, respeite a vida do planeta e liberte a comunicação da massificação unilateral. Watson não tem um programa ou uma receita, mas argumenta convincentemente, nesta sua crítica do império da máquina e do capital, a favor de uma drástica redução do consumo de energia e da produção de mercadorias. De outro modo, a redução total do planeta a capital prenuncia a substituição da ecossfera por sistemas de vida inteiramente artificiais e a colonização da subjectividade humana por imagens destinadas a justificar esses sistemas.

Os textos reunidos neste livro foram publicados originalmente entre 1980 e 1996 na revista anarquista de Detroit *Fifth Estate*, tendo sido revistos para esta edição. Num estilo eloquente e muito informado, Watson desmascara mentiras atrás de mentiras. Mesmo quando dizem respeito a eventos específicos, como a fuga de gás venenoso no

complexo da Union Carbide em Bhopal, em 1984, ou a maré negra causada pelo Exxon Valdez na costa do Alasca, em 1988, ou ainda a revolta dos índios zapatistas de Chiapas, em 1994, todos os artigos têm a virtude de colocar os acontecimentos num contexto industrial mais vasto. Por isso a reflexão de David Watson parece-me certa não só para desmistificar o discurso ecológico das grandes indústrias, ou as mentiras institucionalizadas pelos meios de massas, ou mesmo a propaganda oficial das guerras americanas e da colonização europeia, mas sobretudo para compreender a profunda ligação entre ecologia e relações sociais. Watson toca nas questões essenciais para que a desertificação tecnológica da natureza e da humanidade comece a ser posta em causa, juntamente com a ideologia que definiu a felicidade como a acumulação de bens materiais produzidos em massa. Com este livro torna-se mais clara a natureza do capitalismo contemporâneo e mais definido o espaço de resistência à sua linguagem e às suas formas, condições essenciais para dar um sentido à revolta.

Manuel Portela

O livro pode ser encomendado para Autonomia /
P.O. Box 568 Williamsburgh Station/ Brooklyn,
NY 11211-0568.



EDGAR RODRIGUES E A ANARQUIA

EDGAR RODRIGUES, *Universo Ácrata*, (2 vol.)
Florianópolis, Editora Insular, 1999.

Com esta síntese da história do movimento anarquista numa perspectiva universal, Edgar Rodrigues quis deixar-nos um legado exaustivo do passado, mas com imensas potencialidades para o presente e o futuro daqueles que lutam pelas ideais libertários. Na esteira de outros livros já publicados, como são os exemplos de *ABC do Anarquismo* (Lisboa, Assírio & Alvim, 1976), *Socialismo-Uma Visão Alfabética* (Rio de Janeiro, Editora Porta Aberta Lda., 1979), *Quem tem medo do Anarquismo* (Rio de Janeiro, Achiamé, 1992) *Sem Fronteiras* (Rio de Janeiro, VRJ-Editores Associados, 1995), Edgar Rodrigues dá voz aos movimentos sociais, aos grupos e pessoas que pugnaram pela emancipação social no nosso planeta.

Para quem ler com atenção as 552 páginas dos 2 volumes do *Universo Ácrata*, observará que existem muitas repetições e gralhas e que, por vezes, existe uma informação riquíssima que não foi suficientemente tratada. Todavia, não era essa a pretensão do autor. Na minha opinião, antes de mais, para Edgar Rodrigues, tratava-se de resgatar a memória dos vencidos da história e desbravar o terreno de um conhecimento que terá de posteriormente ser desenvolvimento.

Neste sentido, é feita uma abordagem das ideias, de pessoas e



organizações que deram expressão e visibilidade social ao movimento libertário internacional. A informação sucinta que é dada permite-nos analisar 39 países, num período que vai desde finais do século XIX até aos nossos dias, abrangendo quase todos os continentes, com excepção da África. De facto, ao privilegiar a sua análise sócio-histórica a partir da Europa e da América, Edgar Rodrigues limitou-se simplesmente a sublinhar uma realidade inquestionável. Na verdade, mesmo sabendo que a universalidade das ideias e práticas do anarquismo atravessaram também os continentes asiático e africano, a sua plasticidade social e a sua repercussão no imaginário colectivo das pessoas cingiu-se basicamente a alguns países da Europa e da América.

Na sua essência básica, o *Universo Ácrata* de Edgar Rodrigues permite-nos doravante estruturar um caminho com dois sentidos distintos. Em primeiro lugar, aprender a historicidade das diferenças, dos erros e das contradições dos “anarquismos” no contexto da evolução da sociedade capitalista. Essa aprendizagem da memória e da história dos nossos antepassados, leva-nos a que ter que reflectir e agir sobre um projecto societário emancipalista inacabo. Em segundo lugar, com as múltiplas hipóteses que a riquíssima informação do *Universo Ácrata* nos legou, temos que redimensionar o património e o esforço inaudito que Edgar Rodrigues tem desenvolvido há várias décadas..

Se conseguirmos “fazer mais e melhor” do que ele já fez pelo ideal acrata, estaremos necessariamente a seguir as suas peúgadas e, logicamente, a desbravar o terreno da universalização da anarquia.

J. M. Carvalho Ferreira

ECONOMIA PARASITA OU DE COMO A VIDA VIROU SOBREVIDA

RAOUL VANEIGEM, *A Economia Parasitária*,
Edições Antígona, Lisboa 1999,
Tradução de Júlio Henriques

*Ao contrário da sobrevivência,
a vida não é mensurável,
cresce mas não se multiplica ao
destruir-se. (Pag.82)*

Não sei se conseguirei exprimir o que a leitura deste livro, recentemente editado, me provocou. Tudo o que acabei de ler parece consistir numa sistematização de muito do que pensava sobre a organização política, económica e social do mundo. Com a abordagem de Raoul Vaneigem à *Economia Parasitária* vi consubstanciadas muitas das críticas por mim antes elaboradas ao actual estado das sociedades. Ao ler este último livro de Raoul Vaneigem fiquei com curiosidade em conhecer os outros três livros do mesmo autor, igualmente traduzidos por Júlio Henriques: *As Heresias*, *Aviso aos Alunos do Básico e Secundário e Internacional Situacionista - Antologia*. Se o nível de intervenção for idêntico ao utilizado neste último livro, são sem dúvida livros a não perder.

Diz-se na contracapa do presente livro que *“o trabalho foi aquilo que o homem achou de melhor para nada fazer da sua vida. Mecanizou, quando se tratava de inventar uma constante vivacidade. Privilegiou a espécie à custa do indivíduo, como se fosse preciso, para perpetuar o género humano, uma pessoa renunciar à fruição de si mesma e do mundo produzindo a sua própria*

desumanidade.” De facto, a ideia base do livro é precisamente esta a de radicalmente deixarmos de viver para nos tornarmos o resultado daquilo que o sistema económico tem por objectivo, tornar-nos meros consumidores alienados, sem vida, porque é bem verdade que *“uma apatia geral consome os indivíduos e as multidões na corrosão do desencanto, na melancolia do novo dia que nasce, numa indigna resignação, na raiva absurda de revoltas sem revolução. O parasitismo erigido em prática corrente por uma rendibilidade prioritária propaga comportamentos de assistidos, desencadeia reflexos de obediência, substitui o soco nos queixos pela mão que mendiga.”*...Mas a resignação paga um preço muito caro pela promessa dum futuro sem presente.

Até quando vamos deixarmo-nos ludibriar por um sistema parasita? Como afirma Raoul Vaneigem (pag.72) a radicalidade é a raiz do homem cujo devir humano a economia travou. Por mais preciosa que seja a consciência do intolerável, a recusa do trabalho, da culpabilidade, das ideologias, do constrangimento e da troca mercantil não exprime tão adequadamente a preocupação duma libertação global como a inteligência sensível, a qual suscita, no seio de um corpo mecanizado pelos comportamentos mercantis, a emergência de uma vontade de viver que, no oposto da vontade de poder, aspira a criar o mundo para dele usufruir, em vez de o destruir ao apropriar-se dele.

É no discurso burocrático que se torna bem legível a separação entre a economia e a vida. A abstracção reduz a vida a uma dimensão microscópica que permite esmagá-la por mera desenvoltura ou distracção. Que podemos nós esperar de quem, aceitando as razões abstractas da economia, aceita a solução *final* do problema humano? Pergunta Raoul Vaneigem.

Nunca em tão pouco tempo (4 ou 5 décadas) um sistema económico tinha ido tão longe nos seus objectivos. Antes o dinheiro trocava-se por bens necessários para subsistir. Hoje o dinheiro só se relaciona consigo próprio, só se troca por si mesmo, vivemos num sistema em que apenas interessam as relações financeiras, monetárias e bolsistas. A burocracia, graças à qual a economia ordena as suas últimas vontades, já não dispõe de crença nem de pensamento. Vai-se formando na mole matéria da inércia como refere Raoul Vaneigem.

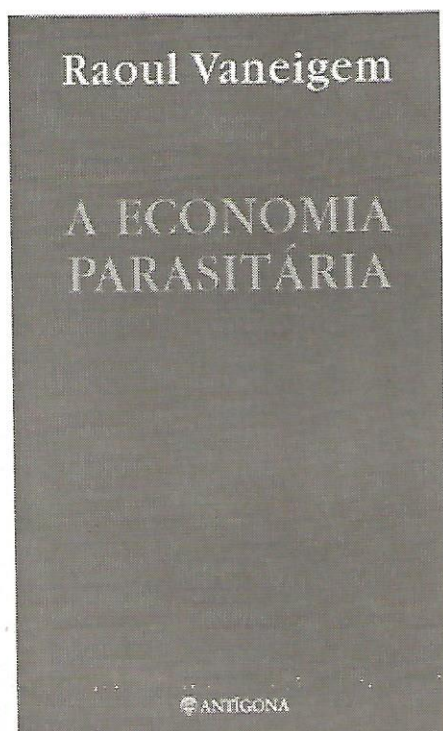
Neste mole sistema inerte as palavras já não têm importância nenhuma, daí que a palavra trabalho seja, segundo o autor, uma palavra-chave, adaptada a todas as fechaduras, ao mesmo tempo que se fecham os portões das fábricas e que o futuro industrial se encerra num lucro ciberneticamente obtido. A dignidade do homem é exaltada à esquina de cada rua onde reina a mendicidade. E o

discurso humanitário, que significa ele? Segundo Raoul Vaneigem apenas isto: **que um brinde dado à miséria fica mais barato do que qualquer reivindicação salarial. A corrupção não tem melhor garante que a pobreza. Ao destruir a escola, a habitação, ou a agricultura natural a corrupção dá nova forma ao velho obscurantismo religioso, tão propício aos negócios.**

A economia que mecanizou a evolução do homem e do mundo não passa de um mecanismo gripado. Nunca a sua realidade se revelara numa tal nudez de mitos e ideologias como nesta hora da verdade em que associa à sua potência totalitária uma total impotência.

Estamos certamente numa era de transição e em que as perspectivas que hoje se colocam são bem diferentes das que se colocavam nos anos 70 e 80. Como nos diz o autor a instauração do mercado da qualidade anuncia a rejeição do critério de quantidade, até aqui dominante. O facto de as coisas começarem a propagar-se menos pelo imperativo duma rendibilidade absurda do que pelo interesse vital que apresentam, leva-as, a pouco e pouco, a deixarem de ter de passar pela multiplicidade abusiva, pela repetição, pela enumeração. A busca de bens em maior concordância com a natureza, ao prevenir a sobreprodução, não age apenas sobre os mecanismos puramente económicos, influi também sobre os comportamentos.

A nós incumbirá operar a transmutação do trabalho da quantidade em qualidade de criação. E essa transformação parece ser já uma realidade em muitos países, porque "(...) *de tanto ser intrujada e mistificada, uma consciência cidadã foi-se assim sensibilizando perante aquilo que ameaça mais uma vez maltratá-la. Esta consciência concentra-se facilmente em colectividades locais capazes de uma rápida mobilização em prol dos interesses de uma região,*



contra o encerramento de fábricas, a devastação de paisagens.”

Tanto é novo e intenso este movimento no sentido da mutação radical que acabo com palavras do próprio autor, por impossibilidade de exprimir melhor: *“A recomendação de agir localmente e pensar globalmente dá à internacional da revolução quotidiana uma espinha dorsal ridiculamente débil, e de tal modo inconsistente que poucas possibilidades lhe atribuiríamos de derrotar a formidável burocracia que regula em proveito próprio a irrigação financeira do mundo, se uma irrepresível obstinação não fizesse prevalecer, aqui e ali, sobre o obscurantismo mercantil, as pequenas*

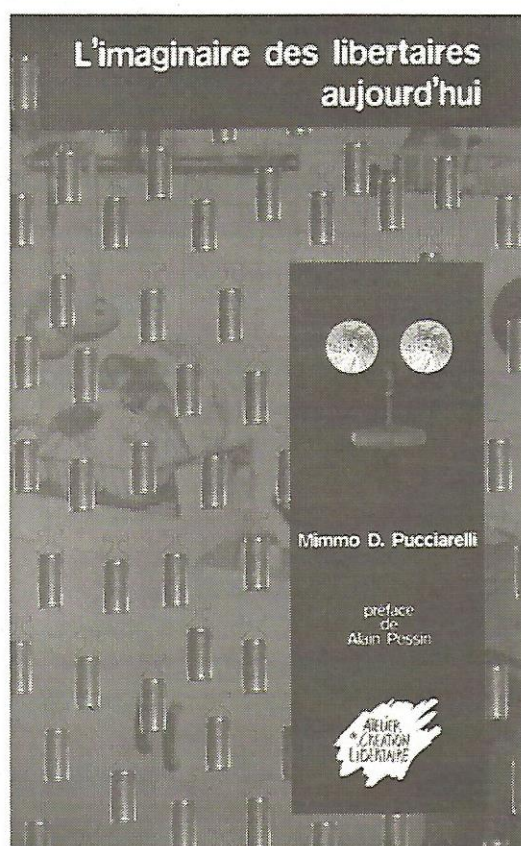
centelhas de uma paixão que nunca deixa de se inflamar em contacto com o vivo.”

Eis um livro a reler sempre que esta ficha de leitura me passar pelos olhos ou sempre que fôr necessário ouvir a minha voz tão bem expressa em muitas das palavras ora transcritas.

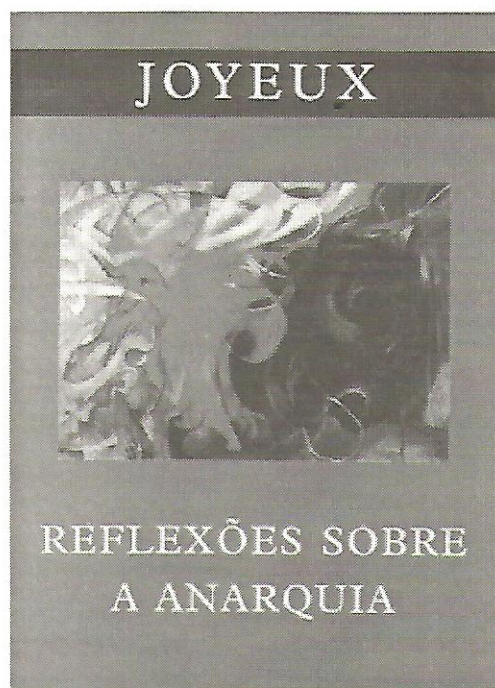
Há apenas uma força capaz de se premunir contra os ataques da barbárie.

Essa força é o vivo e a consciência que o leva, não a defender-se, mas a irradiar por toda a parte com vontade soberana.
(Pag.89)

Guadalupe Subtil



Contacto: Atelier de création libertaire, BP 1186, F - 69202 Lyon cedex 01, France



Contacto: Editora Imaginário, Av. Pompeia, 2549 conj. 01, CEP 05023-001 São Paulo, Brasil

Publicações Recebidas

A

Mensal, ano 29, nº8, Novembro 1999

Do Sumário: Terminator alla conquista della terra; Riflessioni di fine millennio; Ma noi non restiamo disoccupati; Un appello per la donne afgane; Il premio Alex Langer; Solidarietà con Marco Camenisch; Contra tutti i nazionalismi; Casbah, Zinigaglia, Paolo Angeli; Per una città sostenibile; Municipalismo libertario; Ecologia sociale a convegno; Due approci alla psichiatria; Tutti quei blues; Gli occhi del potere; L'impresa del Santo, I vent'anni dell'ACRL; Perché odiate I comunisti?; Calla Postale.

Contacto: Editrice A, Cas. Postal 17120, 20170 Milano; Itália.

@ Desalambarr

Para la creación de la espacios libres, nº 11, Inverno de 1999

Do Sumário: Los Derechos, de lo utópico a lo social; Economía de Mercado Globalizada y Derechos Humanos Universales; Pax Americana; Propuesta para analizar la crisis del sistema educativo formal; La Revolución Universitaria (1918-1919); Convocatoria al II Encuentro Americano por la Humanid y contra el Neoliberalismo; !8 de Junio de 1999; Córdoba – Encuentro Anarquista "99"; Primer Encuentro de Mujeres Anarquistas; Porqué seré anarco-feminista?; Biblioteca Popular "José Ingenieros" – Apuntes para una historia; Rodolfo González Pacheco; Soñar no cansa.

Contacto: @ Desalambarr, Casilla de Correo 3708, (CP 1000) Buenos Aires, Argentina.

Albatroz

Literatura de Aguarrás, nº 21, 1999

Do Sumário: Poème de Paul Nougé, Bilan sommaire de l'agression yankee en Yougoslavie; Comment on écrase l'Irak; Texas (USA) – Le condamné a mort Farley C. Matchett, l'avocat Botsford & l'Argent (V); On souffre trop en Afrique; Pendant que vous prenez ele thé avec la femme du ministre; Tête de boche (Ou le langage des pauvres); Violaine au violon; Sala de espera; Aux poètes de la douleur; Bohème; Javier Heraut est toujours plus vivant.

Albatroz, B.P. 404, 75969 Paris cedex 20, France.

Albor

Periódico Anarquista, nº 27, Outono 1999

Do Sumário: Nosotros Mismos; Una Propuesta Constructiva, Conchita; Organización Social Saludable; El Progreso; Servicio de Librería.

Contacto: Albor, Apartado 699, 01080-Vitoria, España.

Al Margen

Portavoz del Ateneo Libertario, Año VIII, nº 31, Outono 1999

Do Sumário: Tres Diálogos sobre la Exclusión; Racismo contra los Pobres; Los Otros; La Pobreza, un Día Más; Una de Braceros; Diferencia; Dis-Tinto; Tortura en las Cárceles; Pollos Locos y Capitalismo Salvaje; Estultitia Quiosque Tandem – El Viaje; Guía Práctica del Bueno Ciudadano; Los Ateneos Libertarios y el Anarquismo; Encuentros de Ateneos Libertarios: Entre la Rutina y la Esperanza; Un Trozo de Hueco; Poesía; Las (Pre) Jubilaciones; Ecus de Suciedad sin Corazón, Corazón; El Dios Insumiso; Libres; El Comunista.

Contacto: Al Margen, C/ Palma, 3 – 46003 Valencia, España.

Archipiélago

Cuadernos de Crítica de la Cultura, nº 38, 1999

Do Sumário: Escuela y democracia; Encrucijadas y paradojas de los cambios educativos; En defensa de la escuela pública; Enseñar a no saber; Materiales para la defensa de la Enseñanza media; Las pedagogías psi y el gobierno del yo en nuestros regímenes neoliberales; Es usted gitano, y va a la escuela; La escuela pública cogida en tenaza; Evaluación del sistema educativo: para qué?; La universidad entre democracia y barbarie; La universidad, o lo uno y so contrario... pero simultáneamente; Algunas consideraciones y dudas sobre la investigación en la universidad; El csic y su futuro; La voz del estudiante; De la agonía y el éxtasis: la excelencia de la precariedad; Universidad pública, servicio público; Las razones de un manifiesto.

Contacto: Editorial Archipiélago, Apartado de Correos nº 174, 08860 Castelldefels (Barcelona), España.

Black Flag

For Anarchist Resistance, nº 218, 1999

Do Sumário: Social Cleansing & the End of Council Housing; J18 – In the City... All Around the World; Behind Dover's Headlines; Drugs & Guns; Stupid Season; Repression, Resistance & Dirty Tricks in Italy; The Invisible War; A New Internationalism; May Day in Medellín, Columbia; Southall Black Sisters; Big House Bigotry; "The People's Flag is Deepest Black..."; The Hate That Dares Not Speak its Name!; I was Tony Blair's Lap Dog; The Brazilian Anarchist Uprising of 1918; The Medicine Still isn't Working; Prisoners; Film & the Anarchist Imagination; Twenty-first Century Anarchism: Unorthodox Ideas for a New Millennium; Redemption

Song.

Contacto: Black Flag, BM Hurricane, London wcin 3xx, England.

Bollettino

Archivio G. Pinelli, nº 13, Agosto 1999

Do Sumário: Cose nostre; Tesi e ricerche (La riscoperta di Élisée Reclus); Anniversari (Ancora sul '68 – Intervista a Duteuil); Memoria storica (Matrimonio e libere unioni secondo Elie Reclus); Informazioni editoriali; Appuntamenti (L'anarchismo ha un avvenire? Convegno a Toulouse); Album di famiglia; varie ed eventuali.

Contacto: Centro Studi Libertari/Archivio Pinelli, Via Rovetta 27, 20127 Milano, Italia.

Courant Alternatif

Organisation Communiste Libertaire, nº 92, Outubro 1999

Do Sumário: Edito; Immigration. Sommet de Tempéré; Rentrée scolaire: Flexibilité et précarité; Rubrique: Social; Rubrique: LMouvement; Vit'fait sur le zinc; L'Espagne torture, la France collabore; Rubrique: brèves; Kosovo; Rubrique: Livres; Indonésie; Rubrique: Flics; Timor; Conf. paysanne: réalité contrastée; Inculpés Millau; Communiqué presse.

Contacto: OCL/Egrogore, B. P. 1213, 51058 Reims Cedex, France.

Cruz Negra Anarquista

Folha Informativa, nº 1, Julho 1999

Do Sumário: Internacional: Michel Patera e Václav Jez estão em Liberdade!!!; Dia Internacional de Apoio a Múmia Abu-Jamal; Múmia Necessita de Cuidados Médicos; Conta de Apoio para Xosé Tarrio González; Mais uma agressão a um preso – Solidariedade com Sergio Sampedro Espinosa; Justiça para Mark Barnsley Já!!!; Preso Anarquista Apoiado em Portugal: Adérito Soares Neto; Grupos da CNA na Península Ibérica.

Contacto: Cruz Negra Anarquista, Apartado 21.290, 1131 Lisboa.

Ekintza Zuzena

Aldizkari Libertarioa, nº 25, 1999

Do sumário: El otro Aznar; Lizarra-Garazi: Análisis de Situación; La abolición del trabajo; El partido del Estado; Instituciones Tutelares – Tráfico de niños y corrupción de menores; Incluso en la distancia; La Europa de la mentira; LSD – Herald Tribune; La sexualidad de la mujer; Ingeniería genética – manipulando el futuro; La clonación ideológica; Declaración de Estado de sitio; Iraq; Armak Eta Petrolioia; Alfabetización emocional; Latinoameriketako Indigenak.

Contacto: Ediciones E. Z., Apartado 235, 48080 Bilbo (Bizkaia), España.

El Acratador

Boletín contrainformativo, nº 65, Junho 1999

Do Sumário: Acratorial; A las que quieran escuchar... sobre lo alternativo; Basta de pantanos; La guerra humanitaria; Nos han mentido; Ha acabado la guerra? La Madalena – un barrio en extinción; proyecto Policia 2000; Aragon Info; Colaboradores; Contr@ Info.

Contacto: El Acratador, Apartado 3141, 50.080 Zaragoza, España.

Etcétera

Correspondencia de la guerra social, nº 33, Junho 1999

Do Sumário: A propósito de los Balcanes; A vueltas con la cultura; La segunda transición de Euskal Herria; Portugal, 1999; Exiliados de España en 1939; Correspondencia; hemos recibido...

Contacto: Etcétera, Apartado 1363, 08080 Barcelona, España.

Germinal

Jornal Anárquico e Libertário de Trieste, nº 81, Setembro-Dezembro

Do sumário: Ceramis: Comica finale?; Gli eserciti politicamente corretti – Scompare la naja?; Kosovo – L'accordo di pace; Cartolina dalla Bosnia Erzegovina; Kosovo e Serbia – Guerra e cittadinanza; Croazia – La guerra é davvero finita?; Alpe Adria alla conquista dell'est; Da Torino "Mi Dispiace"; rete delle donne anarchiche contro gli integralismi; Meetin anticlericale – tutti a roma nel 2000; Irregolare; Fiera dell'autogestione di economia e altre cose; La vita come spettacolo, Messico – Nel cortile del paradiso; I distruttori di macchine in memoria; Cultura della mediazione – Autogestione del conflitto; Anarchici a Trieste – Se trent'anni vi sembran pochi...; comunicati & recensioni, Libertaria: facce pensare!

Contacto: Gruppo Anarchico Germinal, Via Mazzini, 11, 34121 Trieste, Italia.

La Campana

semanario de información y pensamiento anarquista, IIª Época, nº 122, 15 Novembro 1999

Do Sumário: Buzón de La Campana; Editorial; Temporeras; Lucha y represión; La semana; Otras miradas – cine japonés, entre la ternura y la violencia; Publicaciones; A propósito del asesinato de Bjorn Soderberg – Donde está el anarcosindicalismo? (...)

Materile, rile, rile.; Anuncios breves, convocatorias, intercambios; Garrote Vil – Jaime Boix Corachán, 1946.

Contacto: La Campana, C/ Pasantería, 1-3ª planta, 36002 Pontevedra – España.

La Griffe

Revista Trimestral, Analises e Livros Libertários, nº 14, Junho 1999

Do Sumário: Dossier Polar; Rwanda, un génocide

français; Rwanda. Généalogie d'un génocide; Droit au travail obligatoire et criminalisation de la misère; Kosovo, la guerre cachée; Infos et revues; Des OGM et du citoyen; Identités, religions, ethnies, nations, mondialisme, internacionalisme, universalisme, différences; Le renouveau libertaire en débat à Lyon en septembre; L'anarchisme a-t-il un avenir?; Programme du colloque de Toulouse; Nouveautés.

Contacto: La Griffes, c/o Librairie La Griffes, 5, Rue Sébastien Gryphe, 690007 Lyon, France.

Le Monde Libertaire

Hebdomadaire de la Fédération Anarchiste, 11 a 18 de Novembro 1999

Do Sumário: Refusosns toutes les armées!; Pour une approche socialisée des transports; Action humanitaire – L'instrumentalisation de la misère; IVG: un droit fondamental mis en difficulté; Le retour des aiguilles à tricoter?; Restaurant du Train Bleu: rejet de l'accord sur les 35 heures; Circulaire Chevènement – Rafles le retour; Belgique: provocation du ministère de l'Intérieur; Les femmes en noir contre l'impunité policière; Cinéma – Deux films de femmes; Lecture – Notre ami Ben Ali; Paroles d'insoumis – Face à l'armée, seule la lutte paie; Après "sous les pavés, la plage" – Sous les livres, la rue!; Contacto: Le Monde Libertaire, 145, Rue Amelot, 75011 Paris, France.

Le Rire

Réseau d'Information aux Réfractaires, nº 28, Julho-Agosto 1999

Do Sumário: Timide ouverture du nouveau pouvoir; Expulsions – L'Europe en marche; Pas de retention, pour l'information; La morale sera t'elle notre defaite?Aerospatiale-Matra, fusion enchaîne; Les rois du cirque; Si tu ne vas pas contre Lagardere, Lagardere ira...; Les fusils commandent à la politique qui commande les fusils; Etats-Unis – Un frein à la réconversion des industries de l'armement: l'exportation; 2 ans de rire a lire ou a relire; Une ardeur guerrière.

Contacto: Le Rire, BP 2402, F 13215 Marseille Cedex 02, France.

Letralivre

Cultura libertária, Arte, Literatura, Ano III, nº 24, 1999
Do Sumário: Julguemos os EUA por seus feitos, e não por suas palavras; Um livro sério; Autonomia: apresentação de um conceito; Crise, ou revitalização do pensamento anarquista internacional?; Trotski – Nem profeta armado nem desarmado, apenas um ditador frustrado; O pecado de ser original; As histórias do sr. Keuner; Uma mulher espera por mim.

Contacto: Letralivre, Caixa Postal 50083, 20062-970 Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

Libera

Informativo do Círculo de Estudos Libertários Ideal Peres; Ano 9, nº 93, Março-Abril 1999

Do Sumário: Os Pilares da Nação; O Ano do euro; Vencendo o Sistema!!!; Notícias libertárias.

Contacto: CELIP/RJ, Caixa Postal 14576, CEP 22412-970 Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Libertaria

Il piacere dell'utopia, nº 1, Outubro-Dezembro 1999

Do Sumário: Volontà/libertaria – ecco libertaria; Ti ricordi piazza fontana?; PCI 6 stragi la politica del silenzio; CIA e così SIA; Globalismo/localismo – per fortuna non siamo tutti omogeneizzati; Il Buco Nero della Modernità; Balcani e la Chiamano Pace; Manifesto dei sedici; Gli anarchici hanno dimenticato i loro principi; I padroni dell'informazione; L'imaginario libertario di Castoriadis, Quel bipede che inventò la società; Nuovi percorsi per l'anarchismo; Tra la guerra e la pace c'è una sottile linea rossa; 48ª esposizione internazionale d'arte – L'Anarchico Biennale.

Contacto: Libertaria, Via Rovetta, 27, 20127 Milano, Itália.

MUPI.

Mulheres Unidas Pela Igualdade, nº 1, Outubro 1998

Do Sumário: Mulheres unidas pela igualdade; Mulheres e SIDA; Ciclo Menstrual; O órgão sexual Feminino; Como fazer o auto-exame; Violência contra a Mulher.

Contacto: a/c Silvia Ribeiro – MUPI, Apartado 3116, 2745 Queluz.

Opción Libertária

Organo de GEAL – Grupo de Estudio y Acción Libertaria, nº 31, Junho 1999

Do Sumário: Kosovo; "Mecanismo de dominación y mecanismo de libertad" (Córdoba, 1999); 1º de Maio – 112 años después; Garfitti: los editoriales de la libertad; Simón Radowitzky y el 1º de maio de 1909; El poder también está en nosotros – Desencuentros y encuentros positivos; W. Mayakovsky; Falsas las estrellas y falsos los guías; Anotaciones sobre el papel del arte en la sociedad; Múmia Abu-Jamal; Inés Guida de Impemba; Albania; Raíces para el cambio improrrogable: Humanismo y Anarquismo.

Contacto: Luce Fabbri, Casilla de Correos 141, C.P. 11000 Montevideo, Uruguai.

Política Operária

Revista comunista, Ano XV, nº 71, Setembro/Outubro 1999

Do Sumário: Ponto de Vista: Radiografia; As eleições estão perdidas; Reflexões europeístas; Timor, sob o manto diáfano da fantasia; Timor à luz da Jugoslávia; O estado da nação; Estado de direito?; Operários em greve pelo direito à semana de 40 horas; Defender os

trabalhadores nas direcções sindicatos?; Indonésia também resiste; Timor – Por trás da agressão; Irlanda; Cuba de novo; O último folhetim russo; Meio século depois, os EUA confessam guerra bacteriológica na Coreia; Despejo no Paraná; Sida, tragédia humana e económica em África; Nós e o Bloco; Partido – Voltando à “vaca fria”; China, o despertar de um mundo novo; O social-fascismo nunca existiu?; Monthly Review – 50 anos; Livros; Longe a Leste nos trópicos.
Contacto: Política Operária, Apartado 1682, 1016 Lisboa Codex, Portugal.

Réfractions

Recherches et expressions anarchistes, nº 4, Outono 1999

Do Sumário: Espaces d'anarchies; Élisée Reclus géographe, une héritage encore virtuel; La ville et la géographie urbaine chez Élisée Reclus et à travers son époque; Plaidoyer pour une géographie reclusienne; Plus loin s'articulait la source; Élisée Reclus et Patrick Geddes géographes de l'esprit. Les études régionales dans une perspective globale; Anarchitectures?; À propos de l'écologie sociale et de l'économie; Le Kosovo et la guerre; Note historique sur la Première Guerre mondiale; De la guerre lasse...; Nouveaux sans être libres; Pour une contribution spinoziste à l'idéal libertaire; Les revues; Les livres.

Contacto: Les Amis de Réfractions, BP 33, 69571 Dardilly Cedex, France.

Rivista Storica dell'Anarchismo

Ano 5, Número 2 (10), Semestral, Julho-Dezembro 1998

Do Sumário: Pier Carlo Masini; In ricordo di Mirella Lolli Larizza; Mussolini e l'attentato Zamboni. La svolta del'26; Ricardo Flores Mágon: una vita in rivolta; Il populismo russo nella storiografia polacca; Anarchismo e resistenza in Liguria; Appendice: per un dizionario biografico degli anarchi nell'antifascismo e nella Resistenza in Liguria; Recensioni e schede bibliografiche; Notiziario; Libri ricevuti.

Contacto: Biblioteca Franco Serantini, Cas. Post. 247, 56100 Pisa, Itália.

Singularidades

- ... modos de ser inconformista, Ano VI, nº 14, Novembro 1999

Do Sumário: Uma campanha necessária; Ocidente e Oriente – Temática base; Djidiu; Crónica de Natal; Michelet; Abrir Abril; Excalibur Futurista; Forte e Fértil; De albergue das crianças abandonadas a centro de promoção juvenil; Timor: algumas reflexões a frb... preparando a bonança; Entrevista com Murray Bookchin; Carta à “Ad Urbem” – sobre o ordenamento do território; O anarquismo e a nova era.

Contacto: Singularidades, Apartado nº 13117, 1019-

502 Lisboa.

SOS Prisões

Ano III, nº 29, 15 de Outubro de 1999

Do Sumário: Editorial; Olha para o que eu digo...; Não liguês ao que eu faço...; Mário Conde: os gigantes também caem; Julgamento de guarda prisional por alegada violência sobre recluso; Carta ao sr. 1º Ministro; Posição da ACED sobre a lei 170/99 de 18 de Setembro de 1999; Insubmissão à prisão; Dos condenados em pena de prisão afectados por doença grave e irreversível em fase terminal; Michal Patera já está em liberdade.

Contacto: SOS Prisões, Apartado 1928, 1057-001 Lisboa Codex.

Umanità Nova

Settimanale Anarchico, Ano 79, nº 34, 31 de Outubro 1999

Do Sumário: Aviano: bombe e bugie; Svezia: manifestazioni contro fascismo e razzismo – No Pasaran!: Attentato dinamitardo contro una sede della SAC; Manganello Catalano – Dura repressione degli antifascisti in Spagna; Il pensiero unico capitalista; Reddito di cittadinanza: le briciole nel piatto; L'imprenditrice va alla guerra; Teatro: dal mito alla metropoli; Imola: Convegno sull'Unione Anarchica Italiana; Spezzano Albanese: contro la speculazione; Senza Frontiere.

Contacto: Umanità Nova, c/o G.C.A. Pinelli, via Roma 48 - 87019 Spezzano Albanese (CS), Itália.

Outros documentos e livros recebidos

BOOKCHIN, Murray (1999), *Municipalismo Libertário*, São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Soma-Coletivo Anarquista Branca Leone.

CARVALHO, Silva, et al. (1998), *Portugal Literary & Cultural Studies*, New Bedford, MA, University of Massachusetts Dartmouth.

C.N.T. (1999), *A Guerra Civil Espanhola nos Documentos Libertários*, São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Soma-Coletivo Anarquista Branca Leone.

CRANSTON, Maurice (1999), *Diálogo Imaginário entre Marx e Bakunin*, São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/soma-Coletivo Anarquista Branca Leone.

FILHO, Olavo Cabral Ramos (1999), *Bartolomeu & Nicolau*, Rio de Janeiro, Achiamé.

GONÇALVES, Adelaide e **SILVA**, Jorge (1999), *Bibliografia Libertária. Um século de anarquismo em língua portuguesa*, São Paulo, Editora Imaginário.

JOYEUX, Maurice (1999), *Reflexões sobre a Anarquia*, São Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Soma-Coletivo Anarquista Branca Leone.

LE MANACH, Yves (1999), *Artichauts de Bruxelles*, Paris, Ed. l'Insomniaque.

MALATESTA, Errico (1999), *A Anarquia*, São

Paulo, Nu-Sol/Imaginário/Soma-Coletivo Anarquista Branca Leone.

LE LUNDI AU SOLEI (1998), *Recueil de textes et de récits du "mouvement des chômeurs"*, (cahier nº 1), Paris, Ed. l'Insomniaque.

RAGO, Margareth (1999), *Anarquismo e Feminismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Achiamé.

RODRIGUES, Edgar (1999), *Pequeno Dicionário de Ideias Libertárias*, Rio de Janeiro, CC&P Editores Ltda.

JOSÉ REIS SEQUEIRA

José Reis Sequeira morreu, no dia 1 de Outubro de 1999, na localidade de Marinhais. Aquando do seu penúltimo aniversário tive oportunidade de visitá-lo e, nessa altura, apercebi-me da sua fragilidade existencial. Sem memória e sem capacidade de locomoção, não era mais o militante activo que lutou, durante décadas, em prol da emancipação social das massas trabalhadoras.

Este homem, para quem o ideal sobretudo através do sindicalismo Silves a 28 de Junho de 1907. Filho recursos, só teve possibilidades de até aos 8 anos de idade. Com 11 corticeira, onde a partir daí integrou grande parte da

No tempo da Primeira apercebeu-se das desigualdades e atravessam a sociedade assim, que na década de 20 tenha Juventude Sindicalista e no Corticeira de Silves.

Apesar dos constrangimentos existentes, durante a ditadura de Salazar e Caetano, ainda teve tempo para participar em lutas que procuravam derrubar o fascismo e ajudou a distribuir clandestinamente o jornal *A Batalha*. Depois de 25 de Abril de 1974, a sua acção militante centrou-se basicamente na dinamização das actividades do Centro de Estudos Libertários e na reedição do jornal *A Batalha*.

Como aconteceu com muitos outros, José Reis Sequeira perdurará como um militante anónimo, não obstante ter transformado a sua vida numa luta pela dignificação da classe trabalhadora e do sindicalismo revolucionário.



acrata foi sentido e vivido revolucionário, nasceu em de uma família com fracos frequentar a escola primária anos ingressa na indústria aprende a profissão que trajectória da sua vida.

República, ainda muito novo, das injustiças sociais que portuguesa. Não admira, ingressado no núcleo das Sindicato da Indústria

J. M. Carvalho Ferreira

ERRATA

Caros leitores,

Como é já do vosso conhecimento, a revista *Utopia* n.º 9, saiu com uma série de gralhas, omissões e erros de natureza linguística. Do facto pedimos desculpa. Na tentativa de remediar, em parte, as omissões e os erros cometidos, reproduzimos neste número da revista *Utopia* as notas do artigo de Charles Reeve – “Episódios da Modernidade Portuguesa” -, pp. 70-91.

NOTAS

- 1 Nos meses que se seguiram ao golpe, os militares criaram a Comissão de Extinção da PIDE. Esta comissão tornou-se rapidamente um campo de batalha para as forças políticas que queriam apropriar-se dos dossiês e pôr os meios da PIDE ao serviço do novo Estado. O PCP foi o primeiro a fazê-lo, com vista a informar-se sobre os seus opositores mas também para se prevenir no respeitante ao futuro.
- 2 Em 1975 a extrema-direita organizou diversos atentados terroristas e assassínios, contra militantes de extrema-esquerda mas também contra o PCP.
- 3 APOIAR – Av. de Roma, 135-3.º, 1700 Lisboa.
- 4 Ver *Utopia* n.º 5, 1997, artigo da Coordenadora Informativa e de Apoio à Okupação, seguido de uma entrevista aos ocupantes da casa aqui referida, situada na Rua Santos Dumont, em Lisboa.
- 5 Lembremos que Antero de Quental, sobretudo conhecido como poeta, foi igualmente um grande ensaísta. Foi ele o primeiro tradutor de Proudhon em português e um dos fundadores do primeiro núcleo da Internacional em Portugal.
- 6 Antero de Quental, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, Lisboa, Maio de 1871.
- 7 Entrevista no *Jornal de Letras*, Lisboa, 2-12-1988.
- 8 13%, ou seja, o triplo da da Grécia.
- 9 Da ordem de 300 escudos/hora, contra 450 em Espanha e 1200 em França. A taxa horária mínima é de 180 escudos na Coreia do Sul e de 120 na Polónia. (Fonte: OCDE.)
- 10 Declarações de Kim Jokipii, patrão duma multinacional nórdica de fabrico de papel.
- 11 «O Ano Português», *Diário de Notícias*, 29-12-98.
- 12 Apesar da integração europeia, os capitais norte-americanos continuam a estar em primeiro lugar nas grandes empresas multinacionais que se instalam em Portugal.
- 13 Ultimamente, a venda ao sector privado das grandes empresas públicas permitiu ao Estado embolsar somas avultadas.
- 14 Um em cada cinco portugueses tem telemóvel; 50% das famílias possui automóvel.
- 15 Em 1990 havia 68 idosos (pessoas com mais de 60 anos) para 100 jovens. Oito anos depois, esta relação era de 90 para 100. No Centro, no Alentejo e no Algarve os idosos chegam a constituir 40% da população. A média europeia é de 21%.
- 16 Portugal tem a mais elevada taxa de acidentes rodoviários de toda a Europa, em número de mortos por habitantes; é, por exemplo, o dobro da da França.
- 17 Uma quarta parte dos emigrantes portugueses, segundo *El Diario de Navarra*, de Pamplona.
- 18 Cf. José Luís Félix, «Imigração/Exploração», *Utopia* n.º 8.
- 19 Há nas prisões portuguesas três a quatro reclusos por cela.
- 20 A organização clandestina FP 25 (Frente Popular 25 de Abril) foi criada em 1980 por activistas revolucionários que graças a acções armadas

pretendiam superar a fase de refluxo do movimento social e a falência dos projectos políticos situados à esquerda do PCP. Muitos destes militantes eram oriundos da esquerda populista que, após o contragolpe militar de Novembro de 1975, se tinham reagrupado em torno de Otelio Saraiva de Carvalho. Rapidamente perseguidos pela polícia, denunciados pela esquerda e isolados da população, estes militantes foram presos apesar de algumas acções que deram brado. A quase totalidade dos seus membros veio a encontrar-se na prisão, alguns deles condenados a pesadas penas. Uma primeira amnistia, em 1991, libertou os chefes da organização, entre os quais Otelio. Os últimos presos, os que tinham recusado arrender-se, só foram libertados em 1996. Um livro dá testemunho deste período:

Manuel R. de Sousa, *Guerrilha no Asfalto – As FP 25 e o tempo português*, Fora do Texto, Coimbra, 1992. O autor, de sensibilidade libertária, fazia parte de um grupo das FP 25 que se evadiu da Penitenciária de Lisboa em Setembro de 1985. Analisa a experiência da luta armada dos anos 70-80 como uma regressão relativamente à fase precedente de lutas, marcada, esta, pela pluralidade, a autonomia e o seu carácter anti-autoritário.

- 21 As informações a respeito desta revolta e do complexo carceral português são extraídas de um excelente trabalho sobre as prisões realizado por jovens anarquistas portugueses: «Desmontar a farsa do sistema prisional – A verdade sobre os protestos de 1996», Lisboa, 1998, inédito.

ASSINATURAS

Necessitamos de aumentar o número de assinantes. Com um número significativo de assinaturas é possível manter uma actividade editorial regular e simultaneamente encurtar o horizonte temporal da sua periodicidade. Assim

sendo, todo o leitor que se queira tornar cúmplice deste projecto, como assinante da revista *Utopia*, deve preencher o cupão abaixo (ou escrever uma carta com os dados mencionados) e enviá-lo para a nossa morada.

Nome _____

Morada _____

Assinatura anual (2 números)

Portugal

1500\$

Estrangeiro

2000\$

Pagamentos através de dinheiro, cheque ou vale postal à ordem de «Associação Cultural A Vida»

Apartado 2537 · 1113 Lisboa codex · Portugal

PRINCÍPIOS EDITORIAIS

UTOPIA define-se como revista anarquista de cultura e intervenção, o que significa a reivindicação do património histórico das ideias libertárias e do movimento anarquista, ainda que à luz de um pensamento próprio, activo e actual, e no respeito face a outras interpretações desse património.

Ao definir-se como de cultura e intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de tolerância, diálogo e criação, procurando contribuir para o aperfeiçoamento dos homens e para o alargamento das suas possibilidades de expressão e de invenção.

Ao definir-se como de intervenção, UTOPIA pretende-se como um espaço de análise e debate dos fenómenos sociais e políticos das sociedades contemporâneas, procurando contribuir para a emancipação e a liberdade dos indivíduos e dos grupos sujeitos a quaisquer situações de opressão, repressão e intolerância, assim como procurará opor-se aos sistemas e mecanismos conducentes a manter situações de constrangimento e desvantagem social e económica de indivíduos e grupos em relação a outros, e ao Estado, entendido como um poder a que todos os homens devem obedecer mesmo que em desacordo com ele. Nesta intervenção, UTOPIA será a expressão de lucidez e de revolta, assumindo plenamente o carácter utópico das tarefas a que se propõe.

UTOPIA guiará a sua acção por uma ética de honestidade, frontalidade, solidariedade e tolerância, que se procura expressar nestes princípios editoriais e que levará à prática em cada edição e em quaisquer actividades que venha a desenvolver.

As colaborações não solicitadas são desejadas, embora sujeitas à apreciação do colectivo editorial. Qualquer colaboração não publicada será devolvida ao autor, com a justificação dessa decisão.

O colectivo editorial compromete-se a abrir rubricas de debate quando tal for considerado enriquecedor e esclarecedor para os leitores e para os princípios aqui defendidos, sendo os autores previamente informados dessa intenção.

A indicação de um proprietário e de um director da revista deve-se a exigências legais, sendo desejada a rotatividade da direcção entre todos os que fazem UTOPIA.

A responsabilidade dos textos assinados é dos seus autores e a responsabilidade pelo projecto é de todo o colectivo editorial.

